

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**Etnografia na Rua da Praia: Um estudo antropológico sobre cotidiano,  
memória e formas de sociabilidade no centro urbano porto-alegrense.**

**Thais Cunegatto**

**Orientadora:**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cornelia Eckert**

**Porto Alegre, abril de 2009**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**Etnografia na Rua da Praia: Um estudo antropológico sobre cotidiano,  
memória e formas de sociabilidade no centro urbano porto-alegrense.**

**Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em  
Antropologia Social da Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul como  
requisito parcial para a obtenção do  
título de mestre em Antropologia Social.**

**Thais Cunegatto**

**Orientadora:**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cornelia Eckert**

**Porto Alegre, abril de 2009**

## **BANCA EXAMINADORA**

Profa. Dra. Maria Luiza Martini (PPGH, UFRGS)

Profa. Dra. Ana Luiza Carvalho da Rocha (PPGAS, UFRGS)

Prof. Dr. Bernardo Lewgoy (PPGAS, UFRGS)

Profa. Dra. Cornelia Eckert (PPGAS, UFRGS) – Presidente da Banca e Orientadora

## Agradecimentos

Agradeço primeiramente a minha orientadora Cornelia Eckert, pela paciência nos momentos difíceis, pelo cuidado e atenção que dedicou a esta pesquisa durante todo mestrado. Por indicar-me os caminhos teóricos e etnográficos. Obrigada, pelas conversas e orientações regadas a chimarrão que muito me auxiliaram a chegar ao fim desta trajetória.

Obrigada à Ana Luiza Carvalho da Rocha que juntamente com a “Chica” me guiou nessa descoberta da Antropologia. Agradeço imensamente a estas duas mestras as quais devo muito da minha formação enquanto antropóloga.

Ao Banco de Imagens e Efeitos Visuais, projeto no qual fui acolhida durante toda minha formação da graduação. Obrigada as coordenadoras, Chica e Ana, mais uma vez por esta oportunidade de aprender com vocês e com os colegas Rafael devos, Viviane Vedana, Anelise Guterres, Olavo Ramalho Marques, Fernanda Rechenberg, Luciana Mello, Paula Biazus e todos outros com os quais tive o privilégio de compartilhar de trocas intelectuais diariamente.

Agradeço a todos os professores do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social com os quais muito aprendi, especialmente aos professores Bernardo Lewgoy e Maria Elizabete Lucas com quais compartilhei momentos desta pesquisa.

Às minhas colegas do “quintento maravilha”. Fabiela, Maria, Mabel e Pati. Obrigada pelas trocas cotidianas, sejam elas teóricas ou lúdicas.

À “Fa”, pela amizade, paciência e dedicação e por me ensinar à rir mesmo que queira chorar... “Fazinha”, muito obrigada pelo apoio em todos os momentos.

À Maria, pelo carinho e amizade. Por cederes tua casa e teu tempo nos momentos em que precisei, pelas inúmeras risadas compartilhadas ....

À Mabelita e à Fa pelas belas tardes na Redenção que fizeram que tudo isso fosse possível...

À Pati, que agora, mesmo longe, está ao meu lado diariamente e a todos meus colegas com quais muito troquei nestes dois anos de mestrado.

À minha amiga Letícia Tedesco a quem devo parte desta pesquisa, pelos informantes apresentados. “Bichinho” obrigado por todo apoio que tem me dado, com certeza a tua ajuda tem sido essencial para que possamos “bebemorar” no fim dessa caminhada.

Agradeço imensamente a minha mãe, Marisa Rosâni Abreu da Silveira e ao meu tio, Flavio Leonel Abreu da Silveira pelo exemplo que são na minha vida. Pela ajuda, não apenas financeira, mas emocional que sempre dedicaram à mim. Amo muito vocês.

À meu marido, Daniel Berlowitz por “me atuar” neste interminável final de dissertação. Pelo apoio, carinho e compreensão, nestes longos meses de verão, nos quais passamos ‘escrevendo” em casa .

E , por fim, a minha pequena Alicinha pelo amor e carinho que motivam a querer sempre seguir...

E por último, a CAPES , pela concessão de bolsa no último ano desse Mestrado.

## **RESUMO**

Este trabalho teve como objetivo investigar o cotidiano, estilos de vida e as distintas apropriações dos habitues locais, trabalhadores e moradores de um espaço urbano de Porto Alegre, conhecido como Rua da Praia. Esta pesquisa buscou através do trabalho com imagens textuais e fotográficas na prática etnográfica debruçar-se nas memórias e sociabilidades de tais personagens, bem como sobre suas relações sociais, suas lutas, conflitos e tensões que emergem dos diversos usos deste cenário urbano porto-alegrense.

Palavras Chave: Sociabilidade, Memória e Cotidiano

## **ABSTRACT**

This work aimed to investigate the daily life, life styles and the distinct appropriations of the local habitues, workers and inhabitants of one urban neighborhood of Porto Alegre, known as Rua da Praia. This research has looked for, through work with textual and photographic images in ethnographic practice, focusing on the memories and sociabilities of such characters, as well as on their social relationships, their struggles, conflicts and tensions which emerge from the several uses of this urban space.

Key Words: Sociability, Memory and Daily Life

## SUMÁRIO

Agradecimentos

Resumo e palavras chave

Abstract e key-words

Lista de figuras

Lista de abreviaturas

INTRODUÇÃO.....12

### CAPÍTULO 1.- UM CAMPO, DIFERENTES IMAGENS

1.1. Um percurso de iniciação científica.....16  
1.2. Uma rua na cabeça e uma câmera na mão.....17  
1.3. Pesquisando na cidade.....19  
1.4. Etnografia da duração.....22  
1.5. A experiência da escrita etnográfica.....23

### CAPÍTULO 2.- A RUA DA PRAIA DE UM PORTO ALEGRE

2.1. A rua e suas histórias.....26  
2.2. Entre nomes e cognomes.....29  
2.3. Que rua é esta?.....34

### CAPÍTULO 3.- ETNOGRAFIA NA RUA DA PRAIA: PASSOS PERDIDOS E MEMÓRIAS EM EBULIÇÃO

3.1. Tempos Modernos.....38  
3.2. Adentrando a casa: os percalços da “sala de visitas”.....39  
3.3. Interlocutores em suas trajetórias.....43  
3.3. Espaços de interlocução.....47

### CAPÍTULO 4.- EXPERIÊNCIAS COM O TEMPO E O ESPAÇO EM UMA CAMINHADA PELA RUA DA PRAIA

4.1. *Flanerie* etnográfica.....51  
4.2. De ponta a ponta.....51  
4.3. O *footing* e a *belle époque*.....75

### CAPÍTULO 5.- OS LIVROS DA PRAÇA: DIFERENTES LEITURAS NA ALFÂNDEGA

5.1. O livro roubado.....82  
5.2. O livro do Drummond.....87  
5.3. A volta à rotina.....91  
5.4. A Feira do Livro como um evento performático.....92

## **CAPÍTULO 6.- O ESTADO NA RUA**

6.1. Projeto Monumenta: transformações ou dilacerações?.....	97
6.2. “Nada do que foi será”, “mas pode melhor...”.....	98
6.3. Do irremediável ao irreduzível: estratégias de permanência no espaço urbano.....	102
6.4. “Do impuro ao puro”: reflexões acerca dos processos de revitalização urbana no centro de Porto Alegre.....	107

## **CAPÍTULO 7 - NO RITMO DO TEMPO, A INTRIGA DA MUDANÇA E O PROJETO DE CONTINUAR**

7.1. Uma capital glamourosa a beira de um ataque de nervos.....	114
7.2. Cultura do medo.....	115
7.3. Como interpretar as mudanças.....	118
7.4. No meu tempo.....	121
7.5. Do <i>footing</i> ao <i>shopping</i> .....	123

## **8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....**

<b>9. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>130</b>
9.1. Filmografia.....	136
9.2. Fontes Jornalísticas.....	137



## Lista de figuras

Figura 1- Imagem do século XIX retirada do livro de Hélio Ricardo Alves, “ <b>A Rua da praia : foi assim...</b> ”.Porto Alegre: Fumproart, 1997.....	15
Figura 2-Planta de Porto Alegre de 1839, retirada do livro de Hélio Ricardo Alves, “ <b>A Rua da praia : foi assim...</b> ”.Porto Alegre: Fumproart, 1997.....	25
Figura 3- Detalhe da obra de H.R. Wendroth(1852), retirada do livro de Hélio Ricardo Alves, “ <b>A Rua da praia : foi assim...</b> ”.Porto Alegre: Fumproart, 1997.....	26
Figura 4- Imagem retirada do livro de Hélio Ricardo Alves, “ <b>A Rua da praia : foi assim...</b> ”.Porto Alegre: Fumproart, 1997.....	26
Figura 5- Imagem retirada do livro de Hélio Ricardo Alves, “ <b>A Rua da praia : foi assim...</b> ”.Porto Alegre: Fumproart, 1997.....	27
Figura 6- “Fotografia da fotografia”, retirada por Thaís Cunegatto na entrevista com Ursel no dia 11/08/2008.....	37
Figura 7- Imagem escaneada de uma folha que contém uma poesia de autoria de Niara.....	37
Figura 8-Montagem elaborada a partir de fotografias retiradas na pesquisa etnográfica por Thaís Cunegatto e imagens do acervo do Banco de Imagens e Efeitos Visuais.....	50
Figura 5-Fotografia retirada por Thaís Cunegatto na saída de campo do dia 17/06/2007.....	51
Figura 6- Fotografia retirada por Thaís Cunegatto na saída de campo do dia 17/06/2007.....	52
Figura 7- Fotografia retirada por Thaís Cunegatto na saída de campo do dia 19/01/2008.....	53
Figura 8- Fotografia retirada por Thaís Cunegatto na saída de campo do dia 14/06/2007.....	54
Figura 9- Fotografia retirada por Thaís Cunegatto na saída de campo do dia 29/01/2009.....	55
Figura 10 - Fotografia retirada por Thaís Cunegatto na saída de campo do dia 24/01/2008.....	56
Figura 11- Fotografia retirada por Thaís Cunegatto na saída de campo do dia 14/06/2007.....	58
Figura 12- Fotografia retirada por Thaís Cunegatto na saída de campo do dia 12/12/2007.....	60
Figura 13- Fotografia retirada por Thaís Cunegatto na saída de campo do dia 17/01/2009.....	60
Figura 14- Fotografia retirada por Thaís Cunegatto na saída de campo do dia 29/01/2009.....	61

Figura 15- Fotografia retirada por Thaís Cunegatto na saída de campo do dia 14/12/2008.....	61
Figura 16- Fotografia retirada por Thaís Cunegatto na saída de campo do dia 18/09/2008.....	61
Figura 17- Fotografia retirada por Thaís Cunegatto na saída de campo do dia 17/01/2009.....	62
Figura 18- Fotografia retirada por Thaís Cunegatto na saída de campo do dia 27/09/2008.....	62
Figura 19- Fotografia retirada por Thaís Cunegatto na saída de campo do dia 29/01/2009.....	62
Figura 20-Poesia de Sérgio Peixoto Mendes retirada do “Poemas do ônibus” da companhia de transportes Carris.....	62
Figura 21- Fotografia retirada por Thaís Cunegatto na saída de campo do dia 31/07/2007.....	63
Figura 22- Fotografia retirada por Thaís Cunegatto na saída de campo do dia 14/06/2007.....	64
Figura 23- Fotografia retirada por Thaís Cunegatto na saída de campo do dia 31/07/2008.....	66
Figura 24- Fotografia retirada por Thaís Cunegatto na saída de campo do dia 14/06/2007.....	67
Figura 25- Imagem do antigo Grande Hotel retirada do Site: <a href="http://fotosantigas.prati.com.br/FotosAntigas/Cidades/Porto_Alegre/1930-1939/index3.htm">http://fotosantigas.prati.com.br/FotosAntigas/Cidades/Porto_Alegre/1930-1939/index3.htm</a> .....	69
Figura 26- Fotografia retirada por Thaís Cunegatto na saída de campo do dia 14/02/2009.....	69
Figura 27- Fotografia retirada por Thaís Cunegatto na saída de campo do dia 26/10/2007.....	70
Figura 28- Fotografia retirada por Thaís Cunegatto na saída de campo do dia 29/05/2008.....	71
Figura 29- Imagem do hotel Majestic retirada do site <a href="http://www.flickr.com/photos/7347051@N04/426073940/">http://www.flickr.com/photos/7347051@N04/426073940/</a> .....	72
Figura 30- Imagem do hotel Majestic retirada do site <a href="http://www.flickr.com/photos/7347051@N04/426073940/">http://www.flickr.com/photos/7347051@N04/426073940/</a> .....	72
Figura 31- Fotografia retirada por Thaís Cunegatto na saída de campo do dia 14/06/2007.....	73
Figura 32- Fotografia retirada por Thaís Cunegatto na saída de campo do dia 10/05/2008.....	74
Figura 33- Fotografia retirada por Thaís Cunegatto na saída de campo do dia 11/11/2007.....	74
Figura 34- “Fotografia da fotografia”, retirada em entrevista com Ursel.....	75
Figura 35- Imagem retirada do acervo do Banco de Imagens e Efeitos Visuais/UFRGS.....	76

Figura 36- Imagem retirada do acervo do Banco de Imagens e Efeitos Visuais/UFRGS.....	78
Figura 37- Fotografia retirada por Thaís Cunegatto na saída de campo do dia.29/10/2007.....	80
Figura 38- Jornal Zero Hora do dia 18/10/2007.....	80
Figura 39- Fotografia retirada por Thaís Cunegatto na saída de campo do dia 25/10/2007.....	83
Figura 40- Fotografia retirada por Thaís Cunegatto na saída de campo do dia 31/07/2007.....	87
Figura 41- Fotografia retirada por Thaís Cunegatto na saída de campo do dia 29/10/2007.....	89
Figura 42- Fotografia retirada por Thaís Cunegatto na saída de campo do dia 29/10/2007.....	89
Figura 43- Fotografia retirada por Thaís Cunegatto na saída de campo do dia 31/10/2007.....	91
Figura 44- Fotografia retirada por Thaís Cunegatto na saída de campo do dia 31/10/2007.....	92
Figura 45- Zero Hora, Segundo Caderno do dia 18/10/2007.....	96
Figura 46- Jornal ZH do dia 16/05/2008.....	113

### **Lista de abreviaturas**

BIEV: Banco de Imagens e Efeitos Visuais  
 CEEE: Companhia Estadual de Energia Elétrica  
 IFCH: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
 IPHAN: Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional  
 Navisual: Núcleo de Antropologia Visual  
 NEP: Núcleo de Estudos da Prostituição  
 ONG: Organização Não Governamental  
 PPGAS: Programa de Pós Graduação em Antropologia Social  
 PT: Partido dos Trabalhadores  
 SMIC: Secretária Municipal da Produção, Indústria e Comércio  
 UEP: Unidade Executora de Projeto  
 UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
 Uniti: Universidade para a Terceira Idade

## Introdução

Este trabalho é uma análise antropológica das diferentes relações e apropriações que habitantes de Porto Alegre oriundos de distintas classes sociais, com estilos de vida e visões de mundo diferenciadas, estabelecem com sua cidade, mais precisamente, com uma rua desta cidade: a Rua da Praia.

Perguntas cabíveis de serem elaboradas são: Por que exatamente desta rua? Qual o motivo da escolha desta rua em detrimento de tantas outras?

Pensar a cidade através das lentes da Antropologia nos permitiria a escolha de inúmeras ruas de Porto Alegre, mas o recorte do universo de pesquisa está fundamentado também na opção metodológica de realizar o estudo, a fim de captar as formas sensíveis que animam a vida social que pulsa no local. A escolha da Rua da Praia é fundamentada na própria escolha do objeto de estudo.

Analisar antropológicamente a cidade de Porto Alegre, pautada nos estudos de memória e de sociabilidade no mundo urbano contemporâneo, compreendendo-o a partir do enfoque centrado na dimensão imagética desta cidade, levou-me a uma rua que se revela palco de inúmeras formas de sociabilidade, as quais se metamorfoseiam com a passagem do tempo; uma rua que consiste em um “baú de memórias” da cidade de Porto Alegre, uma vez que é depositória de infinitas lembranças individuais e coletivas, afetivas e políticas; uma rua que nasceu com a cidade de Porto Alegre.

Mas, como nos lembra Clifford Geertz (1989:32), o *locus* do estudo não é o objeto do estudo:

Os antropólogos não estudam as aldeias [...] eles estudam nas aldeias. Você pode estudar diferentes coisas em diferentes locais, e algumas coisas [...] podem ser melhor estudadas em localidades isoladas. Isso não faz do lugar o que você está estudando.

Assim, estudar na Rua da Praia não significa estudar a Rua da Praia, mas, sim, as relações estabelecidas neste universo de pesquisa. Proponho nesta dissertação compreender os conflitos e as sociabilidades vivenciadas neste espaço urbano que, atualmente, é foco de disputas por parte de diferentes atores sociais, inclusive o Estado, simbolizado por meio das ações patrimoniais em desenvolvimento no local.

Para tanto, a pesquisa buscou compreender estes distintos discursos e narrativas que compõem o universo de pesquisa, estabelecendo o diálogo com as pessoas que usufruem deste

espaço hoje e pessoas que já configuraram esta rua como um lugar de afeição, mas não o fazem mais.

A construção da intriga narrativa presente nesta dissertação busca desvendar a Rua da Praia como o cenário de disputas, de conflitos e, ao mesmo tempo, como um espaço de lazer, de afeição e de distintas sociabilidades, com o desenvolvimento de sete capítulos, nos quais busco desvelar através da escrita, um importante espaço urbano porto-alegrense.

No primeiro capítulo, intitulado de “Um campo, diferentes imagens”, trago minha trajetória acadêmica, que serve como guia para compreender qual a lente antropológica utilizada na análise desenvolvida, bem como para elucidar os pressupostos teóricos e os conceitos-chave que orientaram esta dissertação, tais como o de “etnografia de rua” e o de “etnografia da duração”, ambos de autoria de Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert.

Nesse capítulo inicial, assinalo a importância da produção de imagens, bem como a importância de um mergulho nas imagens já existentes sobre este universo de pesquisa como pressupostos epistemológicos que norteiam e possibilitam a constituição desta pesquisa no seio dos trabalhos desenvolvidos por Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert, dentro de uma Antropologia Visual e da Imagem.

No segundo capítulo, “A Rua da Praia de um porto alegre”, apresento uma breve reconstituição da fundação e das transformações históricas ocorridas na cidade de Porto Alegre e na Rua da Praia; posteriormente, faço a primeira apresentação da configuração desta última nos dias atuais.

No terceiro capítulo, denominado “Etnografia na Rua da Praia: passos perdidos e memórias em ebulição”, busco desenvolver a trajetória desta dissertação, ou seja, as formas pelas quais as relações sociais foram constituídas ao longo do trabalho de campo e como foi formada a rede de interlocutores desta pesquisa.

O quarto capítulo, “Experiências com o tempo e o espaço em uma caminhada pela Rua da Praia”, trata-se de um convite ao leitor a realizar uma caminhada literária e fotográfica pela Rua da Praia, intercalada pelas narrativas dos sujeitos da pesquisa acerca de suas práticas cotidianas atuais e de outrora, desenroladas nesse espaço urbano.

No quinto capítulo, “Os livros da Praça, diferentes leituras na Alfândega”, levanto as tensões que emergiram na realização da quinquagésima terceira edição do evento “Feira do Livro”. Através das lentes da teoria da performance, trago um universo polifônico que levanta

distintas concepções sobre este evento. Para tanto, parto de uma discussão sobre a segurança pública da cidade de Porto Alegre, a fim de problematizar, brevemente, as questões que tangem o tema do que significa ser cidadão de uma capital situada no sul do Brasil.

No sexto capítulo, “Estado na Rua”, problematizo as ações de revitalização e de higienização do centro urbano da cidade de Porto Alegre, que vêm sendo realizadas a partir de programas governamentais, como o “Projeto Monumenta” e o “Projeto Viva o Centro”, por meio das narrativas dos sujeitos da pesquisa, que ponderam e interpretam distintamente as repercussões dessa política patrimonial.

O Sétimo e último capítulo, “No ritmo do tempo, a intriga da mudança e o projeto de continuar”, trata da análise das narrativas desses sujeitos de pesquisa acerca da violência urbana e do medo, fatores estes que levam determinados atores sociais a “abandonarem” a zona central da cidade, dirigindo-se para alguns bairros mais elitizados da cidade de Porto Alegre, buscando, nestes bairros, outras opções de lazer, como praças e calçadas que estejam de acordo com suas visões de mundo.

Cabe salientar que este “abandono” do Centro da cidade também é passível de relativização na medida em que sempre que a Prefeitura promove uma prática artística e cultural voltada para estas classes médias e altas, tais como a Feira do Livro, exposições de artes, teatro, feiras livres e caminhadas guiadas para visita ao patrimônio histórico da cidade, enfim, quando há práticas higienizadas e asseguradas por um sistema de segurança, a classe média retorna ao centro da cidade.

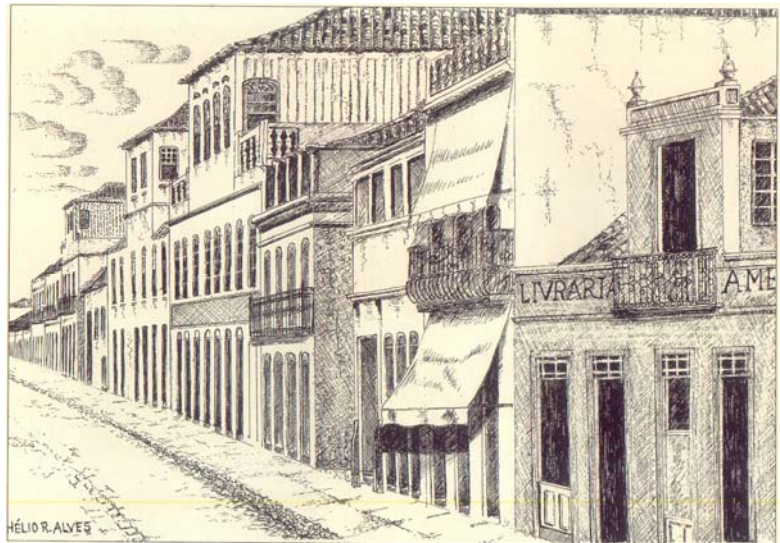
Pretendo, a partir desta intriga narrativa, possibilitar que o leitor adentre nos meandros desta Rua e se “perca” em meio à pluralidade de imagens que ela oferta e evoca, bem como nos sentimentos provocados ao percorrê-la; por fim, que compreenda as distintas motivações que animam os diversos atores sociais que disputam este espaço cotidianamente.

## Capítulo 1

### Um campo, diferentes imagens

#### RUA DA PRAIA (*Alberto do Canto*)

Rua da Praia que não tem praia, que não tem rio,  
Onde as sereias andam de saias e não de maiô.  
Rua da Praia do jornaleiro, do camelô,  
Do estudante que a aula da tarde gazeou.  
Rua da Praia da garotinha que quer casar,  
Do malandrinho que passa o dia jogando bilhar.  
Se as pedras do teu leito  
Algum dia pudessem falar  
Quantas cenas de dor e alegria  
haveriam de contar.  
Rua da Praia de alegres tardes  
domingueiras  
Quando as calçadas se  
enfeitam de gauchinhas  
faceiras.  
Rua da Praia da sede do Grêmio  
e Internacional  
Que se embandeiraram e soltam  
foguetes no jogo Grenal.



### **1.1. Um percurso desde a iniciação científica**

A minha participação enquanto bolsista de Iniciação Científica no Projeto “Banco de Imagens e Efeitos Visuais – a criação de um museu virtual” (BIEV) me proporcionou o conhecimento e a filiação aos pressupostos teórico-conceituais vislumbrados pelas coordenadoras deste projeto, as professoras Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert. O BIEV consiste em um grupo de pesquisa que pertence ao Laboratório de Antropologia Social do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFRGS, tendo a sua sede no Instituto Latino Americano de Estudos Avançados na UFRGS. Este projeto trabalha com uma série de conceitos relevantes aos estudos antropológicos, tais como: sociabilidade, memória e itinerários no mundo urbano contemporâneo. Portanto, foi essa formação que me conduziu à presente pesquisa de mestrado, inserida no campo da Antropologia Urbana e Visual.

A partir desta trajetória acadêmica, filio-me ao referencial teórico, bem como aos conceitos de memória, trajetória e itinerários sociais que embasam o estudo desenvolvido a partir de uma etnografia da Rua da Praia em Porto Alegre. Nesta pesquisa busco articular as narrativas que emergem dos sujeitos pesquisados, com os quais interagi durante esta pesquisa de mestrado. As narrativas dos sujeitos pesquisados são estudadas por meio da análise e da produção de imagens (sonoras, fotográficas e textuais), sendo estas evocadas no ato narrativo, uma vez que tais sujeitos vivenciam as formas sociais no mundo urbano mediante as suas práticas cidadinas e cotidianas.

A minha participação enquanto bolsista de iniciação científica no BIEV iniciou em abril de 2002, no começo do terceiro semestre do Curso de Ciências Sociais. A primeira pesquisa que realizei junto ao BIEV foi desenvolvida a partir de um subprojeto desenvolvido pelas coordenadoras, qual seja: “Profissões Tradicionais em Porto Alegre”. Dentro do leque de possibilidades que se apresentava diante de tal tema, desenvolvi uma pesquisa na qual optei por trabalhar sobre a prática do sapateiro, desenvolvendo um exercício etnográfico em uma sapataria próxima à zona central de Porto Alegre, mais especificadamente no bairro Cidade Baixa, sob orientação da professora Ana Luiza Carvalho da Rocha. Nesse sentido, pude refletir sobre as trajetórias de aprendizagem e de manutenção do ofício de sapateiro no mundo urbano contemporâneo. Esta pesquisa me possibilitou realizar uma discussão sobre o tema de gênero no trabalho antropológico, que se deu por meio dos percalços ocorridos durante a pesquisa de campo, nos encontros, ou, por vezes, nos confrontos etnográficos que nela ocorreram.



Ter a cidade como objeto de estudo, mais especificamente a cidade de Porto Alegre, sendo esta uma diretriz do projeto Biev e, discuti-la por meio das imagens não era apenas uma preferência, mas sim, o caminho metodológico a ser seguido. Dessa forma, a segunda pesquisa que realizei discutia a produção de imagens sobre a cidade de Porto Alegre. Objetivando tratar-se de uma produção imagética que configurava uma paisagem da cidade em um processo temporal, o estudo abrangeu a representação pictórica dos estrangeiros acerca da cidade de Porto Alegre, bem como a percepção de seus habitantes através das lentes das artes plásticas. Esta pesquisa deu origem àquele que seria o meu Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “Arte de fazer, arte de narrar: uma etnografia da pintura de Paisagem em Porto Alegre/RS”, sob orientação da professora Dr.<sup>a</sup> Ana Luiza Carvalho da Rocha, que discutia o papel da memória na representação pictórica da cidade de Porto Alegre a partir de um estudo de caso junto a um pintor de paisagem porto-alegrense.

Percebe-se, portanto, que a intenção de trabalhar dentro da Antropologia Urbana e Visual possui vínculos afetivos e intelectuais que crescem desde a minha entrada no Banco de Imagens e Efeitos Visuais e perduram até os dias de hoje. Nesse sentido, a presente pesquisa apresenta-se como fruto dessas trajetórias de pesquisas que, embora distintas, buscaram compreender as relações de caráter simbólico-práticas dos habitantes com a sua cidade.

## **1.2. Uma rua na cabeça e uma câmera na mão**

Na continuidade de meu percurso como pesquisadora do BIEV, o desafio colocado pelas coordenadoras foi o de me envolver com uma nova proposta, desta vez, para desenvolver uma metodologia específica de pesquisa no âmbito do projeto em questão \_ realizar exercícios de etnografia de rua. A opção recaiu sobre a Rua da Praia, na cidade de Porto Alegre. A partir deste desafio, desenvolvi o projeto de pesquisa no mestrado.

A etnografia de rua pretende “descrever práticas e saberes dos sujeitos e grupos sociais a partir de técnicas de observação e conversação, as quais se enraízam no espaço público dos grandes centros urbanos a partir do deslocamento do antropólogo pela cidade” (Eckert e Rocha, 2001:5). Considerando esta perspectiva, visto que meu universo de pesquisa se consiste no espaço da rua, busquei treinar o meu olhar de antropóloga mediante o mergulho nas diversas formas de ocupação deste espaço urbano porto-alegrense.

Nesse sentido, a figura do *flâneur* de Baudelaire trazida à tona por Walter Benjamin (1991) para refletir o deslocamento nas cidades de Paris e Berlim, foi de suma importância, por se tratar de um caminhante cuja errância desvenda sua própria cidade, reconhecendo os meandros e as minúcias da urbe. Ou seja, trata-se de um sujeito que caminha na cidade, deixando-se surpreender por seus microeventos.

A etnografia de rua proposta por Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert (2001) inspira-se no personagem do *flâneur*, no intuito de perceber a multiplicidade de fatores sociais, políticos, econômicos e simbólicos que são agenciados no espaço da rua e que podem ser percebidos em um deambular atento por esta rua.

O personagem baudelairiano, o *flâneur*, caminha na cidade: um percurso sem compromissos, sem destino fixo. O estado de alma deste personagem-tipo é de indiferença, mas seus passos traçam uma trajetória, um itinerário que concebe a cidade, o movimento urbano, a massa efêmera, o processo de civilização. Logo, esta não é uma caminhada inocente. A cidade é estrutura e relações sociais, economia e mercado; é política, estética e poesia. A cidade é igualmente tensão, anonimato, indiferença, desprezo, agonia, crise e violência. (Eckert e Rocha, 2001:1)

Os suportes técnicos utilizados nesta pesquisa não constituíram apenas instrumentos de registro, mas antes de formas de narrar a cidade, que delineiam o próprio olhar desta etnógrafa. Com o auxílio do Grupo do Texto e do Grupo da Fotografia (subgrupos existentes no Biev que discutem, dentre outros temas, as diferentes formas das narrativas geradas por distintos suportes – sejam eles fotografia, vídeo, som ou texto), pude perceber a real necessidade de utilização de dois instrumentos cruciais, que me ajudaram a compreender esse fenômeno urbano: a fotografia e o bloco de notas. Na observação da Rua da Praia, contei com o suporte de pesquisa do bom e velho “bloco de notas”, que me possibilitou rápidas anotações no registro das efemeridades, possibilitando também “depositar” pistas, as quais me auxiliaram na remontagem de um diário de campo de minhas reminiscências dos encontros etnográficos.

Também o uso recorrente da câmera fotográfica ajudou-me a visualizar os detalhes. Para Travassos (1996), a fotografia não é apenas uma revelação de acontecimentos, mas antes um modelamento do olhar acerca dos interlocutores. A fotografia é assim um mecanismo de entrada em campo ao mesmo tempo que um mecanismo de desvendamento do próprio campo, pois mostra figurativamente o que escapa ao olhar momentâneo do etnógrafo. Busquei, portanto, com a utilização destes dois suportes, o bloco de notas e a fotografia, a revelação da qual Travassos (1996) já apontava, ou seja, que tanto a escrita dos diários de campo quanto o registro fotográfico

acenam dimensões do vivido ainda não percebidas, desvelando fatores implícitos, sendo que só os percebemos por meio da releitura de ambos.

Como revela Luiz Eduardo Achutti ao escrever sobre seu conceito de “fotoetnografia”:

O antropólogo não é convidado a ir até o Outro. Pelo contrário, o mais frequente é que seja ele quem vai buscar o contato, quem vai propor uma “viagem” para atravessar o imaginário do Outro. Por vezes, nessa “viagem”, o pesquisador vai desejar capturar o Outro em imagens para trazê-lo para si, a fim de poder olhá-lo e guardá-lo para sempre. (2004:117)

Estes olhares do etnógrafo, que constroem a imagem do Outro pela via do texto e da fotografia, são olhares que vão se construindo à medida que o campo vai se constituindo, como sugere Eckert e Rocha:

Agenciando fatos, situações, acontecimentos, personagens e seus dramas num todo ordenado, o antropólogo emprega os recursos da configuração narrativa, buscando representar a ação. Para tanto, realiza uma atividade de configuração, que faz do método etnográfico uma solução poética para os paradoxos de considerar junto, numa totalidade coerente os episódios vividos e registrados em campo (2005:133).

Ao pensar o trabalho de campo imerso nessa trama conceitual, dialogo com Guy Bellavance (1997), que pressupõe a cidade e a fotografia como elementos da modernidade, que possuem uma relação de reciprocidade e equivalência. Para a autora, a figura do estrangeiro descrita por Georg Simmel encarna o caráter de distanciamento e proximidade, ou seja, o caráter de ambiguidade da fotografia defendido por Walter Benjamin. A fotografia seria, portanto, um mecanismo da cidade, uma espécie de suporte moral que busca “salvaguardar” o que desaparecerá, buscando uma relação entre a lembrança e a antecipação profundas das ruínas da atualidade.

### **1.3. Pesquisando na cidade**

Conforme Georg Simmel (1985), a metrópole é a sede de uma multiplicidade de papéis sociais que são colocados em interação por meio de uma lógica de modernidade pautada na individualidade. Neste sentido, o autor descreve os espaços urbanos onde as relações se dão a partir do comércio e da circulação do dinheiro, interações pautadas na lógica monetária e na divisão social do trabalho, nas quais o indivíduo é multifacetário e possui a liberdade de vivenciar os diferentes aspectos de sua identidade, acionando seus distintos papéis sociais.

Concebendo a cidade de Porto Alegre como uma metrópole e a Rua da Praia como a sua “artéria principal”, podemos perceber a importância do comércio que faz pulsar esta rua, seja o formal ou o informal, considerando-se as distintas relações geradas na e a partir da troca monetária, relações estas que podem ser tomadas como efêmeras e, por vezes, como duradouras. Sendo a rua o espaço do comércio, ela é também o espaço da sociabilidade por excelência.

Pensando o espaço urbano não apenas pela lógica do comércio (transeuntes, vendedores, compradores), mas também como um espaço de moradia, trago para esta discussão teórica as argumentações de Roberto Da Matta (1985) que ao lidar com categorias como “casa” e “rua” amplia a reflexão, enfatizando que não estamos lidando apenas com dois espaços, mas também com duas temporalidades que abrigam lógicas distintas, porém complementares.

O tempo da casa, para o autor, é tempo cíclico que se reproduz todas as vezes que alguém deixa a casa ou entra em casa. O tempo da rua “é um tempo linear: duração cumulativa e histórica. Uma temporalidade impessoal que não dá nenhum direito à saudade ou à reversibilidade plena.” (Da Matta, 1985: 51). Pensando nesta lógica complementar exposta pelo autor, é preciso refletir sobre uma questão fundamental: e quando a rua é a casa? Se concebermos que para alguns desses transeuntes e *habitués* o espaço da Rua da Praia constitui um espaço de construção de identidade e de laços sociais, fica claro que as narrativas da rua constroem a narrativa de si e, neste caso, o falar de si é também narrar a Rua da Praia.

Para José Guilherme Magnani, a rua é o próprio emblema da cidade, uma vez que “se existe um elemento que melhor a representa, é a rua”, pois seria no espaço da rua que ocorrem preferencialmente as “relações e encontros entre pessoas com experiências, origens e visões diferentes, e é da troca entre elas que resulta, mais rica, a cultura urbana” (2007:01).

Discutir o espaço da rua, como nos aponta a historiadora gaúcha Sandra Pesavento (1996), é repensar os conceitos históricos e sociais da noção de rua que estão em jogo. As ruas do início do século XIX foram redefinidas por meio de planos urbanísticos, a fim de se adequarem ao estatuto de “cidade”. Segundo a autora, “as ruas expressarão, pela sua diversidade de aparências, a diferenciação social subjacente a nova ordem burguesa” (1996:39).

Nesse sentido as ruas do Centro de Porto Alegre do fim do século XIX e início do século XX foram projetadas com o intuito de mostrar a existência da modernidade, sendo, por sua vez, destinadas a uma classe social específica, o que hoje poderíamos considerar uma “classe média e alta”, porém como a autora mesmo enfatiza “a rua reflete a transformação do espaço urbano e a

reordenação da vida” (Pesavento, 1996:38). Sendo assim, as ruas do Centro de Porto Alegre foram lentamente reapropriadas e ressignificadas pelos habitantes desta cidade, por meio de suas práticas cotidianas reordenando, a lógica inicialmente projetada por parte do poder público.

Conforme Ruben Oliven (1980), nos estudos das sociedades complexas, o cenário urbano apresenta uma aparente homogeneização das classes sociais nos centros urbanos devido à intensificação capitalista industrial. O autor ressalta, porém, os perigos dessa análise, que não leva em conta que este processo de acumulação de capital diferencia os habitantes das sociedades brasileiras de forma desigual e assimétrica e que as classes baixas podem oferecer resistência à difusão dessas “orientações culturais padronizadas”. Dessa forma, Oliven afirma que diferentes grupos sociais têm práticas e orientações diferenciadas no que tange a “aspectos que têm conseqüências e significados diversos de acordo com a posição social, tais como questões políticas” (1980:35).

Os centros urbanos, segundo Antônio Augusto Arantes, em sua análise sobre a cidade de São Paulo, tendem fortemente ao “crescimento do número dos pontos de pernoite e da população que dorme nas ruas do centro” (2000:144). Para o autor, esse quadro se deve à elevada pauperização das classes populares, o que desencadeia “paisagens onde a vernácula pobreza e a diferença cultural - em suas várias feições - interpelam e situam socialmente as fachadas de cristal globalizadas, que por seu turno as refletem, politizando o espaço urbano” (2000:145).

O deslocamento das classes populares para os centros urbanos faz emergir a tensão colocada no espaço urbano Rua da Praia. De um lado, uma discussão patrimonial que busca salvaguardar os monumentos, as praças, os prédios históricos por meio de um processo de “reeducação patrimonial de utilização do espaço público”, como prevê o Projeto Monumenta, o qual vem sendo implantado no centro de Porto Alegre (que será discutido adiante). De outro, o cotidiano desses *habitués*, que vivenciam este espaço urbano e se apropriam dos “pontos de amarração” da memória (Arantes, 2000) da cidade pelas suas práticas cotidianas e sociabilidades que confrontam a lógica de preservação patrimonial. Recorrendo ainda a Antônio Arantes, percebo que esse conflito está imerso numa complexidade de sentidos e representações entre o que tange a ordem do vivido e do oficial, não podendo analisá-lo de uma forma unilateral que pressuponha a simples acomodação da classe popular ao sistema de regras e de conduta previsto pelos órgãos oficiais para a utilização do espaço público, “pois as representações que fazem do centro aqueles que habitam suas praças e ruas não são diferentes aos marcos e monumentos da

paisagem oficial. Ao contrário, ambos articulam experiências sociais a um espaço, dando-lhes um contexto e significações populares.” (2000:122).

#### **1.4. Etnografia da duração**

A perspectiva teórica desta pesquisa é o estudo da memória tendo a cidade como “objeto temporal” (Eckert e Rocha: 2005). A proposta desta dissertação tem como objetivo tratar das narrativas emergentes dos personagens urbanos e da reconstrução de seus itinerários urbanos, a fim de desvendar as camadas temporais da Rua da Praia e da cidade de Porto Alegre, uma cidade cheia de meandros, que deve ser desvelada, descoberta, e cujos nomes se alteram e as feições se transformam no fluxo do tempo.

Sendo assim, compreendo a necessidade da união da etnografia de rua com a etnografia da duração (Eckert e Rocha, 2005) que “vislumbra o tratamento da memória como conhecimento de si e do mundo, a partir do trabalho de recordar narradas pelos sujeitos” (Eckert e Rocha, 2001:88). Nesse sentido, a pesquisa parte de um estudo da memória na forma de problematizar o tempo pensado e vivido dos habitantes da cidade, mais especificamente no que se refere às formas de sociabilidade e arranjos sociais da Rua da Praia e do centro da cidade pelos grupos sociais, considerando o seu cotidiano e as dinâmicas sociais ali presentes. Além disso, um “mergulho literário” pelas escritas de cronistas e viajantes que por lá passaram é fundamental, bem como um “mergulho auditivo” nas falas que emergem da interação com os personagens que vivenciam cotidianamente esta rua, para, assim, compor uma etnografia que visa dar conta dessa polifonia, seguindo as orientações do projeto Biev:

Tomar a cidade como objeto temporal significa, contemplar-se o acontecimento urbano a partir seja da imagem mnésica que este sugere aos atores sociais, seja do fundo comum de sentido ao qual pertence. Espelhando referenciais culturais de um passado coletivo, a vida urbana recompõe-se num tempo coletivo. Trata-se de reconhecê-la através das narrativas e dos itinerários de indivíduos e grupos. (Eckert e Rocha, 2005:88)

Espaços urbanos, como o da Rua da Praia, atuam como agenciadores de uma memória coletiva, bem como de memórias individuais dinamizadas e acionadas nos processos de transformação da cidade. Compreende-se assim que quando os personagens urbanos narram suas experiências cotidianas, vivenciadas ontem e hoje, mostram a multiplicidade de feições estéticas que a chamada Rua da Praia tem acumulado. Memórias de curta e longa duração ajudam a

compreender tensões, conflitos e sociabilidades neste espaço multifacetado no tempo e no espaço cidadão.

Busco compreender o cotidiano desta rua, as transformações urbanas ocorridas em um tempo de longa duração, bem como as micro-transformações percebidas no decorrer da pesquisa etnográfica, captadas por meio das narrativas que emergem de seus moradores, trabalhadores e *habitués* locais, as quais versam sobre o cotidiano dos sujeitos, ou seja, sobre seus dilemas, seus conflitos, suas repulsas e adesões frente ao espaço urbano Rua da Praia.

### **1.5. A experiência da escrita etnográfica**

A experiência de uma etnografia da duração aprofunda a análise e o tempo pensado e vivido dos habitantes, em suas representações e memórias que articulo agora nesta da escrita etnográfica. Para tanto, trato das negociações de espaços empreendidas pelos sujeitos envolvidos na pesquisa e de como estes espaços são concebidos e ocupados por atores sociais diversos.

Na obra “O tempo e a cidade”, de Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert (2005), mais especificamente no capítulo intitulado o “Antropólogo na figura do narrador”, as autoras trazem a discussão relacionada ao dilema tradução/traição, direcionando-a para os conflitos e tensões da escrita etnográfica, mostrando que tal tensão não é apenas da ordem do domínio da língua ou de seu exercício, mas, sim, uma questão que se resolve no próprio trabalho de campo, no “estar-junto-com” os sujeitos pesquisados. O que Clifford Geertz chama de “escrever aqui” é uma questão ético-estética a ser resolvida no “lá” do trabalho de campo (Geertz, 1989).

Assim, encontra-se o caráter político do ato de narrar o cotidiano de uma cidade frente a processos de transformação intensos, pois, como diria Jacques Rancière (2005), a escrita e a leitura são práticas exclusivas que pretendem um comum partilhado. Este comum compartilhado constitui a matéria-prima do trabalho de campo, como um pressuposto do processo etnográfico, ou seja, os suportes nos quais será narrada a experiência devem imprimir este processo de alteridade. Segundo Michel de Certeau (2002), a escrita é um retorno de si para si que busca trazer o lá, a oralidade, para seus domínios.

Pensando a questão de narrar a cidade, vivida pelo próprio antropólogo, não se poderia ignorar o fato de que este “observar o familiar”<sup>9</sup> está imbuído de um ato político relativo à própria ação de narrar as tensões de classe, de estilos de vida e as apropriações do espaço, como, por exemplo, ocorre com a Rua da Praia, onde estas apropriações atuam em lógicas diferenciadas.

Nesse sentido, podemos também compreender a escrita que se delineia em um bloco de notas, como um suporte que auxilia a reconstrução da narrativa. Por isso, trata-se de um ato ético-estético trazer para o texto etnográfico as múltiplas vozes que emergem, disputam e compartilham o cenário urbano em suas distintas formas de viver a cidade de Porto Alegre.

---

<sup>9</sup> Termo criado por Gilberto Velho no seu livro “Individualismo e Cultura” (1981) que discute as questões já colocadas por Roberto Da Matta, de “tornar o exótico familiar”, bem como “o familiar exótico”. Gilberto Velho busca mostrar o exercício de estranhamento necessário ao etnógrafo, quando o seu objeto de estudo lhe é muito familiar, bem como salientar as vantagens desta condição epistemológica, como no caso de um etnógrafo habitante de um grande centro urbano estudando a sua própria cidade.



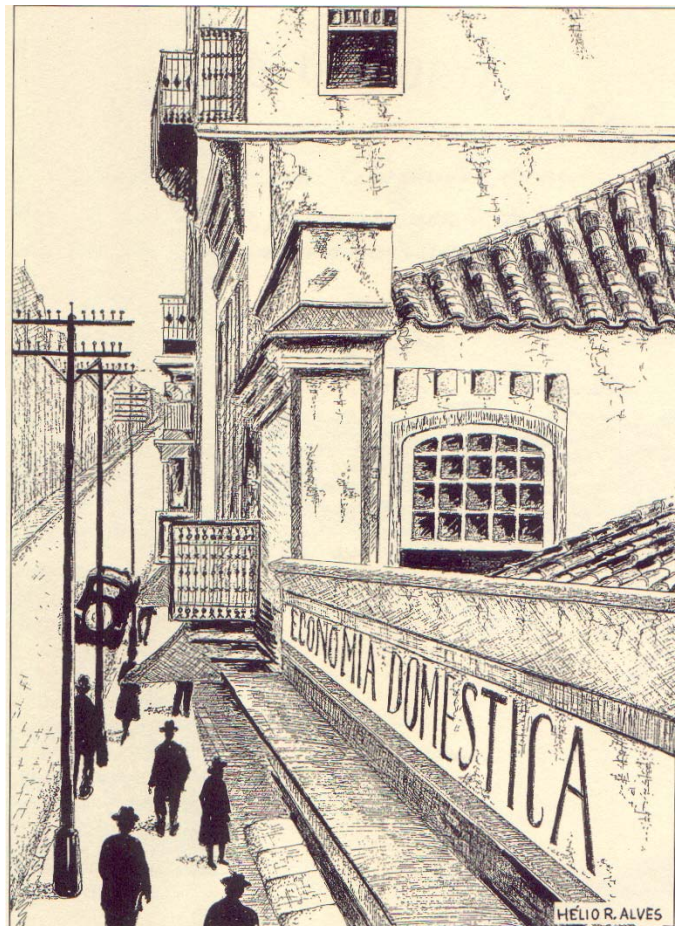
## Capítulo 2

### A Rua da praia de um porto alegre

#### **RUA DA PRAIA** (*Tito Madi*)

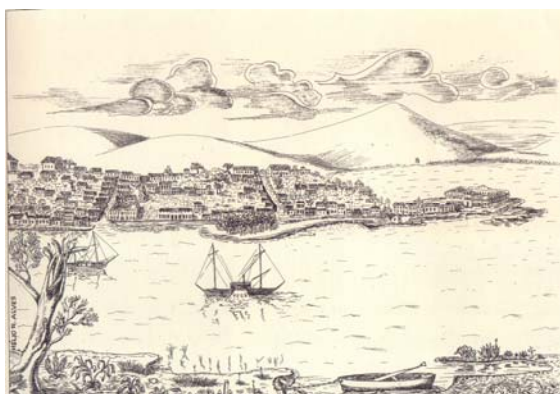
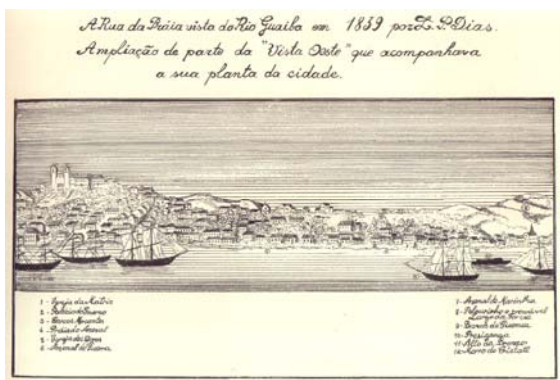
Rua da Praia

Eu vim para procurar minha saudade  
Pra ver se eu encontro na verdade  
Aquela alegria que eu vivi  
E é por isso que aqui estou  
Buscando o que guardei em minha mente  
E lembro dos amigos de repente  
Que já se foram pra falar com Deus  
Rua da Praia  
Gente conversando na calçada  
Na rua moças lindas e encantadas  
Eu olho e ninguém olha pra mim  
Então eu penso  
Mudaram-se os tempos e os costumes  
O tempo não perdoa e me pune  
Ninguém se lembra mais de mim.



## 2.1. A rua e suas histórias

Ao percorrermos a zona central de Porto Alegre, podemos perceber que ela é marcada pela mescla do novo e do antigo em suas edificações. Assim, tem-se por um lado os casarios antigos, de valor histórico imensurável, tombados como patrimônio da cidade. Portanto, estes são bens que poderíamos apontar como geradores de um zelo inestimável devido à intenção de



preservação de sua monumentalidade, em especial por parte do poder público. Por outro, há os grupos urbanos, que dialogam diariamente por meio de suas práticas cotidianas com este espaço urbano, quando configuram e refiguram suas feições mediante as suas ações, as quais modelam a paisagem urbana.

De acordo com Maria Luiza Martini (1997), a Rua da Praia pode ser considerada o primeiro espaço público e popular de Porto Alegre, quando esta ainda se constituía uma sesmaria pertencente a Jerônimo D' Ornelas. Próxima ao Porto de Dorneles, posterior Porto dos Casais, a Rua da Praia era a via pública na qual os açorianos vindos de Santa Catarina, por ordem real, instalaram-se em 1752. Nota-se, dessa forma, que ela constituiu, assim, não apenas a primeira, mas também a mais importante via em torno da qual a posterior cidade de Porto Alegre se expandiria. Segundo a historiadora, a cidade de Porto Alegre e a Rua da Praia surgiram juntas: “No seu início ela é Porto Alegre, e Porto Alegre é a Rua da Praia. A história de uma é a história da outra” (1997:9).

Segundo Sérgio da Costa Franco (1992), por volta de 1747, foi fundada por fugitivos de Sacramento, ou mesmo, por navegantes passageiros, uma capelinha que homenageava a imagem de São Francisco de Chagas, a qual se situava onde hoje se localiza o Banco Safra, em frente à Praça da Alfândega. Sendo assim, com a existência de aproximadamente 470 açorianos acampados no “Porto de Dorneles” surgiu a necessidade da vinda de um capelão. Porém somente

em 1753 é que Frei Faustino assumirá o posto. Para o cronista Ary Veiga Sanhudo (1975), a Rua da Praia surgiu verdadeiramente como uma rua em 1772, quando o engenheiro capitão Montanha começou a rasgar as primeiras vias públicas do então arraial do Porto de Casais.

Segundo o site oficial da Prefeitura de Porto Alegre, a Rua da Praia recebeu seu primeiro calçamento, provavelmente, em 1799. Da Rua do Ouvidor (atual General Câmara) à Rua Senhor dos Passos, era conhecida como Rua da Graça – manteve esse nome até meados de 1843, quando as ruas foram emplacadas. Em 1865, o antigo calçamento executado à base de calha central, para a qual se inclinavam as calçadas, começou a ser substituído utilizando-se, então, o sistema de pista abaulada, com sarjetas adjacentes a cada um dos passeios. As pedras irregulares só foram substituídas por paralelepípedos a partir de 1885. Em 1923 é então introduzido o “requite do calçamento de paralelepípedos de granito em mosaico” com duas cores.



De acordo com o historiador Charles Monteiro (2006) no início dos anos 1970, Porto Alegre passava por uma série de transformações profundas na paisagem urbana e na forma de gestão do espaço urbano. O período foi marcado por grande crescimento da população urbana, bem como da área da cidade, que se estende alcançando os municípios vizinhos, integrando-os como áreas periféricas em um processo de conurbação.

Neste período, segundo o autor, a população de Porto Alegre passou de 394 mil habitantes, em 1950, para 885 mil nos anos 1970, tendo a área metropolitana da cidade passado de 590 mil habitantes em 1950 para 1 milhão e 531 mil em 1970. Ou seja, a população da cidade dobrou em vinte anos, enquanto a população da região metropolitana triplicou. Este crescimento populacional era ponto de discussão de políticas públicas que buscavam soluções para este “inchaço” na capital do Estado.

Neste período, segundo o autor, a população de Porto Alegre passou de 394 mil habitantes, em 1950, para 885 mil nos anos 1970, tendo a área metropolitana da cidade passado de 590 mil habitantes em 1950 para 1 milhão e 531 mil em 1970. Ou seja, a população da cidade dobrou em vinte anos, enquanto a população da região metropolitana triplicou. Este crescimento populacional era ponto de discussão de políticas públicas que buscavam soluções para este “inchaço” na capital do Estado.

Na época, a administração de Porto Alegre estava a cargo de um técnico, o engenheiro Telmo Thompson Flores, que tinha sido nomeado para o cargo pelo Governador Walter Peracchi Barcelos. Cabe lembrar que estamos nos “anos dourados” da ditadura militar brasileira e que, neste caso, tais políticos comungavam com a ideologia modernizadora e conservadora do regime militar. Thompson Flores, que governou de 1969 a 1975, elaborou um plano de reformas urbanas

que acabou por realizar desapropriações e demolições necessárias à execução de um projeto viário que contava com a construção de um sistema de perimetrais, radiais, túneis e elevadas.

Dentre as inúmeras reformas realizadas por Thompson Flores, encontra-se a criação de um calçadão na Rua da Praia, em 1973, tornando-a exclusiva para pedestres, ou seja, proibindo assim o fluxo de ônibus, de carros e/ou de lotações. Esta reforma urbana, bem como tantas outras realizadas por este governador, foram objeto de repúdio por muitos dos habitantes da cidade, que passaram a narrar com nostalgia a conformação do espaço citadino de outrora. Esta nostalgia gerou um movimento de “resgate” da memória por parte de poetas e cronistas que narravam o desmanche da cidade perdida, conforme nos alerta o historiador Charles Monteiro.

A modernização do espaço urbano através da abertura de grandes avenidas, bem como a demolição acelerada de prédios antigos e a retirada de circulação dos bondes, causaram um impacto na sociedade local e uma ruptura em relação às experiências urbanas do passado. O que deflagrou um movimento pela preservação dos prédios históricos e pela criação de um museu da cidade, bem como de publicação de livros de história e crônicas sobre a história e a memória urbana de Porto Alegre. (Monteiro, 2006)<sup>10</sup>.

Ao citar alguns cronistas que narraram a Rua da Praia, podemos perceber a importância deste espaço na memória e na formação da cidade de Porto Alegre, como também sua heterogeneidade paisagística e cultural. Na voz de Auguste Saint-Hilaire, em 1822, podemos percebê-la como um lugar agitado, onde a movimentação prevalecia, pois se tratava de um local de passagem:

A Rua da Praia, que é a única comercial, é extremamente movimentada. Nela se encontram numerosas pessoas a pé e a cavalo, marinheiros e muitos negros carregando volumes. E dotada de lojas muito bem instaladas, de vendas bem sortidas e de oficinas de diversas profissões.

Se dialogarmos com Renato Maciel de Sá Junior (1981), notamos um espaço de sociabilidade que resguardava certo charme: “Na esquina da Rua da Praia com Ladeira estava localizada, até os anos cinquenta, a Confeitaria Central, dos irmãos Medeiros. Era o ponto de reunião e chá das senhoras de sociedade, que ocupavam as poucas mesinhas com tampa de mármore, sob o olhar próximo e atento dos donos”.

---

<sup>10</sup> Extraído do texto on line de Charles Monteiro intitulado “Memória e esquecimento nas artes de lembrar a cidade de Porto Alegre nas crônicas de Nilo Ruschel”. Site visitado <http://nuevomundo.revues.org/index1534.html>

Entretanto, se trouxermos para esta dimensão intratemporal sobre a Rua da Praia a visão de uma figura como a de Nilo Hushel (1971), veremos uma Andradas identificada pelo lazer e pela boemia:

Era hora de todos se esparramarem, cada um buscando a sua toca. Pois se a Rua da Praia era um bordado de bares, dele pendiam franjas por todos os lados. Pontos de atração certa: o chalé da Praça XV, o Gambrinus do Mercado, o Zithe Franz, o Franciscano, na Rua Sete, o Odalisca, na Rua do Rosário, o Eduardo na Dr. Flôres, o Zeppelin, na esquina da Rua Hoffman com a São Carlos.[...] Mais havia muito mais, nessa periferia. Lá no alto, perto do quartel do Sétimo, a Confeitaria Rocco, de imperecíveis tradições ligadas à mocidade acadêmica.[...] Todas essas casas e mais à da rua Andrade Neves formavam o cerco boêmio da Rua da Praia. Essa por si só se bastava, mas não à tendência ambulatória dos freqüentadores. Era preciso mais, para que a peregrinação noturna tivesse curso livre.

Esse e muitos outros relatos de cronistas tomaram força no imaginário ligado à cidade de Porto Alegre, os quais se fixam em álbuns comemorativos, ou mesmo, em espaços reservados em colunas de Jornal, como foi o caso de Nilo Ruschel, que, por volta de 1970, passou a ter uma coluna semanal no jornal Correio do Povo, a qual versava histórias sobre a Rua da Praia. Suas quarenta crônicas narram o cotidiano de uma cidade que desaparecera, de sociabilidades perdidas, como uma forma de resgate da memória coletiva face à destruição massiva da cidade em sua materialidade. Este resgate formulado por meio de crônicas é encarado por Charles Monteiro (2006) como “uma forma de escrita que elabora a passagem do tempo e a memória de um grupo ou sociedade por meio da seleção proposta pelo filtro do tempo presente” (2006). Segundo o autor, cronistas e historiadores desempenham o papel social de intérpretes da memória coletiva.

## **2.2. Entre nome e cognomes**

A cidade de Porto Alegre, bem como a rua em torno da qual a cidade nascera, sofreram não apenas transformações urbanas como também extensivas transformações em termos de nomenclatura.

A cidade que hoje conhecemos como “Porto Alegre” teve como nome de batismo “Porto de Viamão”, devido a suas funções portuárias, que possibilitavam passagens e pequenas estadias de tropeiros que por lá pairavam. Jerônimo D’Ornellas foi um desses tropeiros que decidiu se fixar na região por volta de 1732. Em 1740, ganhara a concessão provisória da sesmaria que se estendia da recém-fundada “Capela Grande do Viamão” até o Lago Guaíba, tendo instalado ali

uma estância para criação de gado e sua residência. Após a concessão de sua sesmária, o “Porto de Viamão” passa a ser conhecido como “Porto de Dorneles”, em referência ao sesmeiro.

Em 1742, o rei de Portugal publicara um edital que autorizava a emigração de açorianos para o sul do Brasil, que de início deveriam se fixar na região de Santa Catarina. Em 1750, após a assinatura do Tratado de Madrid, ordenou-se ao governador de Santa Catarina, Manoel Escudeiro de Souza, que enviasse ao Porto do Viamão uma leva de casais açorianos. Sessenta famílias açorianas, aproximadamente 300 pessoas, desembarcaram em 1752, neste porto, que por esta razão passou a ser conhecido como “Porto dos Casais”.

Em 1772, Porto Alegre foi desligada da jurisdição eclesiástica de Viamão por uma pastoral do bispo do Rio de Janeiro, pois fora elevada a freguesia (pequena divisão administrativa) instalando-se, assim, a “Freguesia de São Francisco do Porto dos Casais”. Essa denominação seria mudada em janeiro do ano seguinte para “Nossa Senhora da Madre de Deus de Porto Alegre”.

O príncipe Dom João, por meio da Resolução Régia de 7 de outubro de 1809, eleva a freguesia à categoria de vila. Com o alvará de 16 de dezembro de 1812, Porto Alegre tornou-se sede da Capitania de São Pedro do Rio Grande, foi elevada a categoria de “vila” e manteve seu antigo nome, ficando assim chamada de: “Vila de Nossa Senhora da Madre de Deus de Porto Alegre”.

Devido a uma população que atingia, em 1821, cerca de doze mil habitantes, o Imperador Dom Pedro I por meio da Carta de Lei de 14 de novembro de 1821, elevou a então “Vila de Nossa Senhora da Madre de Deus de Porto Alegre” à categoria de cidade, passando a se chamar “Cidade de Porto Alegre”.

Em 1835, inicia-se no Rio Grande do Sul uma das mais extensas rebeliões deflagradas no Brasil, a Revolução Farroupilha. Mesmo fortificada, Porto Alegre foi invadida, sendo retomada no ano seguinte pelos Imperiais. A partir de então, a cidade sofreria três intermináveis cercos até o ano de 1838. Foi a resistência a esses cercos que fez D. Pedro II dar à cidade o título de "Mui Leal e Valerosa Cidade de Porto Alegre".

Navegar nas múltiplas nomenclaturas da cidade de Porto Alegre, bem como na Rua da Praia, fornece-nos a trajetória de seu reconhecimento. O caso da Rua da Praia não fora muito diferente da cidade que a abriga. Na voz do cronista Coruja, a rua chamava-se:

A rua do Arroio (sem arroio) era tão pouco conhecida por este nome, que para sabê-lo era necessário ir revolver os arquivos da câmara, pois era este seu nome oficial; mas em

compensação era dividida em três seções, a primeira seção era da *Rua da Praia* até a da Ponte; aí se edificaram as primeiras sete casinhas; e, ou pela quantidade delas, ou pela qualidade das pecadoras que aí morava, ou ambos os motivos, o vulgo por gracejo a começou a chamar os Sete pecados ou Os pecados mortais.

De acordo com Ary Veiga Sanhudo (1975), nos últimos dias do século XVIII, a Rua da Praia já tinha a mesma extensão que em 1975 e dividia-se em duas partes: Rua da Praia, da Ponta das Pedras (onde hoje é a Usina do Gasômetro) até a Ladeira, e a Rua da Graça, da Rua da Ladeira até a atual Praça Dom Feliciano.

O cronista conta que na sessão do dia 17 de agosto de 1865, a Câmara Municipal, com intuito de homenagear os irmãos Andradas por seus feitos à cidade, re-nomeou a mais famosa Rua da Cidade com o sobrenome dos irmãos. Porém, mesmo que o povo não buscasse desmerecer a importância da família Andradas, o nome oficial não “vingou”, e a rua continua a se chamar Rua da Praia, mesmo que em cada uma de suas esquinas houvesse uma placa como o nome “Rua dos Andradas”.

As mudanças de nomenclatura aproximam-nos da análise do antropólogo Ruben Oliven, ao trabalhar com a obra “Manifesto Regionalista”, de Gilberto Freyre, trazendo a discussão da construção da identidade brasileira. O autor mostra que no processo do culto modernista ao novo, cria-se uma “mania de mudar nomes regionais e lugares velhos (como Rua do Sol, Beco do Peixe, Rua da Saudade) para nomes de poderosos do dia, ou datas políticas insignificantes” (Oliven, 2000: 66).

Neste sentido a antiga Rua da Praia passou a ser chamada de Rua dos Andradas, mesmo que os cidadãos não aderissem à nova denominação. O nome mais difundido pelos habitantes da cidade de Porto Alegre para este espaço urbano foi “o da primeira seção”. Sendo a rua amplamente chamada por seus *habitués* pelo velho nome de Rua da Praia (devido às margens do Guaíba, que alcançavam o que hoje conhecemos como Praça da Alfândega).

Em uma de suas crônicas, Luís Fernando Veríssimo (1994) traz a tona estas “confusões” nomenclaturais que marcam uma cidade que se metamorfoseia no tempo e no espaço.

Porto Alegre vive à beira de alguns mal-entendidos. Para começar, vive à beira de um rio que não é rio. O Guaíba é um estuário, ou como quer que se chame essa espécie de antesala onde cinco rios se reúnem para entrar juntos na Lagoa dos Patos. Mas todos o chamam de Rio Guaíba.

A rua principal da cidade não existe. Você rodará toda a cidade à procura da Rua da Praia e não a encontrará. Usando a lógica - o que é sempre arriscado, em Porto Alegre - procurará uma rua que margeia o rio (que não é rio), ou que comece ou termine numa praia. Se dará mal. Não há praias no centro da cidade, e nenhuma rua ao longo do falso rio se chama "da praia". Finalmente, desconfiado de que a rua principal só pode ser



aquela que concentra a maior parte do tráfego de pedestres no centro, você consultará a placa e lerá "Rua dos Andradas". Mas ninguém a chama de Rua dos Andradas, chamam pelo nome antigo, Rua da Praia. Por que da praia? Ninguém sabe. Só se sabe que ela vai da Ponta do Gasômetro, que não é mais Gasômetro, até a Praça Dom Feliciano, que todos chamam Praça de Santa Casa, passando pela Praça da Alfândega, que já foi praça Senador Florêncio, mas voltou a ser Praça da Alfândega porque ficava na frente da Alfândega - que não existe mais. Confuso, você talvez entre no prédio da prefeitura para pedir satisfações, só para descobrir que entrou no prédio errado. Existe outra prefeitura, a nova, atrás da velha, que por sua vez tem na frente uma praça chamada não Porto Alegre mas Montevidéu. Na prefeitura certa talvez lhe digam para ir se queixar ao bispo, tendo que, para isto, subir a Rua da Ladeira até a Praça da Matriz, onde fica a Catedral. Desista. Você não encontrará a Rua da Ladeira, que hoje se chama (só ela se chama, porque ninguém mais a chama assim) General Câmara, e a Praça da Matriz na verdade é a Praça Marechal Deodoro, embora poucos porto-alegrenses saibam disto. A única vantagem de toda esta confusão é que você precisará de muito tempo para ir decifrando Porto Alegre, ao contrário do que acontece em cidades previsíveis e sem graça como Paris, Roma, etc., onde tudo tem o mesmo nome há séculos - e ir degustando-a aos poucos. Acho que não se decepcionará. Vencidos os primeiros mal-entendidos e localizada, por exemplo, a "Praça da Matriz", você pode fazer uma visita ao Theatro São Pedro, um dos orgulhos da cidade com seu prédio em estilo barroco português e sua pequena platéia em forma de ferradura. Há quem diga que é o teatro mais bonito do Brasil. Certamente é o mais bem cuidado. Inaugurado em 1858, esteve fechado por uns tempos e foi magnificamente restaurado para sua reinauguração há poucos anos. Da sacada do seu primeiro andar, onde ficam o foyer e o café, você pode olhar a Praça de cima. Se tiver sorte, os jacarandás estarão florindo. Do outro lado da praça estão a Catedral e o palácio do governo estadual, ou Palácio Piratini, esse no estilo neoclássico francês. Duas coisas surpreendem alguns visitantes em Porto Alegre pela quantidade insuspeitada: a arquitetura neoclássica e os jacarandás.

Não apresentarei aqui toda a crônica de Luís Fernando Veríssimo, pois este trecho já elucida algumas feições da cidade de Porto Alegre. Uma cidade labiríntica, que precisa ser decifrada, uma cidade que obriga o caminhante a transitar na memória coletiva da cidade para reconhecê-la enquanto mundo urbano contemporâneo, onde os nomes se alteram, a cidade se transforma, mas muitas coisas permanecem e são transmitidas através da oralidade de seus habitantes, porque os vínculos com a cidade são da ordem da subjetividade ligada ao lugar praticado porque vivido. A placa indica Rua dos Andradas, a cidade reivindica Rua da Praia. Nesse jogo complexo, ambas perspectivas sobre as ruas – distintas e similares – permanecem.

Essa mudança massiva de nomes para as ruas ou para a própria cidade aponta para as inúmeras transformações históricas, geográficas e sociais pelas quais passou Porto Alegre.

Michael Herzfeld (1997) nos mostra a importância de trabalharmos antropológicamente com estes materiais tidos de "segunda mão", tais como: crônicas, anedotas ou piadas. Segundo o autor, nesses produtos culturais está presente um tom irônico que desvela significados por vezes escondidos e que só podem vir a tona em uma forma de expressão lúdica. Ou mesmo, esses materiais podem revelar a imagem que os habitantes deste espaço fazem de si próprios e de sua



cidade, pois na medida em que as anedotas e crônicas são criadas, identidades são agenciadas e nela reveladas.

Ana Luiza Carvalho da Rocha (1994), em sua tese de doutorado, busca questionar a afirmativa européia registrada na voz de Claude Levi-Strauss. Em sua obra “Tristes Trópicos”, o autor afirma que “o Brasil é um país sem memória”, visto que suas cidades se metamorfoseiam em busca do “novo”, destruindo seus antigos espaços de enraizamento. Assim, a autora advoga que as cidades brasileiras organizam seus espaços afetivos e de pertença imersas em uma lógica que acomoda as práticas cotidianas dos habitantes que vivenciam esta cidade na interface da memória coletiva com a memória social. A cidade traz “a ondulação temporal vivida pela sociedade brasileira desde seus primórdios, incidindo num logos morfológico que dá sentido à Cidade na memória coletiva local.” (Rocha, Ana Luiza Carvalho da, 2001:15). A estética de apropriação da cidade é uma forma de resistência a uma lógica totalitária que busca homogeneizá-la. As “formas disformes” (Rocha, 2001:15) são resultado da maneira como os grupos humanos se apropriam do espaço urbano que muitas vezes é arquitetado e pensado mediante outra lógica que não a da apropriação dos habitantes que vivem neste espaço.

No passado, as imagens da Rua da Praia aparecem nas palavras dos cronistas de Porto Alegre como um espaço de *glamour*, uma rua majestosa que abrigava personagens ilustres, provindos de camadas sociais mais favorecidas economicamente e que desfilavam elegantes por suas calçadas, por exemplo, praticando o *footing*.

O centro de Porto Alegre, mais especificamente a Rua da Praia, era o espaço dos intelectuais e da alta sociedade, um lugar destinado às belas moças que passeavam com seus chapéus e flertavam com os honrosos moços da sociedade. Este cenário de outrora se modificou drasticamente nos dias atuais. Nota-se que a chamada “degradação do Centro” vem sendo motivo de discussão por parte de várias instituições e órgãos públicos. Os atores sociais alteraram-se e, atualmente, ao invés de um grupo urbano marcado por seu “poder de capital econômico”, nos termos de Pierre Bourdieu (2007), encontra-se ocupando os espaços a chamada “classe popular”, ou seja, atores sociais desprovidos daquele capital econômico e cultural.

A Rua da Praia não é mais composta por cafés glamourosos, confeitarias elegantes e lojas frequentadas pela alta sociedade, que exibiam em suas vitrines as últimas tendências da moda. Suas calçadas foram tomadas por tapetes plásticos que cobrem as ondulações em preto e branco desenhadas no chão, e sobre eles, encontram-se artigos, tais como: DVDs, roupas, sapatos,

bonecas, sombrinhas e outros acessórios. A rua tornou-se um grande centro de compras da dita classe popular, uma vez que os produtos são disponibilizados a baixos preços por vendedores ambulantes tidos como ilegais e/ou camelôs.

O lugar ainda marcado pela efervescência, dessa forma, transfigura-se. No lugar de vestidos longos, saltos altos, chapéus, calçados engraxados e sombrinhas que protegiam as damas da ação dos raios solares de outrora, encontramos chinelos, bermudas e camisetas espalhados na “vitrine popular” exposta no chão. No entanto, ela se revela, ainda, “o centro”. “Eu gosto de caminhar no centro”, dizem alguns interlocutores, referindo-se à Rua da Praia, pois se trata de uma rua que permanece como a referência “de ser” o centro da cidade.

Segundo Patrícia Rodolpho (2001) em sua etnografia na Rua da Praia vinculada ao projeto BIEV (1997 a 1999), a “desvalorização” da área central de Porto Alegre gera para os habitantes de classe média e alta um imenso desconforto, criando verdadeira repulsa em relação a esta zona, antes exaltada pela magnitude e efervescência cultural que abarcava. Essa transformação de atores sociais nesse cenário urbano gera tensões e conflitos que são negociados no viver a cidade cotidianamente.

### **2.3. Que rua é esta?**

A Rua da Praia é longa, com aproximadamente 1,6 km de extensão, que compreende doze quadras e três praças. A rua que beirava o Lago Guaíba foi se distanciando das suas margens devido aos inúmeros aterros realizados desde o final do século XIX. De acordo com Jeniffer Cuty (2007), a Rua da Praia é composta, além de sobrados e casarões das antigas famílias abastadas (muitos deles atualmente arruinados pelo tempo), por edificações residenciais de médio porte (nas imediações com a Usina do Gasômetro), equipamentos culturais, como a Casa de Cultura Mario Quintana (reciclada no final da década de 1980), e altos prédios como o Edifício Santa Cruz, os quais revelam sua arquitetura variada por sobreposições de estilos arquitetônicos no decorrer dos tempos.

Marcam o seu trajeto três áreas verdes significativas da paisagem porto-alegrense: a Praça Dom Feliciano, a Praça da Alfândega e a Praça Brigadeiro Sampaio. Tais espaços servem como ponto de referência para esta rua. A Praça Dom Feliciano apresenta-se como ponto de partida de quem se lança em uma caminhada do ponto mais alto da rua; cuja imagem é a de uma longa descida que lembra uma leve ladeira.

A Rua da Praia é marcada pela confluência de grupos heterogêneos. Os passantes são de todas as origens sociais, alguns mais do que outros se conformam como *habitués* deste espaço público, onde sociabilizam e constroem suas identidades enquanto personagens pertencentes ao “Centro”. No centro de Porto Alegre, há um predomínio de atividades comerciais formais e informais, nas quais atuam sujeitos oriundos das “camadas populares” — camadas médias baixas ou camadas de menor poder aquisitivo. São balconistas, vendedores de jornais e revistas, floristas, gerentes de lojas, recepcionistas, trabalhadores do terceiro setor, aposentados, engraxates e vendedores informais, como: de cafezinho, de artesanato, camelôs e prostitutas. Esses são os personagens que constituem a maior parte dos transeuntes dessa rua enquanto trabalhadores ou frequentadores assíduos.

Portanto, a Rua da Praia revela-se uma rua de muitas ambiências. Suas feições variam ao longo do trajeto que abrange as doze ruas com a qual faz esquinas.

Ao começar o trajeto etnográfico pela Praça Dom Feliciano, percebo um espaço marcado pela presença de ônibus, lotações, de automóveis e de um fluxo de pessoas que se direcionam, principalmente, para o terminal de ônibus (dos ônibus T9 e Auxiliadora) abrigado nesta praça.

Esse fluxo de automóveis se estende por duas quadras: nas esquinas entre Rua Doutor Flores e a Rua Vigário José Inácio. Neste trecho a Rua da Praia é asfaltada e possui um fluxo de comércio voltado para consultórios médicos e óticas. Na quadra que faz esquina com a Rua Marechal Floriano, a lógica altera-se, uma vez que apenas pedestres circulam, e o fluxo de transeuntes aumenta. Neste ponto, o chão é de paralelepípedos. Começam a aparecer vendedores ambulantes, a maioria deles do sexo masculino, que são facilmente identificados por seus apelos orais de venda.

O número de lojas então se intensifica. Na próxima quadra localiza-se a Galeria Chaves Barcelos, que no mapa de Porto Alegre aparece como rua. Neste trecho, há forte sociabilidade na rua, basicamente de vendedores ambulantes; esta sociabilidade aparentemente é restrita ao trabalho masculino.

O fluxo de pessoas densifica-se, ao se aproximar da Rua Borges de Medeiros. Revela-se ao caminhante a famosa Esquina Democrática. Diversos acontecimentos ocorrem simultaneamente, como manifestações políticas, artísticas, homens-estátuas, desenhos no chão, palhaços, etc, além do pipoqueiro e do vendedor de rapaduras presentes sempre naquele local.

Essa efervescência de trocas sociais tem seu auge no trecho que compreende a Praça da Alfândega. Nele, a Rua da Praia abriga camelôs, vendedores ambulantes, vendedores de artesanato indígena, vendedores de loteria, mas à medida que se percorre a rua, o ritmo vai desacelerando. A rua muda novamente de feição. Já na esquina com a Rua Caldas Junior, a Rua da Praia mostra-se como um espaço de morada e do habitar; o canto sonoro dos passarinhos, pessoas passeiam calmamente com seus cachorrinhos, o barulho do balanço ecoa na agitação infantil e o comércio é, marcadamente, o de mercadinhos e padarias com ar bastante familiar.

O burburinho produzido pelo comércio formal e informal, marcado pelo vai e vem de pessoas que chegam, por vezes, a se debater nos dois primeiros trechos da Rua da Praia convive com o olhar a vitrine em meio à multidão, com a disputa por um pedaço de marquise em um dia de chuva, com o comer a pipoca feita na esquina, com o comprar a água na banquinha de jornal. Realizar práticas cotidianas que conformam este espaço relembra as imagens de fontes literárias, fotográficas e históricas, que narram desde o *footing*, o café dos intelectuais, o desfile de belas moças, até percalços como incêndios e assaltos.

### Capítulo 3

#### Etnografia na Rua da Praia: passos perdidos e memórias em ebulição

credeal

Rápidos os  
Usuários  
Andam e .

Distanciam-se  
Através dos

Passos e  
Ruídos  
Atravessando  
Incansáveis, ano  
Após anos, o roteiro da mãe  
badalada rua da cidade

Niãia  
set/2008



### 3.1. Tempo modernos

Comecei a pesquisa com a prática das “caminhadas etnográficas”, quando buscava identificar o espaço da rua em suas minúcias e microeventos, bem como os seus personagens - *habitués* locais -, o fluxo da rua, suas nuances entre o dia e a noite e as distinções entre os próprios dias da semana. Segundo Michel De Certeau (2008:177), “o ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação está para a língua.”, pois caminhar em uma rua é apropriar-se dela, ou seja, é uma “realização espacial do lugar”, que exige o conhecimento dos contratos estabelecidos na dinâmica do viver o espaço; enfim, a caminhada é um “espaço de enunciação” (De Certeau, 2008:177).

A decorrência das caminhadas etnográficas foi a de buscar *a posteriori* um ponto a no qual me fixei. O espaço da Praça da Alfândega foi o qual obtive maior facilidade, uma vez que busquei interagir com seus *habitués*, fixando-me em um grupo específico. Neste espaço, minha principal interlocutora foi uma senhora chamada Frida, a qual apresentarei posteriormente. A prática da observação participante foi crucial neste momento. “Jogar conversa fora”, compartilhar risadas e conflitos e comer negrinhos tornou-me uma “estranha” que compartilhava do cotidiano desses *habitués*.

A entrada no espaço da “casa” dos interlocutores foi mais penosa. Creio que a questão de classe interferiu na demora de minha entrada no espaço doméstico. No contexto desta pesquisa, a participação de pessoas que se encontravam nos extratos médios era de suma importância, visto que os *habitués* de outrora se encontravam inseridos nesta “classe social”. O convívio com a classe popular, ou seja, com os *habitués* atuais, acontecia no próprio espaço da rua. Obviamente esta relação também tinha suas limitações, mas, sendo a rua um espaço público e o estilo de vida de seus *habitués* mais “integrador” a observação participante foi possível. Porém a entrada no espaço doméstico não ocorreu da mesma forma, várias tentativas foram frustradas, pois as pessoas acabavam desistindo ou se recusavam ao diálogo.

Pode-se refletir sobre este fato a partir das colocações de Richard Sennet, em sua obra “O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade” (1988). Neste livro, o autor discute o processo de transformação da esfera pública no que tange as relações de intimidade acionadas no viver o contexto urbano. Para Sennet, o advento do capitalismo influenciou consideravelmente na percepção das pessoas no que diz respeito aos domínios da vida pública e ao domínio do privado. O domínio público, segundo o autor, no início século XVIII, era o espaço aberto à diferença,

enquanto o domínio privado era o espaço das relações pessoais. Com o surgimento do capitalismo e a intensa migração para o contexto urbano, o domínio público passava a ser o espaço da indiferença, do anonimato e da multidão, enquanto o domínio privado se transformava no espaço da intimidade. Nesse contexto, as pessoas passaram a se relacionar a partir de um código de crenças comum. Eis que surge o conceito de “código de credibilidade” que, segundo o autor, é o ponto de referência a partir do qual estranhos se relacionavam entre si no final do século XVIII. Porém este “código de credibilidade”, segundo Sennet, não funcionou mais como um mecanismo de interação frente à secularidade do século XIX, que alterou a relação entre as coisas e os homens.

A secularidade influenciou consideravelmente nas relações dadas no domínio público, pois as aparições na vida pública passariam a revelar os traços da personalidade do sujeito que nele se relaciona, ou seja, revelaria a intimidade deste indivíduo. Sennet aponta o surgimento da maior contradição do século XIX: “mesmo quando as pessoas queriam fugir, fechar-se num domínio privado, moralmente superior, temiam que classificar arbitrariamente sua experiência em digamos, dimensões públicas e privadas poderia ser uma cegueira autoinfligida” (Sennet,1988: 37).

O caráter “intimista” da sociedade acabou por gerar uma vida pública que só se fazia possível em termos de coletividade, de um grupo que compartilhasse o mesmo *ethos* e visão de mundo. Assim, adentrar em um grupo dentro do espaço urbano é aderir a este modo de vida, buscando vivenciar o cotidiano urbano destes sujeitos conforme seus códigos de sociabilidade.

Os *habitués* de outrora hoje não vivenciam mais este espaço urbano por meio do coletivo, mas, sim, pelas lembranças acionadas na intimidade do lar, no domínio do privado, ou seja, para pessoas de suas relações de proximidade e confiança.

### **3.2. Adentrando a casa: os percalços da “sala de visitas”**

As dificuldades de entrar no espaço doméstico, na esfera da vida privada, eram intermináveis. Portas fechadas, telefonemas não retornados e a expectativa por uma entrevista foram parte da trajetória dessa pesquisa. Uma de minhas empreitadas em busca de um informante aconteceu no dia 17 de janeiro de 2008, no Edifício Rua da Praia, prédio localizado ao lado de

uma ferragem, em frente à Praça Brigadeiro Sampaio<sup>11</sup>. Meu colega de mestrado, Gustavo, também morador deste edifício, mostrou-se disposto a intermediar a minha aproximação de seus vizinhos, pois acreditava que assim fosse mais provável que alguém se dispusesse a conceder uma entrevista.

Eram meados de janeiro de 2008, em um dia meio nublado, o Sol escondido tornava o dia abafado. Segui o caminho da Avenida Borges de Medeiros<sup>12</sup> para encontrar meu colega, e conversarmos sobre a forma de sua intermediação junto aos moradores. Na rua, surpreendentemente poucas pessoas circulavam, talvez devido à época do ano; no período das férias (janeiro e fevereiro) a cidade de Porto Alegre parece adormecer, já que muitos habitantes buscam passar as suas férias longe do “burburinho” da cidade.

Combinamos que Gustavo me apresentaria Lucas, o zelador, e depois iríamos falar com a síndica e um antigo morador idoso que ele dizia ser muito receptivo. Para o meu espanto, Lucas, o zelador não é nenhum senhor, pelo contrário, um rapaz de 30 anos, com uma memória fantástica, que sabe o nome de todos os moradores e os seus respectivos apartamentos. Já apresentada a Lucas, Gustavo pergunta sobre os dois idosos sobre os quais ele havia comentado com o zelador que seriam interessantes na minha pesquisa. O rapaz informou que um deles havia falecido há duas semanas. Senti-me frustrada.

Gustavo informa a Lucas que eu então passaria a frequentar o prédio para fazer minha pesquisa e que naquele dia só me apresentaria às pessoas, mas que eu seguiria indo lá, mesmo sem a presença dele. Avisamos que falaríamos com a síndica. Lucas nos indicou outro senhor também do quinto andar.

Fomos ao apartamento da síndica, no quinto andar. As referências fornecidas sobre ela não eram nada boas: “uma velha louca, mal humorada, casada com um velhinho simpático”, de acordo com Gustavo. Batemos na porta e ela não estava em casa, comentei que poderiam estar sesteando. Tentamos então a casa de um senhor que era major. Quando batemos na porta, ouvimos um som de radinho no qual passava um jogo de futebol. Confesso ao diário: “Bem no meio do jogo do senhor, que inconveniente, era muito azar...”

---

<sup>11</sup> A Praça Brigadeiro Sampaio situa-se nas imediações da Usina do Gasômetro (mais próximo às margens do Lago Guaíba), no terceiro trecho descrito no capítulo anterior, onde predominam espaços de morada e de “comércios familiares”.

<sup>12</sup> Em 1932 foi inaugurado, nesta avenida, o Viaduto Otávio Rocha, que uniu o porto à zona sul, alterando completamente o perfil urbano do centro da cidade. Hoje, a Avenida Borges de Medeiros é uma importante via onde circulam muitos pedestres, bem como, automóveis, ônibus e lotações que transitam nas imediações do Centro.



Ele demora a abrir a porta e quando abre, não reconhece Gustavo, que logo se reapresentou. Naquele momento teve início começa uma conversa um tanto difícil. O senhor não ouvia ou não entendia nada do que falávamos. Apesar de ser muito prestativo, o diálogo foi quase “uma conversa de loucos”. Perguntávamos X ele respondia Y. Assim, ele nos contava aleatoriamente um pouco de sua vida. Em meio a tentativas de conversa, ele disse que morava ali há um ano e que tinha vindo de Brasília há pouco, o que me deu um alívio, pois me parecia insustentável uma conversa com ele. Agradecemos dizendo que talvez voltássemos outro dia.

Descemos até a portaria e conversei um pouco mais com Lucas sobre a minha pesquisa. Ele se lembrou de uma senhora, Dona Edith. Ele interfonou para ela que inicialmente recusou nossa subida, ele tentou convencê-la argumentando que era um vizinho dela e uma colega que queriam realizar uma pesquisa. Assim, a nossa subida foi autorizada. Novamente no quinto andar, no último apartamento à esquerda, a porta estava aberta. Batemos levemente e uma senhora por volta dos 50 anos abriu a porta – estranhei, pois a imaginava mais velha já que era a moradora mais antiga – convidou-nos para entrar. Após uma conversa rápida, ela me passou o seu telefone para marcarmos um dia. Dias passados, telefonemas feitos e mais uma resposta negativa.

Outra vez o desânimo fez-se presente em mim. Será que não seria possível encontrar moradores ou ex-moradores dispostos a dialogar comigo?

A publicidade de um evento organizado pela Prefeitura, no período, revelou-se uma oportunidade promissora. Recomendada pela minha orientadora, eu me inscrevi no passeio. Tratava-se do Projeto “Viva o Centro a Pé”<sup>13</sup>, onde conheci Hiliana, minha primeira entrevistada. A caminhada de reconhecimento de Porto Alegre foi orientada pelo historiador Charles Monteiro e teve início na Feira de Antiguidade, na Praça em frente ao Capitólio. A caminhada pelo centro de Porto Alegre tem o intuito de trazer à tona a importância do centro histórico da cidade. Sendo uma visita guiada, o grupo seguia a orientação do historiador e o roteiro pré-estabelecido. Inicialmente subimos até a Praça da Matriz, visitamos o Palácio do governo e findamos a caminhada na Biblioteca Pública. Sobre os patrimônios históricos, o historiador relatou a importância arquitetônica e histórica de tais monumentos para a cidade de Porto Alegre. A caminhada pode ser vista como um reconhecimento do espaço histórico da

---

<sup>13</sup> O Projeto Viva o Centro a Pé é uma iniciativa dentro do Programa Viva o Centro da Prefeitura de Porto Alegre, que oferece às pessoas caminhadas orientadas por professores universitários, estudiosos em história, arquitetura e artes que narram a história de edificações e espaços públicos do Centro da cidade. O Programa Viva o Centro é uma

cidade: Charles Monteiro apontava os monumentos e os prédios públicos, enfatizando sua história e mostrando fotografias antigas para que os caminhantes tivessem a dimensão imagética de como a cidade se transformara.

Embora este passeio guiado não atingisse as imediações da Rua da Praia, a participação neste passeio foi eficaz para me aproximar de pessoas interessadas no centro da cidade.

Já no final da caminhada, na Biblioteca Pública Municipal, Hiliana conversa com Charles Monteiro sobre as transformações de Porto Alegre e, para minha sorte, ela comenta sobre a Rua da Praia mostrando indignação com a reforma que a rua sofrera a partir da década de 70, tal como a construção do “Calçadão”. Aproveitei sua queixa e me aproximei para fazer parte da conversa. Apresentei-me como pesquisadora que buscava compreender a importância da Rua da Praia para os habitantes da Cidade de Porto Alegre; conversamos um pouco e tentei marcar uma entrevista. Inicialmente, Hiliana sugeriu-me uma série de historiadores aos quais poderia recorrer para conhecer a história da cidade, mas sua filha, que estava ao lado, compreendera a minha intenção e buscou convencê-la que o que me importava de fato era a história vivida, o que me foi de grande ajuda. Hiliana me deu um cartão com seu nome e telefone, e quando retornei a ligação, estava marcada minha primeira entrevista.

A segunda oportunidade de construir uma rede ocorreu no âmbito da Jornada sobre Envelhecimento<sup>14</sup>, organizada em julho de 2008, no qual os pesquisadores do Navisual e do Biev, orientados das coordenadoras destes núcleos de pesquisa, apresentaram seus trabalhos de iniciação científica e suas monografias. Nesta ocasião conheci por intermédio de minha orientadora, Cornelia Eckert, a professora coordenadora da Uniti (Universidade para a Terceira Idade, Departamento de Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da UFRGS), professora Odair Perugini de Castro. A professora Odair abriu-me as portas de sua instituição para que eu conversasse e expusesse meu trabalho e, assim, pudesse pedir a cooperação de alguns de seus integrantes. Marquei com Odair uma breve apresentação de minha pesquisa para as senhoras e os senhores, em sua maioria senhoras, participantes da Uniti.

Fui apresentada com brincadeiras que faziam lembrar o espaço da Rua da Praia, a prática do *footing*, e as paqueras, ou seja, que lembravam o espaço de sociabilidade vivido na

---

busca incentivar a valorização do espaço urbano que compreende o “Centro Histórico” da cidade. Para maiores informações visite o site: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/vivaocentro/>

Rua da Praia de décadas atrás. Após a rápida apresentação de minha pesquisa, deixei meus números de telefone, conforme Odair havia sugerido. Duas senhoras me retornaram (Ursel e Décia) e, assim que realizadas estas entrevistas, mais uma senhora fez contato devido ao relato de sua colega de como se procedera a entrevista (Rosa).

O espaço de apresentação de trabalhos acadêmicos me foi frutífero novamente, desta vez na apresentação de meu trabalho no Colóquio de Individualismo, Sociabilidade e Memória<sup>15</sup>. Neste colóquio, membros da Uniti foram convidados por minha orientadora e compareceram ao evento. Nesta ocasião, três senhoras que já estavam presentes na rápida apresentação de minha pesquisa em sua sede se mostraram interessadas para a realização da entrevista. (Ana Maria, Tânia e Niára).

A busca por interlocutores era a pauta de minhas conversas nas orientações, com amigos, colegas, familiares e, até mesmo, com minha terapeuta. Perguntava a todos se conheciam pessoas que poderiam abrir as portas de suas casas, pois já havia tentado “bater” aleatoriamente nos prédios sem nenhum resultado. Sendo assim, quatro outras pessoas me foram apresentadas (Maria Cláudia, Michele, Geisel e Nice).

### **3.3. Interlocutores em suas trajetórias**

Agora procuro realizar uma breve descrição de meus interlocutores, cujos nomes para alguns se mantém os mesmos e para outros se alteram. A opção de modificar alguns nomes e preservar outros foi por causa dos diálogos com os entrevistados que fizeram esta escolha no momento de nossas conversas. Indicarei quando forem empregados pseudônimos.

#### **Ursel**

Ursel, integrante da Uniti, 78 anos, nascida na Alemanha. Veio para Estância Velha, ainda pequena, mudou-se para Porto Alegre com seus avós quando tinha nove anos de idade, onde permaneceu até os onze. Por causa da enchente de 1941, voltou a morar com os pais, já que o Colégio Americano onde estudava passou a ser abrigo de refugiados naquele período. Os pais vieram para Porto Alegre tentar “negócio” que não deu certo, então voltou com os pais para

---

<sup>14</sup> A Jornada sobre Envelhecimento foi organizada pelo Núcleo de Antropologia Visual coordenado por Cornelia Eckert e promovido pelo Núcleo interdisciplinas de estudos sobre envelhecimento, Prorex, UFRGS, coordenado pelo Prof. Johannes Doll, no dia 15 de julho de 2008, na Faced, UFRGS.

<sup>15</sup> O Colóquio de Individualismo, Sociabilidade e Memória foi um evento realizado por alunos e pesquisadores que participaram da disciplina de mesmo nome, ministrada pelas Profas. Dras. Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da

Montenegro. Como as filhas precisavam estudar e o colégio mais próximo que o pai julgava de qualidade era em São Leopoldo, Ursel lá estudou por cinco anos. O pai então resolveu voltar a Porto Alegre, para que as filhas pudessem estudar e ficar próximas da família. Ursel cursou o Julinho e fez vestibular na UFRGS, mas cursou em Santa Maria e só findou o Curso de Farmácia na UFRGS quando novamente se mudou para Porto Alegre. Casou-se aos 23 anos e teve dois filhos. Hoje, mora sozinha em um apartamento na Avenida Independência, bairro que faz limite com o centro, mas tem a companhia diária de sua empregada e da filha dela, que Ursel tem como neta.

### **Ana Maria**

Ana Maria, integrante da Uniti, 63 anos, moradora de Porto Alegre desde os 17 anos de idade. Veio de Cachoeira do Sul com o intuito de realizar o segundo ano do Segundo Grau, mas nunca mais voltou à sua cidade natal. Morou no Centro de 1962 a 1969. Formada em Ciências Sociais, como diz ela, na “doce ilusão” de ser socióloga, lecionou na rede pública de ensino e trabalhou na Secretaria de Educação onde obteve a sua aposentaria. Solteira, sem filhos, cuida de sua mãe com o auxílio de sua irmã. Mora na Avenida Independência, também próximo ao centro.

### **Décia**

Décia, integrante da Uniti, 88 anos de idade. Mudou-se de São Sebastião do Caí para Porto Alegre em 1933. Estudou no Colégio Americano, fez Faculdade de Serviço Social na Pontifícia Universidade Católica. Na sua narrativa, traz a importância da liberdade e da independência feminina, fato pelo qual ela explica a razão de nunca ter se casado e a opção de não ter filhos. Hoje mora no bairro Bom Fim.

### **Tânia**

Tânia, integrante da Uniti, 63 anos, nascida em Porto Alegre, estudou no Colégio Nossa Senhora da Glória, casou quando passou para o Terceiro Ano do Normal e terminou seus estudos no Colégio Cruzeiro porque lá havia aulas à tarde, visto que já tinha seus dois filhos. Foi moradora do bairro Bom Fim durante muito tempo, depois foi para o bairro Petrópolis e de Petrópolis, para o bairro Ipanema, onde morou mais de 20 anos. Quando se divorciou mudou-se para o bairro Cidade Baixa. Professora de História, trabalhou anos lecionando. Sua filha hoje mora na Rua da Praia, em um Edifício próximo a Praça Brigadeiro Sampaio.

### **Rosa**

Rosa, integrante da Uniti, 78 anos, nascida no Equador, veio com o marido inicialmente para o Uruguai. Há 52 anos mora no Brasil. Morou na Rua Duque de Caxias, onde afirma começar a Rua da Praia, próximo da antiga Cadeia. Mãe de três filhos, separada do marido, no entanto, manteve o contato com ele até a sua morte. Sua experiência na Rua da Praia se diferencia das demais integrantes da Uniti, pois narra sua experiência de casada e de mãe e não de seus feitos de juventude. Chegou a Porto Alegre em 1956, em 1958, por conta do trabalho de seu marido, mudou-se para Caxias do Sul. Em 1963 voltou para Porto Alegre, de onde diz nunca mais sair.

### **Niára e Ana**

Niára, integrante da Uniti, 62 anos. Conversei com Niára na companhia de sua amiga Ana, que aparenta em torno de 65 anos de idade. Esta última relata que conheceu seu marido em uma saída de cinema na Rua da Praia. Niára é viúva, mãe de dois filhos, a filha mora com ela em um apartamento situado em uma rua paralela à Avenida Protásio Alves. Veio de Uruguai ainda menina, após a morte do pai, com a mãe e os irmãos.

### **Hiliana**

Conheci Hiliana numa caminhada realizada pelo programa “Viva o centro a pé”, 63 anos, é divorciada e mãe de dois filhos. Casou aos 26 anos; até se casar e no início do casamento morou na casa da família, na Rua Lima e Silva, depois se mudou para a Rua Calduro, mais especificamente para o apartamento do irmão, enquanto construía a sua casa no bairro Menino Deus. Não tinha terminado de construir a casa quando o marido foi para Bagé. Voltou para Porto Alegre em 1988 e foi morar no bairro Ipanema. Atualmente mora em um apartamento no bairro Menino Deus com a sua filha. É aposentada como professora de língua Portuguesa na rede pública de ensino.

### **Nice**

Nice, pseudônimo escolhido por ela, foi-me apresentada por Letícia Tedesco, minha amiga e também antropóloga, que a conheceu na realização de sua própria pesquisa. Nice é uma mulher marcada pela discrição e por seu posicionamento político firme e engajado. Veste calças jeans e camisetas, rosto sem maquiagens que a distanciam do estereótipo de prostituta que ela tanto repudia. Prostituta da Praça da Alfândega há mais de 24 anos, Nice possui um discurso

altamente politizado, marcado pelo seu pertencimento intenso ao Núcleo de Estudos da Prostituição (NEP), ONG na qual milita há anos em prol dos direitos das profissionais do sexo.

### **Geisel**

Geisel também foi apresentado por minha amiga Letícia Tedesco. Ele é um artesão “antigo” da Praça da Alfândega, trabalha nesse espaço há mais de 15 anos. Cabelos compridos, bermudas e camisetas largas, chinelos havaianas “desenham” um visual descontraído. Narra sua trajetória profissional por meio da metáfora da “luta”, da resistência. Foi militante político de esquerda, quando julgava a existência da esquerda, pois hoje, segundo ele, não existe mais. Afirma que sua política hoje é a sua esposa e sua filha pequena, ou seja, sua família. Em sua banca que está colocada na Feira de Artesanato da Praça da Alfândega, Geisel exibe a foto da filha como um amuleto em meio aos trabalhos (colares, filtros dos sonhos, anéis, entre outros) que ali permanecem expostos.

### **Michele**

Michele trabalha na Rua da Praia. Foi colega de minha terapeuta. Fui indicada por ela à amiga que me recebeu de forma solícita. Michele tem 36 anos e é mãe de uma menina. Seu pai é proprietário de uma das mais antigas e famosas óticas da Rua da Praia. Sua juventude foi marcada pelas idas e vindas ao centro de Porto Alegre tanto para a loja de seu pai como para o Colégio Rosário, onde cursou o segundo grau. A Rua da Praia passou a ser sua “segunda casa”. Herdeira do legado do pai trabalha ao seu lado até hoje na ótica, que permaneceu nesta mesma rua, hoje próxima à Praça Dom Feliciano.

### **Maria Cláudia**

Maria Cláudia tem aproximadamente 23 anos e foi apresentada por minha amiga e colega de mestrado Mabel Zeballos, que a conhecera no Museu da Lomba do Pinheiro, onde desenvolveu a sua pesquisa de mestrado. Moradora do Centro, mais especificamente na Rua Riachuelo, e estudante do curso de História da Pontifícia Universidade Católica, mostra-se fascinada pelo “antigo”, e a adoração ao centro se deve às edificações marcadas pelo tempo e pela arquitetura que demonstra a sua passagem.

### **Seu Armando**

Seu Armando, um dos engraxates mais antigos da Praça da Alfândega, foi apresentado por meu pai, também *habitué* da Praça da Alfândega como “jogador de damas”. Seu Armando, 70 anos de idade, trabalha na Praça há mais de 40 anos. As conversas com ele sempre ocorreram

na companhia de meu pai, já que este “subespaço” da Praça da Alfândega é marcado pela presença massiva de homens e pela jocosidade masculina. Nas tentativas de ida a campo sozinha, seu Armando apenas me cumprimentava, por mais que tentasse conversa, ela não se desenvolvia. No espaço do “jogo de damas”, minhas tentativas, mesmo com a presença de meu pai, foram frustradas. Frases como: “Este lugar não é para moças”, ou “Respeita tua filha, tira ela daqui” eram repetidas como se me dissessem “este não é o teu lugar”.

### **Frida**

Frida, de 82 anos, nascida em Dois Irmãos, cidade onde trabalhou na lavoura até a morte de seu marido, quando, migrou para Porto Alegre com seu filho. Na capital, trabalhou como empregada doméstica até se aposentar. Frida mora num quarto na Avenida Farrapos, mas diariamente se senta nos bancos da Praça da Alfândega, cumprindo essa rotina há mais de 30 anos. Suas narrativas acerca da Rua da Praia têm enfoque no espaço da Praça da Alfândega e nos dias atuais como um espaço do lazer. Ao se referir a Rua da Praia das décadas de 40,50 e 60, Frida relata uma não pertença a este espaço de outrora.

### **3.4. Espaços de interlocução**

As mulheres com as quais interagi na Uniti podem, de maneira genérica, ser identificadas como pertencentes à classe média. Todas essas mulheres se auto-consideram “velhas”, visto que o pertencimento a esta instituição é permitido apenas para pessoas com idade acima dos sessenta anos de idade, cuja designação é a de pessoas da “terceira idade”. Com suas casas próprias e seus planos de saúde privados, possuem a possibilidade de manter seu envelhecimento como uma nova fase de suas vidas, na qual estas podem realizar outros projetos de vida que ultrapassam as esferas do trabalho e da família. Podemos refletir com Myriam Lins de Barros (1998) sobre o fato de que a velhice feminina pode ser encarada como uma forma de construção identitária, obviamente muitas outras identidades são acionadas pelas entrevistadas, mas o que as unifica e permite que continuem a projetar suas vidas se refere ao seu próprio envelhecimento.

Em relação a essas senhoras, pude perceber maior diferenciação entre os universos “da casa” e “da rua” devido a sua pertença a uma “classe média”, uma vez que suas concepções de “casa” são fundamentadas em atributos como particularidade, privacidade e sigilo, os quais se encontram nos domínios do “sagrado”. Dessa forma, as portas das moradias foram abertas para mim à medida que fui me tornando mais íntima dessas mulheres, pois mantinha relações com as

pessoas de sua confiança. Em suma, fui adentrando pouco a pouco o espaço da casa, fazendo em alguma medida parte dele, nem que apenas como uma convidada a quem se delega histórias de vida.

Essas interlocutoras só poderiam ser encontradas em seus espaços domésticos, já que essas não se caracterizam como *habitués* atuais da Rua da Praia, diferindo da relação que se estabeleceu com as pessoas que identifiquei como pertencentes a estratos populares, os atuais *habitués* da Rua.

Uma reflexão que cabe aqui assinalar é o fato de que os *habitués* de outrora, no caso de minha pesquisa, se restringiam ao universo feminino. A mulher, segundo Pierre Bourdieu (2003), é destinada ao espaço privado, deve ser contida, recolhida. Em um processo de dominação masculina, ela sabe o que é ser mulher por espelhamento, ou seja, ao saber o que é ser homem, atua por oposição. Este fenômeno, compreendido pelo autor como *habitus* viril, mostra que as mulheres adotam posturas corporais diferenciadas das do universo masculino, pois não pertencem ao espaço público, à jocosidade, à exposição, ao riso alto, que são práticas masculinas.

A questão que se coloca é: qual o motivo que leva senhoras aparentemente restringidas do espaço público a relatar suas experiências no contexto da rua? Qual a razão para que esta pesquisa não revele as práticas cotidianas do universo masculino por meio das narrativas dos homens que vivenciaram esta rua décadas atrás? Minha singela resposta a esta pergunta se apóia nas reflexões de Myriam Lins de Barros (1998), que nos coloca que a medida que o envelhecimento masculino insere os homens no universo doméstico, pela aposentadoria, o envelhecimento feminino quando atrelado a grupos de terceira idade busca projetar suas novas experiências mediante o espaço público antes restringido. Assim, ao construir minha rede de informantes por intermédio da Uniti que se configura em grande parte em um universo feminino, mesmo que agregue poucos homens, foram as mulheres que buscaram revivenciar e rememorar através de suas narrativas seu cotidiano de outrora.

Nos *habitués* atuais, pude perceber que a identidade é construída a partir do espaço da rua, o que não significa que não façam a distinção entre “casa” e “rua”, visto que nenhum destes interlocutores me convidou para visitá-los, tampouco, falaram de suas casas. É preciso não esquecer que muitas destas pessoas passam a maior parte de seu tempo na Rua da Praia e em seus arredores no centro da cidade, vivenciando o espaço da rua como também um espaço de morada, como ficará mais claro adiante. Gaston Bachelard (1989) coloca que o espaço da morada é o



espaço da afeição, do sentimento, um lugar que nos remete à nossa primeira morada e, poderíamos acrescentar, um lugar de enraizamento, de pertença, ou seja, de construção do sujeito no mundo.

Foi assim que construí a diferenciação que utilizarei daqui por diante entre *habitués* atuais e *habitués* de outrora.

# Capítulo 4

## Experiências com o tempo e o espaço em uma caminhada pela Rua da Praia

**R. Gen. Vasco Alves**

"Aí no começo da Rua da Praia, ao lado de padaria do velho Garcia, onde nasce a rua da Passagem, existiam, neste tempo, umas docas de muros, à beira do rio, que davam aquele trecho uma nota risonha e assombravam uma mangueira ali existente de moedas grossas, bem fincadas, para receber o gelo que vinha do Petró, Barra do Ribeiro e Pedras Brancas a fim de ser abastecido para o consumo da cidade."  
(Nilo Ruchel, A Rua da Praia, 1971)

"A Rua da Praia é única comercial, é extremamente movimentada, nela se encontram numerosas pessoas a pé e a cavalo, marfiteiros e muitos negros, carregando fardos. É provida de lojas muito bem montadas, de vendas bem sortidas e de oficinas de várias profissões. Quase a igual distância desta rua há um grande canal que emerge para a lagoa, e à qual se tem acesso por uma larga ponte de madeira de aproximadamente cem passos de comprimento, guarnecida de pedras e sustentada por pilares de pedra. As mercadorias, que se descarregam, são recebidas na extremidade dessa ponte, debaixo de um armazém de vinte e três passos de largura por trinta de comprimento, sustentado sobre oito pilares de pedra, em que se apóiam outros de madeira. A vista dessas casas vem de um belo ehevo para a cidade, se não fosse prejudicada pela construção, à entrada da ponte, de um edifício muito pesado e rústico que ocupa quinta parte de comprimento, para servir de alfândega."  
(VÁZIO ADRIANO GONÇALVES DO SÍL, ... trecho do diário do biólogo francês Auguste de Saint-Hilaire, referente à sua passagem por Porto Alegre, no ano de 1820 (tradução de Adrialdo Mesquita de Costa))

"O ritmo vai desacelerando, o burburinho vai diminuindo, ainda na frente do shopping Rua da Praia - quadras que lembram a minúscula e caricaturas estão expostas à venda. Atravessa a rua - o burburinho some por completo, poucas pessoas agora caminham neste espaço, começa a parecer geladas que se movem em espaços de murada, vendidas com caberlas a espera de pedras, moedas entendidas nas sacadas. Passa por uma padaria - do lado uma ferragem sempre ter entido em outra rua - mas não logo reto na Andradás - a sensação é que vai do centro, amenas de tu, cachorrinho passeando com seus donos, no passar pelas quadras da brigada e do exército de um lado - e pela igreja Nossa Senhora das Dores - do outro exército o somar dos passantes - num canto enfiado - e os outros repletos de flores - sempre cobrem um mercadinho que vende produtos coloridos. Numa vendida, uma rede que chama para um sono a tardinha."  
(trecho de diário de campo - Thais Cunegatto)

"O ritmo vai desacelerando, o burburinho vai diminuindo, ainda na frente do shopping Rua da Praia - quadras que lembram a minúscula e caricaturas estão expostas à venda. Atravessa a rua - o burburinho some por completo, poucas pessoas agora caminham neste espaço, começa a parecer geladas que se movem em espaços de murada, vendidas com caberlas a espera de pedras, moedas entendidas nas sacadas. Passa por uma padaria - do lado uma ferragem sempre ter entido em outra rua - mas não logo reto na Andradás - a sensação é que vai do centro, amenas de tu, cachorrinho passeando com seus donos, no passar pelas quadras da brigada e do exército de um lado - e pela igreja Nossa Senhora das Dores - do outro exército o somar dos passantes - num canto enfiado - e os outros repletos de flores - sempre cobrem um mercadinho que vende produtos coloridos. Numa vendida, uma rede que chama para um sono a tardinha."  
(trecho de diário de campo - Thais Cunegatto)

**R. Gen. Portinho**

**R. Gen. Canabarro**

**R. Gen. Bento Martins**

**R. Gen. João Manoel**

**R. Caldas Júnior**

"Tinha a Casa Hermann, umas lojas assim (...) Elas foram tudo fechando. A Casa Brumberg, essas lojas - todas elas foram quebrando. A Brumberg era uma loja maravilhosa, ela ficava onde hoje é a Farmácia Pavesi... era uma loja maravilhosa! Tinha o café Capricoso, era uma beleza, os moços iam para ali, e era assim tudo. Tu saía da maternidade e ia passear na Rua da Praia. Saíam do cinema e as moças ficava passando enquanto os rapazes iam pro café. Era uma beleza essa Rua da Praia e Praça da Adolpho. Ali começaram a assaltar e coisa e tal, isso foi afastando as pessoas dali. A locomotiva da Praça da Adolpho, do longo do Mercado, da Praça XV foi mudando (...). Antes tinha a loja Guaraní que era uma beleza. A única loja que se mantém ali, mas eu me lembro, como era depois de que foi feita a rua e o Bonfim. O Bonfim continua ali. A Medida não é nem sombra do que via era antes."  
(Eulália, 67 anos, 1997, Centro, Porto Alegre/RS)

**R. Gen. Câmara**

**R. Uruguai**

**Av. Borges de Medeiros**

**R. Chaves Barcelos**

**R. Maí. Floriano Peixoto**

**R. Vig. José Inácio**

**R. Dr. Flores**

**R. Sr. dos Passos**

**R. 24 Horas**

"O sonete na mão da gente bota denúncia o caberzinho que afforou depois de umas séries de chovas e frouz ligar por sua vez já voltaram, os bares vazios... Talvez por isso seja 15h e o horário do almoço tenha passado há pouco. Há na rua um movimento não muito intenso, último dia das férias, deve ser isto... Algumas pessoas que lá estão se divertem ao ver os vitrines, outras caminham apressadas. Mesmo com este "pequeno movimento" ou atropelado quando parei para andar em meu bloco de notas, dali percebeu a estratégia, não apenas minha, mas de outras pessoas que ali param para fumar, apoiar outra pessoa ou qualquer coisa que se faça. Quem passou num lugar de trânsito... Deve-se entrar um pouquinho nas tranqueiras das lojas, no mesmo lugar onde as pessoas que ficam a admirar vitrines se posicionam. Sem! Disputa-se este ínfimo espaço de paradas."  
(trecho de diário de campo - Thais Cunegatto - 3/10/2007)

"C... é a rua mais extensa, e a mais importante, em respeito ao comércio e à população, e a da praia (...) nesta rua, formada por casas geralmente altas, de estilo elegante e moderno, quase todas habitadas por negociantes, e que parece se ter concentrado o negócio, deixando do outro lado da sociedade as ruas abertas sobre os planos superiores."  
(Nicolau Dreys, P. 35. Texto de 1817 - "Os viajantes olham Porto Alegre - 1794/1807")

"O sonete na mão da gente bota denúncia o caberzinho que afforou depois de umas séries de chovas e frouz ligar por sua vez já voltaram, os bares vazios... Talvez por isso seja 15h e o horário do almoço tenha passado há pouco. Há na rua um movimento não muito intenso, último dia das férias, deve ser isto... Algumas pessoas que lá estão se divertem ao ver os vitrines, outras caminham apressadas. Mesmo com este "pequeno movimento" ou atropelado quando parei para andar em meu bloco de notas, dali percebeu a estratégia, não apenas minha, mas de outras pessoas que ali param para fumar, apoiar outra pessoa ou qualquer coisa que se faça. Quem passou num lugar de trânsito... Deve-se entrar um pouquinho nas tranqueiras das lojas, no mesmo lugar onde as pessoas que ficam a admirar vitrines se posicionam. Sem! Disputa-se este ínfimo espaço de paradas."  
(trecho de diário de campo - Thais Cunegatto - 3/10/2007)

**R. Gen. Vasco Alves**

**R. Gen. Portinho**

**R. Gen. Canabarro**

**R. Gen. Bento Martins**

**R. Gen. João Manoel**

**R. Caldas Júnior**

**R. Gen. Câmara**

**R. Uruguai**

**Av. Borges de Medeiros**

**R. Chaves Barcelos**

**R. Maí. Floriano Peixoto**

**R. Vig. José Inácio**

**R. Dr. Flores**

**R. Sr. dos Passos**

#### 4.1. *Flanerie* etnográfica

Proponho aqui um mergulho nas formas desta rua que muitas vezes caminhei durante a pesquisa. Primeiramente, conduzo o leitor a um passeio pela Rua da Praia. Este “passeio” é fruto de minha inserção no espaço da pesquisa etnográfica e também das muitas pegadas dos interlocutores que segui, ou seja, dos entrevistados que me narravam suas idas e vindas em uma das ruas mais tradicionais de Porto Alegre. A seguir, trago imagens de um passado recente, que podem ser consideradas rastros de memória dos interlocutores com os quais convivi.

#### 4.2. De ponta a ponta

Partiremos da Praça Dom Feliciano, situada nas proximidades do Hospital Santa Casa, local que abriga as paradas de ônibus da companhia Carris<sup>16</sup>, mais especificamente das linhas T9 e Auxiliadora. A Praça Dom Feliciano constitui-se um lugar de passagem, onde alguns vendedores de água, de refrigerantes, de balas e chocolates ficam próximos às filas de ônibus.



Nesta caminhada que compartilho com o leitor, existem grupos de estudantes, algumas poucas pessoas sentadas nas sombras produzidas pelas árvores; na praçinha poucas crianças brincam e alguns casais namoram enquanto aguardam a chegada de seu ônibus.

Entrando na Andradas, começam a surgir inúmeras óticas.

Algumas pessoas se deleitam ao ver as vitrines, outras caminham apressadas. Mesmo com “pouco movimento”, sou “atropelada”, se parar um instante para anotar em meu bloco de notas. A estratégia, não apenas a minha, mas também de outras pessoas que ali param para fumar, esperar outra pessoa ou qualquer coisa que as faça ficarem paradas em um lugar de trânsito é entrar um pouquinho nas marquises das lojas, no mesmo lugar onde as pessoas que ficam a

---

<sup>16</sup> A Carris é uma empresa de transporte público de Porto Alegre. De acordo com o site desta empresa, é a mais antiga empresa de transporte coletivo do país em atividade, a Carris nasceu com a autorização do imperador Dom Pedro II, via decreto publicado em 19 de junho de 1872. Na época a capital gaúcha era uma pacata província de apenas 44 mil habitantes, que recém completara 100 anos de fundação. Inicialmente operando bondes puxados a mula, em 1908 a companhia inaugura o serviço de bondes elétricos, que seria desativado somente em 1970. Em 1928, a Carris passa também a oferecer o transporte por ônibus para as localidades aonde as linhas de bonde não chegavam. Atualmente, a Carris detém 25 linhas de ônibus.

admirar vitrines se posicionam. Sim! Disputa-se este ínfimo espaço de paradoro, a fim de evitar atropelos ou esbarrar em outrem.

**ESQUINA: Rua dos Andradas com a Rua Senhor dos Passos**

“Tudo de bom” que é uma loja de R\$1,99 à direita, à esquerda a “Ótica Andradas”. Do outro lado, perto da Praça Dom Feliciano, há um café à direita, e à esquerda o terminal do ônibus.

A notável “Confeitaria Princesa” desponta como um ponto tradicional de Porto Alegre. Outras confeitarias e lancherias também marcam a configuração desta quadra, espaços



onde pessoas que trabalham e/ou transitam nas imediações do centro param para tomar um café, comer um bolo, ou mesmo, fazer um lanche rápido para retornar à sua jornada de trabalho.

Para Michele, a “Confeitaria Princesa” é uma referência importante tanto no seu passado como nos dias de hoje:

A Princesa, ela tem muito tempo aqui né, nessa rua e eles tem retratos da Rua da Praia antiga. Aí eu me lembrei: “porque tu não vai lá?”. É legal porque é bem um clássico da Rua da Praia, essa confeitaria tem há muito tempo! E tem uma foto que tem a Rua da Praia antiga com os carros antigos e a Princesa ali já, eles ali, muito bonito.

A excelência da “Confeitaria Princesa”, seus famosos doces e salgados, que remetem aos tempos áureos do centro da cidade, convivem lado a lado com uma estética do abandono. Prédios que marcam a arquitetura modernista da década de 50 (edifícios não muito altos, mais ou menos oito andares em formatos de caixa de fósforos, quadrados) que hoje estão cobertos por espessa camada cinza, oriunda da fuligem acumulada no decorrer das décadas.

Nessa quadra, lotações e carros vão passando e disputando lugar com as pessoas, que não usufruem apenas as pequenas calçadas. Carros estacionados, que competem pelas poucas vagas gratuitas existentes na área central da cidade, aqui também se apresentam.

Ainda, nessa quadra, aparecem algumas lojas de roupas. O fluxo de pessoas vai aumentando, vislumbra-se a “Loja França”, estabelecimento que vende brinquedos, superlotada nas datas comemorativas, como Dia das Crianças e Natal. O corredor de óticas chama a atenção — o conglomerado deste serviço é explicado por Michele pelo fato de o espaço representar a existência desta espécie de serviço. Pensa-se em óticas e lembra-se da Rua dos Andradas, próximo à Rua Senhor dos Passos. Sendo assim, clínicas oftalmológicas também se fazem presentes.

Ao nos aproximarmos da próxima rua, a Doutor Flores, percebemos a presença de alguns homens vendendo DVDs, poucos *stands* dispostos no chão, ao lado do colorido dos cadarços que também estão à venda. Aqui não são as vozes dos ambulantes que despertam a atenção do passante; o produto não é anunciado, apenas exposto. Estamos no lado esquerdo da calçada; se atravessarmos a rua, encontraremos a padaria “Gira-Torta”, marcada por um público feminino, isto porque a padaria congrega mulheres que conversam e saboreiam lindas tortas, em um típico “Chá das cinco”.

#### ESQUINA: Rua dos Andradas com a Rua Doutor Flores

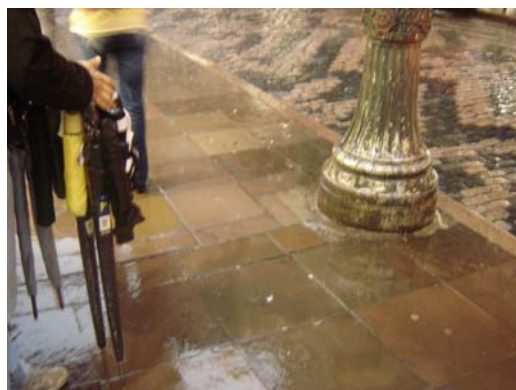


Hum... o lugar exala um cheiro de pipoca doce, quentinha, feita na hora. À nossa frente tem um senhor de mais ou menos 50 anos que produz este cheiro delicioso. Faço uma foto em meio ao aroma do milho que se espalha no ar. À nossa direita, a loja “Aduana”; o “McDonalds” fica à esquerda. Do outro lado, à direita da rua, tem a “Bela Moda” (lojas de roupas femininas) e, na outra esquina, à esquerda, existe um prédio antigo de cor bege.

O chão nessa altura da rua se modifica, estamos andando sobre paralelepípedos, aparecem quadrados de cor cinza e marrom formam desenhos de losangos com bege. Há algumas joalherias. Neste ponto, o fluxo de pessoas aumenta consideravelmente. Aqui não transitam carros, apenas ônibus, lotações e táxis. A arquitetura permanece a mesma, com pequenas surpresas, como dois casarios arruinados pelo tempo em meio a muitas lojas de calçados.



Se antes tínhamos o conglomerado de óticas, nesta quadra se apresenta um conjunto expressivo de lojas de calçados — encontramos a “Alpes Calçados”, a “Paquetá”, a “Katy”, a “Gaston” e a “Terê”. Algumas lojas de roupa começam a surgir. Quase na próxima esquina tem a C&A, uma loja de departamentos conhecida pela venda de roupas a preços “quase” populares. A C&A ocupa um prédio bastante grande, sem nenhum ornamento, característico de uma arquitetura modernista, o qual apelidei de “bloco cinza”.



Escuta-se o suspiro de uma mulher ao olhar uma vitrine de roupas, no burburinho do anonimato da rua, e meias conversas: “Ah se ele soubesse.”; “Ai guria, olha aquela bota...”. Conversas efêmeras, rastros de falas, que por vezes chamam a atenção de um caminhante à deriva.

Esse espaço, mais precisamente esta quadra, é indicado por Décia como ponto de referência das melhores casas de vestuário, calçados, chapéus e tecidos da cidade de Porto Alegre na década de 40, casas marcadas pela elegância e o fino trato que a Rua da Praia oferecia aos seus *habitués* de outrora.

Era assim, tão bom... tinha as melhores casas... a casa Louro, a casa Gromber, a casa Khrae, a casa Miller, a casa Ceabra de Chapéus. Ceabra, fica mais ou menos entre a rua Dr.Flores e Rua José Vigário Inácio, ali onde tem a Paquetá, por ali, porque desmancharam todas aquelas casas ali, foram tudo... Reformaram, então a gente perde o local exato, as chapeleiras eram ali.

A gente já comprava o chapéu. Ia lá escolhia, eu quero assim, assim, assado. Era tão bom, porque a casa Ceabra e a casa de Moda Vestidos Finos e tudo eram pras famílias mais tradicionais, de posse. Elas levavam o sapato até a casa da família e a família escolhia e depois mandava de volta dizendo que queria esse ou aquele sapato. A gente... as famílias ricas, né, tradicionais, as afamadas famílias, né. As casas mandavam a roupa, os chapéus, sapatos pra escolher, diversos. Depois escolhia um e mandava de volta os outros, naquela época era assim. E daí, disso da gente passear pra lá e pra cá, ali era o flerte. Então, a gente encontrava os rapazes com as melhores roupas. Então, no verão era linho branco e no inverno de chapéu, no inverno era roupa escura, mas com gravatas, de paletó, chapéu. Granfino e bem arrumado. Dali surgiram namoros e de namoros surgiram casamentos

Décia relaciona o esplendor das casas comerciais de sua época ao prazer da prática do *footing* (assunto que será abordado no próximo subcapítulo). Ver as vitrines dessas lojas não era

apenas uma prática que se realizava quando se tinha o intuito da compra: apenas olhar aquelas mercadorias expostas com tanta destreza e cuidado já era um evento mágico. O jogo de luzes que se faz no cair da noite sobre o reflexo das vitrines contrastando com a luz amarela oriunda das luminárias, que embora tenham sido reconstituídas preservam o mesmo desenho desta época, remete a esta imagem nostálgica e romântica que Décia relembra com carinho.

### ESQUINA: Rua dos Andradas com a Rua Vigário José Inácio



A próxima esquina é a da Rua Vigário José Inácio. À nossa direita, há a farmácia “Maxi econômica”, à esquerda a loja “Otelô” (loja de roupas masculinas). Atravessando a rua, tem a “Mc Bennett”, uma loja de artigos em couro, voltada para a classe média e, à esquerda, há uma loja de atacado que vende roupas. O fluxo nas ruas paralelas é intenso: pessoas com sacolas plásticas com pequenas compras cotidianas esbarram-se umas nas outras.

O chão é o mesmo na Galeria Malcon, onde surgem os chamados dos vendedores ambulantes; este não seria o nome correto, pois eles não “deambulam”, permanecem sempre ali gritando: “oro, oro, oro; vale, vale, vale; corta o cabelo!! compra cabelo!!”. Todos estes chamados são de homens que anunciam produtos e serviços ao mesmo tempo, ou seja, não se trata de cada um anunciar o serviço, mas de todos anunciarem os serviços concomitantemente.

A Rua da Praia é marcada pela existência de duas galerias, uma delas é a Galeria Malcon, conhecida por ter abrigado no seu interior a famosa Neugebauer, onde Ursel adorava comer massa folhada nos passeios que fazia com seus avôs. Devido ao alto custo da guloseima, era uma prática realizada somente nos fins de semana.

Ana Maria relata que a Galeria Malcon, como o ponto de efervescência dos flertes na Rua da Praia da década de 60, era o espaço de excelência do *footing* naquela década.

Tu descia a lomba da Rua da Praia e em geral era até a Borges e voltava, ela tinha até lá embaixo, mas o fervo. Onde é hoje? Onde era o Krahe, a galeria Malcon, tinha ali o Neugbauer que era uma Confeitaria, depois tinha o Krahe que eu não sei, que eu acho que é onde tem aquela loja, do lado, onde tem o Centro Útil, o Krahe era uma loja grande também, tipo Renner. Então, ali também tinha, tinha umas lojas boas. Então, a rua da Praia era outro mundo, eu morava no Centro, desde que eu vim pra cá, mas quem morava em bairro era o chique passear na Rua da Praia, os cinemas...

Passando a Galeria Malcon, surge o “Andradas Center”, um prédio bonito que se destaca por seus poucos ornamentos decorados em bronze, ou em algum ferro em cor de bronze. Na mesma quadra aparece a “Ótica Foernges”, situada num prédio típico do estilo arquitetônico barroco, suas cores em verde e branco acompanham as bandeiras hasteadas do Brasil, do Rio Grande do Sul e da própria loja, expostas nos mastros fixados na sua fachada. O fluxo de pessoas é bastante intenso.

Estamos chegando perto da Rua Marechal Floriano, onde está fixado o famoso relógio da extinta joalheria “Masson”, que já se constituiu um símbolo da Rua da Praia.

### **ESQUINA: Rua dos Andradas com a Rua Marechal Floriano**

Aqui começa o “Calçadão<sup>17</sup>”. À nossa direita, existe um prédio de formas ovais que faz o desenho da esquina; no térreo deste edifício é a sede do “Crédito Pessoal Cacique”, que se apresenta com panfletos distribuídos mediante a interrogação: “Créedito senhora?”. À esquerda há uma loja de vestuário denominada de “NCL”, voltada para o público adolescente. Muitas pessoas passam, começa a “muvuca”. Se atravessarmos a rua, encontraremos a nossa esquerda a famosa “Casas Bahia”, loja de eletrodomésticos identificada pelos seus longos crediários. À nossa direita, outro prédio oval, que abriga em seu primeiro andar o “Banco Santander”, o prédio oval chama nossa atenção devido a sua magnitude e pela existência de sacadas.



<sup>17</sup> Em março de 2008, o Calçadão da Rua da Praia (que tem seu início na Rua Marechal Floriano e termina na Rua General Câmara) teve seus antigos globos de iluminação substituídos por luminárias decorativas.



Ana Maria reafirma a importância desta quadra para o comércio porto-alegrense durante a sua adolescência pelo fato de agrupar as melhores lojas, ou ainda, as butikues, voltadas para o público feminino.

Ana Maria: Eu morava bem ali perto do Seigné, uma quadra ali. E eu fui estudar e vim pra cá. E uma das primeiras imagens da Rua da Praia que a gente tinha e que a mãe falava era aquele burburinho, onde tinha Confeitarias e lojas. Eu buscava pão, era uma quadra, duas, mas antes eu passava pela Rua da Praia, descia a Marechal Floriano, depois subia a Rua do Rosário, onde antes era a padaria pra passar pela Rua da Praia que era uma coisa que era boa na época (...)

As esquinas melhores era a da Masson, todos ficavam. A Malcon eu não me lembro se já existia, porque a primeira compra que eu fiz de carnê, era cheio de butikues na época, lojas boas, eu comprei numa: a Manequim, a primeira butikue que eu comprei e numa casa de calçados, eu e uma colega minha, era com carnê que a gente comprava, meu primeiro crediário, com teu dinheiro, né. A gente comprava assim na Malcon e na antiga Louro, que era Cecília Louro que é na esquina democrática, onde tem a Gaston que era uma loja de roupa e tinha depois onde tem o centro útil ali, ali era o Krahe.

Eu: O que era o Krahe?

Ana Maria: Krahe era uma loja de roupas, bem grande, tipo o Renner, mas lojas boas era a Cecília Louro, o Krahe e o Renner e, o Renner tinha tecidos. Minha tia que morava em São Paulo, comprava tecidos só no Renner, eram maravilhosos e até pouco tempo tinha um bazar maravilhoso, tinha listas de casamento, tinha coisas boas mesmo, depois eles terminaram.

Sim, tinha a Neugebauer, tinha uma outra alemã a Chirame que era por ali também, que tem uma muito antiga que até hoje é o melhor cachorro quente da cidade que é aquela Princesa. Mas esse Neugebauer que tinha ali é do lado onde tinha a Malcon, não tinha nada de fantástico chegava ali, pedia um doce e um refri e ficava ali. É que era assim: tu saias pra fazer o *footing*, mas sempre fazia um lanche, né.” (extrato de entrevista).

A “Casa Krahe” e a “Cecília Louro” foram lojas de suma importância para a maioria de minhas entrevistadas, ultrapassando gerações, estas lojas despertaram o imaginário de uma cidade *glamourosa* cujos passantes vestidos com roupas de fino trato adentravam no mais elegante comércio que, à época, a Rua da Praia oferecia. Uma camada média ascendente se consolidava no processo de cosmopolitização da cidade. Para Décia, lojas como essas servem como referências do que era “chique”.

Era o chique né... A casa Khrae era de tudo um pouco, mas coisas finas, A Bromber também eram cristais, a Bromber tinham cada cristais, que faqueiros maravilhosos, que coisas lindas, louças estrangeiras bem trabalhadas. Casa Colombo, Casa Borges, já ficava na Rua Marechal Floriano.

Para Tânia, a loja “Cecília Louro” não era apenas o “chique”, o “fino”, era também um grande sonho de consumo. A loja parecia compor os contos de fada do público feminino da época, desde adolescentes a senhoras idosas, todas ficavam admiradas com o requinte daquele comércio que se constitui um atrativo da cidade, fazendo com que inúmeras pessoas viajassem até a capital para se dar ao desfrute de adquirir alguma peça daquelas afamadas lojas.

A casa mais famosa, a mais famosa que teve. Assim o sonho da gente era poder ganhar um salariozinho melhor pra poder se vestir na Cecília Louro... A Cecília Louro era a loja mais fina que tinha pra mulher, mas era assim ó, o que era o fino, era uma roupa de uma qualidade maravilhosa, de um bom gosto, mas que era uma loja que não impossibilitava de comprar. Então, a gente comprava muito na época da... controlava a liquidação, a gente sabia né. E era uma roupa de uma qualidade, de um bom gosto, o atendimento, era uma loja assim “top de linha”, era a casa mais famosa era a Cecília Louro, que era naquela esquina ali com a Borges de Medeiros, então eram marcas, eram referência.

Retornemos ao tempo da observação etnográfica e sigamos nossa caminhada. Estamos na Rua Marechal Floriano; é preciso lembrar que devido ao “Calçadão”, o trânsito de lotações e de carros é suspenso nesta quadra, agora apenas aos pedestres é permitido o trânsito.

### ESQUINA: Rua dos Andradas com a Rua Chaves Barcellos

Será que podemos pensar o chão como um marcador de diferentes regiões? Agora, não são mais paralelepípedos. Pisamos sobre o que parecem lajes, na verdade lajotas marrons e cinza que fazem um desenho de losango. A sobreposição do paralelepípedo sobre a terra, ocorrido nos idos tempos do início do século, conhece agora o sistema da área livre de trânsito de carros para o deslocamento dos clientes, para acessarem as sucessivas lojas. Encontramos em nosso caminho o banco “Itaú”, a loja “BelShop” e um atacado de fábrica.



Estamos passando pela linda Galeria Pedro Chaves Barcelos<sup>18</sup>, a outra galeria que mencionada algumas quadras atrás. Sua **fachada** é imponente, e o “estilo remete aos modelos dos **palácios renascentistas**, constituído de um grande corpo cúbico com um **portal** de entrada ao rés do chão deslocado para a direita do centro”, cinco andares (mais o térreo) com aberturas

---

<sup>18</sup> A Galeria Chaves Barcelos é um bem tombado pela Secretaria Municipal de Cultura desde 1986. O prédio foi projetado em 1936 pelo arquiteto, escultor e mestre Fernando Corona, com a colaboração de Nilo de Lucca no planejamento, sendo executado por Azevedo, Moura & Gertum. Em estilo neo-renascentista e estrutura de concreto armado, a edificação é constituída por porão, térreo, entre-solo ou mezanino e quatro pavimentos na parte superior. Antigamente abrigava consultórios médicos, atualmente tem em seu interior poucos restaurantes e um comércio voltado a produtos musicais. Para obter mais informações arquitetônicas, consulte site oficial do Programa Viva o Centro ([http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro/default.php?p\\_secao=79#](http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro/default.php?p_secao=79#)).

regulares, mas de desenhos variados. O prédio exuberante parece ser revestido por um “pó de ouro acinzentado”, sua beleza destaca-se em relação aos outros pequenos casarios (quase em ruínas), que porventura encontramos no caminho.

O nome desta Galeria reporta a uma burguesia estabelecida na cidade, a família “Chaves Barcelos”. Capital local, diria eu, diferenciando-se de outros nomes internacionalizados como C & A. Pode-se especular que foi o migrante Comendador Antônio Chaves Barcelos que acumulou capital por meio de negócios no ramo têxtil, dando subsídio para seu filho Pedro Chaves Barcelos (seguidor do pai no ramo têxtil) para fundar o centro comercial. Na atualidade, as notícias são de decréscimo econômico. Época difícil para a área comercial, com mortes e divisão de heranças, apenas a imponência do prédio perdura. Hoje o interior da Galeria Chaves se caracteriza por alguns restaurantes e pequenos comércios relacionados com a venda de cds, dvds, vinis e pequenos eletrônicos. O fluxo de pessoas intensifica-se consideravelmente.

Nos relatos de Décia, a Galeria Chaves, como é conhecida, aparece como um espaço reservado aos profissionais muito importantes na cidade de Porto Alegre. Os melhores médicos e advogados da cidade, bem como o único fotógrafo, ali poderiam ser encontrados; bem como profissionais renomados que fixavam seus consultórios à espera de seus elegantes clientes.

A Rua da Praia, ainda tem a Galeria Chaves, tu conhece né? Dentro da Galeria Chaves ali tinha o fotógrafo e ele fotografava e se tu queria ficar com a foto tu ficava, senão tu não precisavas pagar, é... E ali na Galeria tinha os melhores consultórios médicos, os médicos mais afamados eram tudo ali, ali na Galeria Chaves naqueles andares ali. E as famílias que podiam morar que queriam viver bem, moravam na Rua da Praia, as classes altas, naquelas transversais todas: Marechal Floriano, a Riachuelo, a Duque, tudo ali. Moravam no centro, procuravam uma casa pra morar no centro, era o chique. Hoje é Moinhos de Vento, Três Figueiras, não sei o que né .

Agora, nos aproximamos da Avenida Borges de Medeiros, um pouco antes de chegar à antiga “Livraria do Globo”, atual “Alpes Calçados”. O fechamento da Livraria do Globo foi de grande pesar, confesso, um pesar que compartilho com todas as minhas informantes. Michele relembra do “cheiro da livraria”, o mesmo cheiro que me recordo quando relembro este espaço que me fora tão afetivo. Cheiro de “volta às aulas”, cadernos novos, canetinhas coloridas e cheirosas.

E a gente todo início de ano tinha que refazer o material escolar e aqueles livrinhos cheirosos da Globo e aqueles livros novos todo ano e aquele ano a gente ia ser super dedicada na escola e aquilo dava uma esperança. Eu acho que a gente associa, eu



também gosto muito da Globo, a gente associa um pouco, né, e aquela coisa boa, né. Quando a Globo começou a fechar, ela começou a fechar bem devagarinho, primeiro fechou um setor, depois outro setor, depois o café, foi ficando cada vez menor, até que abriu aquilo dali e Globo tá só lá embaixo agora, fiquei bem triste, bem triste. Porque agora tem essas livrarias enormes, né, que tem outra idéia: carpetes no chão, tu senta pra ler. É, dá uma dor... Como tem cheiros que a gente lembra né, de lugares também e a Globo é muito forte, tanto é que esses dias eu fui lá porque eu tinha que ir na Globo comprar uma bola de isopor pra minha filha, aí fiquei tão deprimida, nem bola de isopor eles tem, uma bolinha desse tamanho, sabe! E daí quando eu tive que descer as escadas eu lembro de uma cena minha, porque tem cena que tu apaga na vida e nunca mais lembra, mas daí quando eu refiz assim a cena de eu dobrar a escada e descer lá pra baixo eu me lembrei duma cena minha e que foi uma das primeiras vezes que eu fui na Globo, que eu me dei por gente, que eu fui na Globo e daí eu me lembrei como era, veio na minha cabeça tudo como era. Sabe, tinha um guichê de vendas de canetas bem na entrada da escada, achei tão gozado assim, poder visualizar, nunca mais fui na Globo, não aparece mais lá.



Décia também relembra com afeição a Livraria do Globo. Acredito que o tom nostálgico das falas a respeito do fechamento deste espaço se deva ao pouco tempo em que isso ocorreu, o que ainda não possibilitou a acomodação da “morte” material do lugar. Embora a fachada tenha sido mantida, a sua função perdeu-se e as suas formas de sociabilidade dissiparam-se, existindo, agora, apenas como memória afetiva de um tempo vivido.

A livraria do Globo era uma beleza, depois reformaram e acabou naquela coisa, agora é uma loja de calçados. Eu comprava todos os meus livros do Colégio Americano, nós comprávamos lá. Era ela e a Livraria Americana, visa a visa. A livraria Americana, nós comprávamos na Livraria Central, depois fechou né. Mas a Livraria do Globo... O velho Dertado, ele e os três filhos moravam aqui em cima, a família né, que era o dono da Livraria do Globo, depois ele morreu e os filhos tomaram conta, depois os filhos casaram, uns foram pra Pelotas, o último que ficou era o José Dertado.

Ursel enfatiza sua afetividade com a rua ao rememorar “sua querida Rua da Praia” e suas histórias. “A Rua da Praia está em mim”, diz ela ao lembrar seu período de secundário, quando um professor de química era conhecido por estar sempre presente na “Livraria do Globo”.

Eu me lembro assim que eu tinha um professor, eu estudei no Julinho, né, três anos, tirando o científico e eu tinha um professor de química, eu já fiz de tudo pra me lembrar o nome dele, mas não me lembro, ele ficava parado num determinado lugar da Livraria do Globo e ali ele ficava namorando a tarde inteira, era conhecidíssimo. Dizíamos que a Livraria do Globo ia desmoronar se ele não viesse todas as tardes ali (risadas).

**ESQUINA: Rua dos Andradas com a Avenida Borges de Medeiros**



Na esquina com a Avenida Borges de Medeiros, temos à esquerda a farmácia “Panvel”, à nossa direita uma loja de roupas femininas, destinada ao público com idade mais avançada. Nesta esquina, uma série de microeventos ocorrem cotidianamente. Um rapaz anunciando os serviços de uma loja próxima: “foto, foto, foto”; um palhaço com pernas de pau; uma palhaça vendendo balões e ioios para as crianças; estátuas vivas; um senhor com deficiência física estendido sobre um pano no chão, com uma caixa para colocarem moedas (parece ter sido colocado ali, pois é impossível que ele tenha caminhado devido a suas inúmeras deficiências, pernas e braços atrofiados)... Cena triste que se mistura com a alegria dos palhaços que passeiam por entre o senhor com suas pernas de pau, à procura de crianças para venderem balões.

Não é apenas a heterogeneidade de pessoas e estilos de vida que este pedaço de rua nos revela, mas também a diversidades de sentimentos que ela provoca: pena, alegria, deslumbre, admiração, asco, tudo junto, ao mesmo tempo. Basta desviar o olhar e focar em outra cena para mudarmos o destino de nossas sensações, todas imersas nesta “confusão” onde estão todos juntos, porém separados.





Lá onde a Borges  
cruza a Andradas  
A estátua é homem  
e a arte sobrevivência  
Na esquina famosa  
Uma moeda move monumento,  
Um trocado agradecimento  
A estátua é capitalista,  
Mas a esquina é democrática.

A Avenida Borges de Medeiros, ao cruzar a Andradas, ganha o nome de “Esquina Democrática”, local de manifestações políticas e artísticas realizadas quase diariamente. Em épocas de eleições é um ponto disputadíssimo dos candidatos em busca de votos. A Esquina Democrática é o palco dos manifestos políticos tanto atuais como de outrora. Caracterizada como um espaço de manifestações populares, já foi sede de inúmeros atos políticos desde o século XIX. Devid a esta “tradição” política, o largo foi tombado pela Secretaria de Cultura Municipal, para “destacar o passado político e democrático da área”.<sup>19</sup>

Ainda na Esquina Democrática encontra-se o famoso prédio denominado “Sulacap<sup>20</sup>”, reconhecido como marco da modernidade em Porto Alegre, por constituir um “aranha-céu” da década de 50. Ursel narra seu espanto mediante a construção de algo tão grandioso: “Quando

<sup>19</sup> Frase retirada do site da prefeitura de Porto Alegre, mais precisamente da página do “Programa Viva o Centro”. Site consultado: [http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro/default.php?p\\_secao=64](http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro/default.php?p_secao=64)

construíram o Edifício Sulacap foi aquela coisa!”, referindo-se ao alvoroço e espanto que tal construção provocou nos habitantes da época.

Atravessando a Avenida Borges de Medeiros recomeçam os apelos dos vendedores ambulantes: “Oro, oro, oro! Compro oro. Oro,oro,oro...”, “Quiiiiina acumulada pra hoje”, “Créeeedito senhora?”. Aqui, temos à nossa direita as lojas “Gaston” (onde, antes se localizava a famosa “Cecília Louro”).

Passamos à Rua 24 horas, que não funciona 24 horas, mas, sim, uma pequena Galeria (situada à esquerda) com poucas tabacarias e algumas lanchonetes que às 19h encerram seu expediente. Em frente a esta “galeria” sempre permanecem algumas indígenas guarani que ficam sentadas com seus filhos, vendendo seu artesanato. Do outro lado da rua, fica a loja “Multison”, uma loja de aparelhos musicais, cds e dvds. Aqui se tem a predominância de prédios da década de 60 e 70, que se misturam com pequenos casarios do início do século XX. Poucos passos são dados e encontramos o prédio onde funcionava a famosa loja “Sloper”.

Michele fala com muito carinho da “Sloper”, pelo fato de seu pai ser dono da “Ótica Stylus”, que funcionava antigamente ao lado da antiga “Sloper”; portanto, a sua relação com a loja era cotidiana, o que intensificava o encantamento. Ela relata que sua infância fora marcada pelos passeios “ao mundo encantado da Sloper”. Fala com emoção de seu deslumbre ao entrar nesta loja. Tudo parecia perfeito. Era uma loja de miudezas.

Íamos (ela e uma amiga) comprar roupas pras nossas bonecas, mas a gente ia todos os meses e a gente comprava fralda e comprava roupa, ficava sozinha, com 12, 13, não acho que a gente era mais velha e ficava ali comprando roupas pra bonecas e era muito bom.



#### **ESQUINA: Rua dos Andradas com a Rua Uruguai**

A Rua Uruguai não atravessa a Rua da Praia, tendo assim as esquinas que cruzam apenas do lado direito da rua. Nela, encontramos uma banca que vende pão de queijo. O cheiro do queijo perdura, por vezes chega a ser enjoativo. Este odor que por vezes é agradável, outras, repugnante, é característico desta esquina.

<sup>20</sup> Construído em 1946, se constituía como o prédio mais alto da cidade de Porto Alegre. Atualmente está em fase de

Logo à frente se apresenta o “Edifício Herrmann”, todo prateado, com cinco andares, todos com sacadas. O edifício é todo trabalhado no estilo barroco (sinuoso), com leões esculpidos; é o denominado “prédio da VASP”. Do outro lado da rua o contraste rosa e branco das Lojas Marisa, uma rede de roupas a preços populares, com o vermelho das lojas “Americanas”. Esta última fundada nos anos 60, no auge da expansão do consumo e da imagem americana. Lembra uma informante, “foi a primeira loja com escada rolante, eu adorava vir do interior para repetir a sensação de andar na escada rolante”. Recorda ainda do impacto sobre o comércio que teve a nova forma de organização em sessões sem a mediação de um balcão. Essa proximidade com o produto, da valorização da livre escolha, tudo era novidade nesta rua, nos anos 1960. Também a rede de lojas “Marisa” surge logo após, com as mesmas características de popularização, mas especializada em roupas femininas. Ambas as lojas se tornam famosas e se consolidaram como destinadas a camadas populares. No presente, as “Lojas Americanas” contratam pessoas que ficam vestidas de palhaços, com pernas-de-pau, para divulgarem as promoções, ou mesmo, para convencerem os passantes a adquirirem o cartão da loja.

Com pessoas entregando papeizinhos, a propaganda não é mais efetuada no grito; agora é por intermédio de pequenos anúncios escritos e distribuídos a todos que passam na rua. Aqui o panorama é múltiplo: livrarias, gráfica, cosméticos, lojas de sapato, não mais como nas outras quadras que ofereciam serviços específicos, como as óticas ou as lojas de calçados, por exemplo. Tem a loja Rainha das Noivas, situada em um prédio antigo pintado de azul, que lembra um castelinho de princesa.



Passamos por uma estátua viva, e não é que parecia uma estátua de pedra mesmo? Tem uma banca de revista bem no meio da rua, na frente da Ortobom (loja de colchões). À esquerda, encontra-se o antigo prédio da “Força e Luz”<sup>21</sup>, construído entre os anos 1928 e 1929. O prédio

---

tombamento pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAE).

<sup>21</sup> “Construído entre os anos de 1926 e 1928 pelo engenheiro Adolfo Sterne. Em 1929 recebeu a inscrição Força & Luz na fachada. Ao todo são 2.775 m<sup>2</sup> de área construída em plena rua dos Andradas, região central de Porto Alegre. Inicialmente a obra tinha como objetivo ampliar as dependências do famoso Clube dos Caçadores, ponto de encontro obrigatório de políticos e intelectuais. Por ser utilizado nesse período como casa de jogos, foi cognominado “Palácio das Lágrimas”, devido ao choro dos apostadores que perdiam seu dinheiro no clube. Em estilo eclético, mas com



arquitetado no estilo eclético com influência francesa do início do século XX apresenta detalhes como leões esculpidos em cada ponta da sacada de suas três sacadas, pintado em um tom amarelo queimado que ressalta sua magnitude. Desde 2002, este prédio consiste no “Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo”.

### ESQUINA: Rua dos Andradas com a Rua General Câmara

Chegamos à Rua General Câmara, a antiga Rua da Ladeira; no fim desta quadra termina o “Calçadão” e tem início a Praça da Alfândega<sup>22</sup>. Nas esquinas com a Rua General Câmara temos à nossa direita uma farmácia, na frente desta se encontra uma banca de revistas onde eu comprava água enquanto interagia com os atuais *habitués* da Praça da Alfândega. Do outro lado da rua encontra-se o Colégio Monteiro Lobato.

A Rua General Câmara, para Ursel, era sinônimo outrora de grandes bailes. Não porque lá fosse um clube ou algo parecido, mas porque a esquina desta rua abrigava a “Casa Victor”, que vendia os melhores tecidos, de onde saíam seus lindos vestidos.

Eu: O que era a Casa Victor?

Ursel: Bah, Casa Victor era uma loja de tecidos que ficava na Rua da Praia, esquina com a Rua General Câmara. Bah, era uma loja finíssima, tinha estoque de tecidos. Porque não tinha quase confecção, eu acho que praticamente não. A gente ia em costureira, a gente comprava e fazia, levava em Estância Velha, fazia os vestidos, só que no outro baile as outras todas tinham as mesmas roupas das filhas do médico. Porque lá o prefeito, o padre e o médico, essas três entidades, daí nós tinha que fazer outro vestido pra outro baile. (fragmento de entrevista)

---

influência francesa do início do século XX, o edifício foi tombado em 1994 pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do RS”. Texto retirado do site oficial do “Programa Viva o Centro”.

Site visitado: [http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro/default.php?p\\_secao=55#](http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro/default.php?p_secao=55#)

<sup>22</sup> Inicialmente chamada de Praça da Quitanda, a Praça da Alfândega surgiu no final do Século XVIII. No dia 2 de julho de 1783 por ordem do Senado da Câmara foi construída uma “ponte” de pedra para facilitar as embarcações nesta cidade portuária. Em 1804, por ordem do então governador Paulo da Gama foi construída uma grande ponte sobre o rio, com cais e trapiches para facilitar o desembarque das pessoas e mercadorias. Em 1820 foi construído o prédio da Alfândega, devido a este fato foi efetuada a remoção dos quitandeiros para a Praça Paraíso (atual Praça XV) e a troca do nome para “Praça da Alfândega”. Em 1912 o mesmo prédio foi demolido e o aterro de 100 metros de largura sobre o rio executado. Estas intervenções foram decisivas para a conformação atual da praça, levando à reformulação geral e o ajardinamento deste novo espaço urbano. A tradicional Feira do Livro é realizada desde 1955 neste espaço urbano. Informações retiradas do Guia Histórico de Porto Alegre de autoria de Sérgio da Costa Franco. Atualmente a Praça da Alfândega é considerada pela Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre como um Patrimônio Cultural.

Subimos alguns poucos degraus; o chão é composto por pequenas pedrinhas que formam ondulações pretas e brancas. Chegamos à Praça da Alfândega, uma praça bastante arborizada, marcada pela existência de museus no seu contorno e pela presença de uma feira de artesanato situada em sua margem inferior. A primeira imagem que temos é aquela ligada à presença do jogo de damas, onde uma sociabilidade estritamente masculina salta aos olhos. As mesas para o jogo de damas estão localizadas nas duas margens laterais da Praça. Em frente à Praça vários bancos estão dispostos um ao lado do outro, disputados principalmente por senhoras e senhores de idade avançada que ali param para observar o movimento da rua e sociabilizar uns com os outros, seja jogando conversa fora, seja tomando um cafezinho, ou mesmo comendo um docinho comprado dos vendedores que por ali deambulam.

A Praça da Alfândega é atualmente um espaço de intensa sociabilidade das camadas populares. Embora os *habitués* não sejam os mesmos e nem pertencentes aos mesmos extratos sociais de outrora, a Praça da Alfândega também é mencionada por Rosa como um espaço de lazer e sociabilidade.

A Praça da Alfândega eu estava sempre. Os guris brincavam, mas era muito lindo, muito lindo. Dava para as pessoas ficar descansadas, sentadas, as mães com os filhos, vendo eles brincar, sem nenhuma maldade, nada... Aí depois a gente... tinha o cinema, depois ali, vai na matinê. Mas era muito bonito...

Os bancos disputados da Praça da Alfândega também são lembrados por Décia, que alerta para o fato de que este espaço era “reservado” às pessoas de mais idade que também iam dispostas ao flerte. Suas lembranças são de sua mocidade, então, jocosamente, ela brinca que no final da década de 30, a Praça da Alfândega não era o seu espaço preferido.



Ah e na Praça da Alfândega os velhos ficavam sentados naqueles bancos o tempo todo. Então eu comentava assim, porque mulher moça, que queria casar e queria encontrar velhos, era ali, mas velho decente. Era uma praça perfeitamente andável, não tinha problema nenhum. E eu dizia assim: Ah eu não passo daquele lado, não sou velha nem nada. Tinha tudo isso, né.

Os velhos ficavam procurando, caçar mulher... A gente ia pro cinema, o Imperial ficava ali e o Guarani também, e o Guarani tinha... Era teatro também, Otavio Ferrera ia ali ver os espetáculos ali, era ali o teatro Guarani. Era uma época pra mim, era uma época boa, né.

Tânia, embora não pertença à mesma geração de Décia, também relembra a Praça da Alfândega como um espaço pertencente às “pessoas mais velhas”, porém ela ressalta a praça também como um espaço masculino, cujo interesse se focava em torno de discussões políticas.



Mas os homens iam sempre pra lá, perto da Praça da Alfândega, mais próximo da Caldas Junior porque tinha o Correio do Povo. Porque tinha os políticos, ali eram os debates políticos, então, era outro público, mas que aquilo assim ó, era obrigatório, a Rua da Praia, aquilo ali era obrigatório.

Niára ao lembrar-se da Praça da Alfândega da década de 60 remonta em sua memória o espaço do abrigo dos bondes.

Sabe onde era o abrigo dos bondes, tudo que era bonde passava ali, eu me lembro até do cheiro daquelas saladas de fruta que faziam naquelas banquinhas do abrigo. Tinha, aqueles refrescos bem coloridos, laranjas, framboesa cheio de anilina, aqueles pastel de vento todo mundo parava ali pra comer, o cheiro da fruta e do creme, se eu pensar assim sou capaz de sentir, como a gente grava, né.

Este “cheiro” a que Niára se refere são odores característicos de determinados espaços ou mesmo de coisas que provocam o que Benjamin (1983) (mediante a releitura da obra de Proust) apontaria como “memória involuntária”, que nos faz lembrar e reviver automaticamente determinada situação vivenciada, no caso de Niára, este lugar de memória (Halbwachs:2006). Segundo a leitura benjaminiana da obra de Proust, o passado vivo nos seria trazido pela “memória involuntária”, que é provocada pela aproximação com “qualquer objeto material (ou na sensação que tal objeto provoca em nós) que ignoramos qual possa ser. Encontrar ou não esse objeto antes de nossa morte depende unicamente do acaso” (1983: 31).

Sigamos nossa caminhada. Se olharmos para o outro lado da rua, em frente à Praça da Alfândega, encontraremos o exuberante prédio do “Clube do Comércio”,<sup>23</sup> reconhecido pelos grandes bailes dançantes que nele se realizavam no passado.

<sup>23</sup> O Clube do Comércio foi fundado em 1896 por comerciantes e feirantes. A sede de tal Clube foi finalizada em 1939. O prédio em estilo eclético apresenta detalhes em Art Déco e Art Nouveau. Devido a sua exuberância arquitetônica e importância histórica o prédio foi tombado pela Secretaria Municipal de Cultura (SMC). Para maiores

Décia ao lembrar os bailes de sua mocidade e das festas carnavalescas remete ligeiramente ao famoso “Clube do Comércio”.

Ahhh, o carnaval na Rua da Praia!!! Tinha o Clube do Comércio que até hoje está ali na Rua da Praia, os bailes de carnaval do Clube do Comércio eram afamadíssimo, afamadíssimos! Depois tinham os blocos que faziam desfiles que iam desfilarem na Rua da Praia, então os blocos desfilavam na Praça XV, na Rua da Praia.

Roberto Da Matta (1997) relembra a importância dessas associações, tal como o Clube do Comércio para Porto Alegre, ressaltando o caráter familiar, patronal e hierárquico destas associações e clubes que seriam como “agremiações familísticas ou patronais”, ou seja, lugares de construção da identidade “onde o espaço gerado pelo grupo é que transforma em gente (ou pessoa) o indivíduo que a ela pertence” (1997:133).

Estamos na frente do “Shopping Rua da Praia” onde pintores e desenhistas expõem seus trabalhos ao ar livre para algum eventual passageiro que desejar adquirir algum de seus trabalhos. O prédio do “Shopping Rua da Praia” é relativamente novo, foi construído em 1990. Anteriormente este espaço foi sede de um dos mais elegantes hotéis que a cidade de Porto Alegre já teve. O “Grande Hotel”<sup>24</sup> hospedava políticos e personagens ilustres da cidade.

A beleza arquitetônica do “Grande Hotel”, bem como o ar requintado das pessoas que o frequentavam, é motivo da admiração de Tânia.

Tinha na esquina o Circulo Militar, onde é o shopping hoje em dia , ali era o Grande Hotel (...) Pegou fogo, era um prédio tão lindo, tão lindo, tão lindo, era aquele edificio antigo, daqueles que tinham rococó, as sacadas eram daquelas de ferro todas trabalhadas, era um edificio lindissimo, foi assim uma pena, era uma esquina muito nobre, era uma esquina muito linda, então era clubes sociais e que, assim, o público era muito bom, sabe.

Décia comunga com a opinião de Tânia no que se refere ao fato de o hotel ter sido muito bem frequentado, enfatizando também a importância política desse espaço.

---

informações ver o site oficial do “Programa Viva o Centro”. Site consultado: [http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro/default.php?p\\_secao=78#](http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro/default.php?p_secao=78#)

<sup>24</sup> O “Grande Hotel” teve o início de suas atividades no ano de 1908; passou por algumas reformas e expansões devido a grande procura por parte dos clientes que se constituíam, em sua maioria, de personagens ilustres da cidade de Porto Alegre, do Estado e, mesmo, do país. Sede de discussões políticas pelo fato de hospedar a maioria dos importantes políticos regionais e nacionais, o hotel consagrava-se como um ponto “tradicional” da cidade. Em 1967 o “Grande Hotel” sofreu um terrível incidente: um incêndio arrasou o majestoso hotel.



Décia: Era o Majestic, depois tinha o Grande Hotel, onde era... Hoje desmancharam e fizeram aquele shopping na Rua da Praia.

Eu: Teve um incêndio ali?

Décia: Teve, ali teve um hotel. Hotel afamado que parava Getúlio Vargas, todos os políticos, agora, é ali na Riachuelo, agora é ali, que passou ali de baixo e foi pra cima. Mas ali embaixo era uma casa antiga, as sacadas davam pra Rua da Praia, então os grandes políticos na hora de fazer propaganda, como se diz, apareciam nas sacadas pra acenar pro povo, as personalidades todas se hospedavam ali, família rica, estrangeiros, tudo que vinha era ali.



O “Grande Hotel”, o “Correio do Povo” e a “Praça da Alfândega” são ressaltados nas narrativas destas *habitués* de outrora como espaços da política, lugares onde a política era discutida, as manifestações realizadas e onde muitas decisões foram elaboradas. Em suma, eram nestes espaços que a vida política porto-alegrense pulsava, ou seja, eram pontos de amarração da sociabilidade política e da ebulição da memória coletiva, ou melhor, um “lugar de memória”, como sugere Maurice Halbwachs (2006).

### **ESQUINA: Rua dos Andradas com a Rua Caldas Junior**

Retomemos então nossa caminhada pelo Prédio do “Correio do Povo”, local em que muitos homens, na década de 40, aguardavam ansiosos notícias da Segunda Guerra Mundial. Estamos na esquina com a Rua Caldas Junior: à nossa direita o prédio da “Caixa Econômica



Federal”]; se atravessarmos a rua, lá estará o famoso cenário político constituído pelo “Correio do Povo”. Agora, à nossa esquerda, o edifício da GBOEX, e do outro lado da rua o Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.<sup>25</sup>

O chão aqui é igual ao do início de nossa caminhada: paralelepípedos pequenos, cinzas e marrons. A ambiência começa a se alterar. A Rua da Praia acalma-se, o ritmo desacelera. Aparece a carrocinha de cachorro quente, fruteira, motos estacionadas e uma estética de moradias a se desenhar. Pequenas lancherias começam a surgir,



mas diferentes das lancherias próximas à Dom Feliciano, que tinham bancos altos para que o cliente comesse rapidamente no balcão, estas lancherias possuem mesinhas na rua para que as pessoas possam desfrutar calmamente um café, uma água, ou uma cerveja com os amigos.

Alguns antigos casarios arruinados pelo tempo chamam a atenção do caminhante. Vestígios de um passado são ressignificados. O que era a ruína de um cinema se transforma em estacionamento. A ruína permanece e o nome também; hoje ao invés de chegarmos ao “Cinema Cacique”, vislumbramos o “Estacionamento Cacique”.

O “Cinema Cacique” é rememorado por Rosa como um agradável espaço de lazer para ela e sua família.

O Cacique era aqui na... como é essa rua aqui na ... General... Era bem na Rua da Praia, pertinho do Correio do Povo, quase diagonal, o Correio do Povo estava aqui e o Cacique estava lá, quase diagonal. O Cacique tinha uma confeitaria que quando saíamos (ela e os dois filhos) íamos lá. Assistíamos o cinema e tomávamos sorvete, refrigerante... muito bonito. Ai depois, íamos depois de novo a Praça da Alfândega: Imperial, Guarani, essas coisas assim.

A “Confeitaria Cacique” a que Rosa se refere também é lembrada por Ana Maria. Mas, diferente de Rosa, que remete à sua experiência de mãe, Ana Maria relembra de sua juventude e das pequenas reuniões dançantes que lá ocorriam.

---

<sup>25</sup> O atual Museu da Comunicação Hipólito José da Costa foi construído no governo de Borges de Medeiros para ser a sede do jornal “A Federação”. A Federação surgiu no ano de 1884 e perdurou até 1937, ano em que foi extinto por imposição do Estado Novo. A partir de 1938, passou ser a sede do “Jornal do Estado” atual “Diário Oficial”. Devido ao valor histórico para a imprensa porto-alegrense, o espaço foi transformado em museu da comunicação no ano 1974, sendo assim, tombado em 1977 pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Estadual (IPAE). Para maiores informações ver site do “Programa Viva o Centro”. Site consultado: [http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro/default.php?p\\_secao=59#](http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro/default.php?p_secao=59#)

O Cacique que hoje é um estacionamento, mas esse já é depois da Praça da Alfândega. O Cacique aos Domingos à tardinha, tinha uma confeitaria no Cacique que tinha tipo reunião dançante. Então a gente ia ao cinema e depois ia à reunião dançante, mas em cima, coisa bem família, hoje em dia o pessoal foge do centro.

### ESQUINA: Rua dos Andradas com a Rua General João Manuel

Estamos chegando à Rua General João Manuel, onde existe uma árvore que produz uma sombra maravilhosa; desfrutando dessa sombra, veremos uma típica configuração de um espaço de morada. Na esquina há uma banca de flores à direita, e à esquerda uma ótica situada embaixo de um casarão, que se chama “Casa Malochi”. Do outro lado da rua, veremos duas óticas, uma ao lado da outra, e um boteco onde ficam vários homens sentados tomando cerveja ou cachaça.



Estamos nos aproximando de um ponto de táxi e agora começam a aparecer vários bares que servem almoços a preços razoáveis e lanches como xis, torrada, etc. Vários prédios residenciais, uma ferragem, uma padaria marcam uma zona residencial e trazem uma atmosfera de bairro familiar.

Aproximamos-nos de um local cujo nome é Travessa dos Cata-Ventos, lá encontraremos a “Casa de Cultura Mário Quintana”<sup>26</sup>, prédio do antigo Hotel Majestic, que Décia já mencionara. Aqui, poderíamos entrar para tomar um bom café, ver a programação de um bom cinema, olhar uma exposição, ou mesmo, assistir uma peça de teatro. Mas os convido a continuarmos caminhando.

---

<sup>26</sup> O prédio da Casa de Cultura Mário Quintana foi construído entre os anos de 1916 e 1933, tendo sido projetado pelo arquiteto Theodor Alexander Josef Wiederspahn. Em 1916 tiveram início às obras e, em 1918, foi concluída a primeira parte do edifício. Em 1926 foi projetada a parte leste. Em 1933 o Hotel Majestic ficou pronto. Possuía sete pavimentos na ala leste e cinco na parte oeste. O estilo do prédio mistura formas, procurando dar impressão de grandiosidade. Seus hóspedes eram boêmios, poetas e solitários, tal como o poeta que dá nome ao atual espaço, que se hospedou neste hotel durante anos. Em 1980, o Bannisul comprou o prédio do antigo hotel, durante o governo de Amaral de Souza. Em 1982 o Governo do Estado do Rio Grande do Sul adquiriu o prédio do Majestic do Bannisul. Sendo assim, um ano mais tarde o espaço foi tombado pelo Instituto de Patrimônio e Artístico do Estado (IPAE). Informações retiradas do site do “Programa Viva o Centro”: [http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro/default.php?p\\_secao=57#](http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro/default.php?p_secao=57#)



**ESQUINA: Rua dos Andradas com a Rua Bento Martins**

Estamos próximos da rua paralela: Bento Martins. As duas quadras a seguir não poderão ser fotografadas por serem consideradas áreas do Exército e da Segurança Nacional. Avistamos, assim, à nossa direita um prédio, róseo do Museu do Exército, e, à esquerda, um prédio azul do Serviço Militar.

Mais uns passos são dados e a esplendorosa Igreja das Dores<sup>27</sup> se desvela. O barulho dos passarinhos cria uma ambiência nostálgica e até reflexiva. A Igreja das Dores é um dos espaços

---

<sup>27</sup> A Igreja das Dores começou a sua construção no ano de 1813; o esforço naquela época era a construção do interior da Igreja. Em 1857, a cidade tinha crescido consideravelmente, então, para atender a demanda dos habitantes, a construção da Igreja foi retomada; contava nos planos da construção a criação de um espaço para um hospital que, provavelmente, por falta de verbas, nunca foi utilizado. Na década de 1860, foi colocado o madeiramento do telhado e a abóbada da nave, sob a coordenação do entalhador português Mestre João Couto e Silva. Em 1866, após a pintura do teto, realizada pelo artista Germano Traub, o corpo da igreja foi inaugurado. Nos anos seguintes foi construída a escadaria para a Rua da Praia. Antes o acesso era feito pela Rua da Ponte, atual Riachuelo. As três esculturas da fachada representam a fé, a esperança e a caridade. A antiga edificação tinha, em seu projeto original, torres barrocas com cúpulas arredondadas, ao gosto português. No início do século XX, Porto Alegre contava com arquitetos e engenheiros de origem germânica, que trouxeram da Alemanha tendências ecléticas. Um novo projeto da igreja foi apresentado pelo arquiteto Julio Weise e aprovado pela Irmandade. A construção seguiu até 1903 quando foi, finalmente, inaugurada, apresentando corpo em estilo colonial português com fachada eclética. Seus 96 anos de construção geraram lendas urbanas que sugerem que um escravo injustiçado, acusado de ter roubado os materiais de construção da Igreja, diante de sua execução, rogou uma “praga”: que a prova de sua inocência seria que a Igreja nunca seria concluída. A Igreja das Dores é um patrimônio tombado pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Para maiores informações a respeito ver site oficial do



míticos da cidade, talvez por remeter à sua própria fundação. Naquela rápida conversa que narrei a vocês com Dona Edith, moradora do Edifício “Rua da Praia”, ela conta a lenda da “Igreja das Dores”.

Começando com a frase “Contam os antigos...”, Dona Edith fala da existência de um pau de arara, daqueles usados para castigar escravos, em frente a esta Igreja e que uma vez um escravo negro fora morto ali. O homem teria rogado uma praga, de que a Igreja das Dores nunca estaria completa, sempre estaria inacabada; e assim se comprovou a saga até os dias de hoje.

Segundo ela, a Igreja das Dores está sempre em reformas por causa da maldição do escravo. A senhora conta que chegou a ver o “toco do tronco”, mas que foi retirado há décadas atrás.



Nota-se que devido ao fato desta área ser considerada de segurança militar, é comum encontrarmos homens fardados e armados tanto da Polícia Militar como do Exército.

### **ESQUINA: Rua dos Andradas com a Rua General Canabarro**

Chegando à Rua General Canabarro, avistamos o prédio do Comando Militar e, na frente, o da Brigada Militar, os dois situados à nossa direita; à esquerda, o prédio do Quartel General e, do outro lado, um prédio domiciliar com uma farmácia “Drogabem” embaixo.

Continuando a nossa caminhada, retornaremos a um território de moradias, com mercadinhos familiares, lotéricas, muitos prédios residenciais e alguns casarios quase em ruínas.

---

“Programa Viva o Centro”: [http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro/default.php?p\\_secao=61#](http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro/default.php?p_secao=61#).  
Para saber um pouco mais sobre a lenda ver site: <http://www.rosanevolpatto.trd.br/lendaigrejadores.html>

### **ESQUINA: Rua dos Andradas com a Rua General Portinho**

A próxima esquina é a General Portinho, o que faz esquina é um prédio residencial; do outro lado, na esquerda, existe a “Padaria Andradas”, à direita, o prédio da Marinha do Brasil. Do outro lado da rua, um ponto de táxi onde começa a Praça Brigadeiro Sampaio. Pessoas caminham com sacolas



plásticas de supermercado, senhoras conversam nas calçadas e um homem pára para ler o jornal enquanto um menino engraxa seus sapatos (uma imagem clássica que nos remete ao cotidiano de outrora, registrado nas antigas fotografias de Porto Alegre).

Estamos na Praça Brigadeiro Sampaio. Senhoras tomam o seu chimarrão, meninos pré-adolescentes jogam futebol, crianças brincam de balanço. E assim vamos adentrando nesta ambiência: barulho do balanço e cachorrinhos vestidos que passeiam pela praça enquanto seus donos desfrutam de um chimarrão.

Esta quadra é tomada de prédios residenciais, alguns meio depredados, velhos, mal cuidados, e outros novos, fazendo com que a paisagem oscile entre o “novo” e o “antigo”.

### **ESQUINA: Rua dos Andradas com a Rua Vasco Alves**



À esquerda tem uma rua que só sobe, uma travessa, chamada de Rua Vasco Alves, com uma clínica veterinária em sua esquina e, do outro lado, um salão de beleza. Avista-se o Teatro do Museu. Há pouquíssimas pessoas na rua. O trajeto está chegando ao fim, já estamos na esquina com a Avenida Mauá, onde a rua realmente começa nos mapas de Porto Alegre e, assim, o nosso trajeto termina aqui. A Usina do Gasômetro se apresenta. Caso queiramos, podemos apreciar o lindo pôr do Sol às margens do lago Guaíba.

Caminhamos por uma hora e quinze minutos, a passos lentos, ou talvez tenhamos caminhado por algumas décadas, através da memória dos habitantes acerca da cidade de Porto Alegre.

#### 4.2. O *footing* e a *belle époque*

Caminhar pela rua com o intuito de passear, de reconhecer as pessoas, de ver e ser visto, um caminhar despreocupado, com espaços determinados, eis o *footing*, ou como esta prática era chamada. O *footing* consagrou as gerações de 30, 40, 50 e 60 do Século XX, que flertavam pela Rua da Praia no ir e vir das moças porto-alegrenses diante da fixidez dos rapazes, que permaneciam na rua para ver o “desfile” de moda.

O *footing* marcou a chamada *Belle Époque* porto-alegrense. Parar a fim de observar vitrines, estando vestida com as mais belas roupas, propiciava momentos para o flerte, para a troca de olhares, gerando, enfim, uma sociabilidade lúdica.

Décia narra que se arrumar para ir à Rua da Praia era como se fosse produzir-se para ir a uma festa. “Estar bonita” era condição para o passeio, visto que a qualquer momento o futuro marido poderia surgir, como aconteceu com Ana (amiga de Niára), que conheceu o esposo em uma saída do cinema Imperial.

Ao narrar o *footing*, Décia congrega o “chique” e o “flerte”, fazendo pensar que a condição para o “flerte” era a de ser “chique”.



Era tudo! E aí, então, íamos pra Rua da Praia fazer... dizíamos passear, mas íamos era flertar. Porque os rapazes ficavam na rua parados, conversando, de vez em quando passeando, e nós na calçada. Então, ficava assim a calçada, pra lá e pra cá. As moças pra lá e pra cá e os rapazes no meio da calçada e ali era o chique. A gente se arrumava, botava a melhor roupa, melhor sapato, de luva, chapéu, né. Era o chique! E depois do cinema da noite, a gente podia desfilar ali, passear tranquilamente, ver as vitrines. Isso era sagrado, todos os dias. Iam só pra fazer o *footing* porque aquilo era chique. Era chique.

Quando não ia a gente ficava admirada porque não aparecia, né, mas... ir na Rua da Praia todos os... olha tinha gente que se arrumava todos os dias somente para

passear perto da Rua da Praia, era o chique, era o lindo, era muito bom...

Ir todos os dias ao Centro para a prática do *footing* era privilégio de poucos, nem todos tinham este deleite em tempo integral; nesse sentido, algumas regras eram negociadas, e, assim as moças definiam dias da semana nos quais o *footing* acontecia. Os dias da semana não são os mesmos, pois variavam de acordo com a possibilidade delas esse lazer, mas a preponderância dos finais de semana está presente em todas as narrativas.

Para Hílina, além dos fins de semana, as terças e quintas-feiras eram os dias marcados para o *footing*, assim como hoje marcamos hora nas academias de ginástica (por vezes também espaço de “flerte”); ela agendava suas idas e vindas na Rua da Praia como um compromisso sagrado a ser cumprido.

Todas terças e quintas era pra fazer o *footing* né, tu te arrumava pra ir do Cine Cacique até a Dr. Flores, desfilava lá, depois voltar pra casa. Tu te arrumava, tu ia pra casa tomar banho e te maquilar, te arrumava, arrumava a roupa, buscava o traje, a jóia

Para Tânia, no entanto, a quarta-feira era dedicada a “encontrar os cadetes” durante a prática do *footing*.



Sim, na quarta-feira, sim quarta-feira. Então a gente se arrumava tudo bonitinha e ia passear e daí a gente encontra os cadetes. Então, era o matinê, o matinê no Domingo, mas assim era sagrado, no centro. Então, a gente vinha ao centro de Porto Alegre pro Matinê, então a gente ia com as amigas, então era uma coisa assim maravilhosa, cinemas que hoje em dia não existe mais: o Marabá, aqui em baixo na Coronel Genuíno, né; o Vitória, ali na Borges, né; o Imperial; o Guarani ali na Praça da Alfândega, o Cacique que foi assim um, que hoje é uma pena, um dia desses entrei e quase tive um choque virou um estacionamento de carro que quase que... olha, é uma pena. Aquelas lojas e depois assim ó, era o comércio forte de Porto Alegre, tudo tu comprava era no centro, na Rua da Praia.

O cinema, para as gerações do início do século passado, tornou-se o lugar de espetacularização, do lazer e dos jogos amorosos, da coqueteria, nos termos de Georg Simmel (1993). Os principais cinemas encontravam-se no centro, e a matine dos domingos era um importante lugar onde se dava o início de namoros. A proximidade com a zona militar também é justificativa para a presença de jovens com seus cabelos curtos, sinalizando carreira militar, de grande atrativo para as moças casadoiras.

Nas décadas de 30 e 40, a prática do *footing* era importante nas proximidades da Praça da Alfândega, próximo aos antigos cinemas Guarani e Imperial. Embora Décia nos coloque que a

Praça da Alfândega seja o espaço dos “mais velhos”, ela também aponta que o *footing* se estendia até os domínios da praça.

Eu ia pro Colégio Americano todos os dias né, mais de uma vez por dia. De manhã, voltava pra almoçar, saltava meio dia pra uma e meia e as três e 20 quando era pra vir pra casa eu vinha senão era mesmo pra Rua da Praia, que era o momento chique. Era passear ali na Rua da Praia. Ali da Rua do Rosário, até onde é o cinema da Alfândega ali, aquilo tudo era... aquele asfalto que tu estas vendo todo floriado, era tudo, até lá. Depois que resolveram fazer essa barbaridade aí, esse tal de calçadão.

Ursel, que pertence à mesma geração de Décia, também traz a Praça da Alfândega como um ponto de referência para a prática do *footing*.

O *footing* mesmo era da Praça da Alfândega até a Borges, depois aos poucos a gente foi incluindo a Livraria do Globo que era metade do tamanho que é agora. O meu pai tinha consultório no edifício Cruzeiro, que era quase esquina com a Doutor Flores.

A construção do Calçadão, que aparentemente poderia facilitar tal prática, é evocada por Décia como uma “barbaridade”, como um estrago da configuração da rua que antes permitia que os elegantes moços estacionassem seus carros e neles se escorassem para admirar o desfile das moças. Para Hilana, o “Calçadão” também foi objeto de repúdio; ela narra a desfiguração da sua tão bem quista Rua da Praia mediante a construção desta obra na década de 70.

“Revitalizar é uma coisa, não adianta buscar o que era que não vai vir nunca mais, né. Olha se tirar aquele calçadão já ganhou o prêmio. Eu acho que descaracteriza muito”, confessa Hiliana.

Para Tânia o “Calçadão” não apenas descaracterizou a Rua da Praia, como também dificultou o acesso da população a este espaço e retirou a segurança das pessoas que ali caminhavam.

O calçadão foi o que? 70, década de 70, setenta e poucos e agora a Prefeitura começou a abrir de novo né, porque foi uma coisa que tirou a segurança né, porque andavam carros.

As transformações urbanas redefinem, inclusive, os espaços destinados ao *footing*; percebo por meio da decalagem de idade das senhoras entrevistadas diferentes regiões que apontam o “fervo”, a zona principal para a execução do *footing*. Nas narrativas de Décia e Ursel o território da Praça da Alfândega é o ponto de referência para as entrevistadas, fosse como ponto de partida ou de chegada. Já nas narrativas de Tânia, Ana Maria, Hiliana e Niára, o espaço consagrado é o das Galerias Chaves e Malcon.



Quando indago Ana Maria sobre os domínios do *footing* e demonstro que conhecia relatos de que o *footing* tinha como zona mais forte a Praça da Alfândega, ela afirma: “Eu acho que mais perto da Praça da Alfândega é a geração mais antiga, aí ficava lá, mas a minha época é mais ali”. Esta afirmação se confirma nas demais entrevistas com pessoas que compartilham a sua geração. Ana Maria traz, portanto, a Galeria Malcon como espaço de excelência para o *footing*.

Tu descia a lomba da Rua da Praia e em geral era até a Borges e voltava, ela tinha até lá embaixo, mas o fervo, onde é hoje? Onde era o Krahe, a galeria Malcon, tinha ali o Neugbauer que era uma confeitaria, depois tinha o Krahe que eu não sei que eu acho que é onde tem aquela loja, do lado, onde tem o Centro Útil, o Krahe era uma loja grande também, tipo Renner, então, ali também tinha, tinha umas lojas boas.

Tânia também traz o espaço da Praça da Alfândega como aquele destinado aos mais velhos.

Ficava assim ó, começava perto das Americanas e assim conforme a faixa etária, porque os mais jovens ficavam mais pra cá e os mais velhos então era mais perto da Praça da Alfândega porque tinha o Matheus, a confeitaria Matheus, tinha o Guiloso que era um restaurante maravilhoso, bem na Praça da Alfândega.

Como o *footing* está associado ao flerte, explica-se a ausência de relatos de Rosa, pelo fato de ela desfrutar a Rua da Praia na condição de esposa e mãe. Quando a indago sobre o *footing*, ela diz não ter feito. Isso não significa dizer que estas *habitués* de outrora abandonaram a Rua da Praia após o casamento, mas que, a medida que se casavam, suas idas à Rua eram mais pontuais e específicas.

Hiliana explica, ao perguntá-la com que idade ela praticara o *footing*, que para a sua prática a menina também já deveria ter debutado, já ter sido “apresentada à sociedade” na condição de moça.



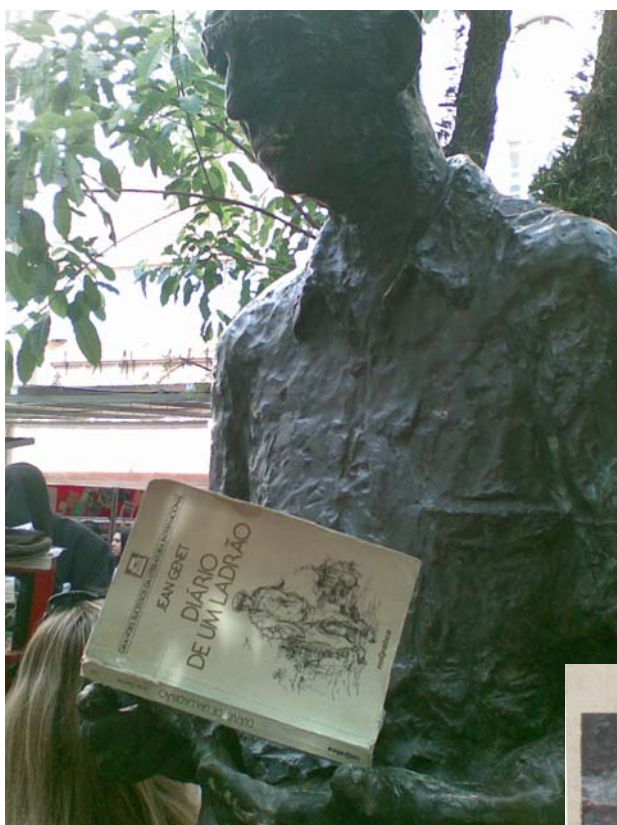
Acho que com 17, 18 anos, depois de debutar, depois que usava salto alto, antes de debutar a gente não usava salto alto. Nunca usava salto alto, e um dia te botavam e largavam num baile. É que era assim, haviam reuniões dançantes, tinha muitos estudantes, as faculdades tinha muito estudantes, a gente conversava na Rua da Praia, a gente parava pra conversar, tinha a turma dos surdos-mudos que ficava na Rua da Praia, a gente conhecia eles, era um lugar que tu não ia e voltava, tu falava com um, conversava com outro, era um lugar de conversar, não era só ir pra cá e pra lá. Tu encontrava os amigos, os colegas, tu

marcava as reuniões. Era só depois dos 15 anos, meninas de 14, 15 anos a gente tinha como crianças.

Ana Maria afirmou que o *footing* não tinha necessariamente uma faixa etária específica, até porque sua própria avó também o realizava, mas, em meio a risadas, ela ressalta “mas não com o mesmo objetivo da gente”. Isso significa dizer que o *footing* embora relacionado ao flerte, também se mostrava, naquele período, um deambular com o fim de ver vitrines, sendo que tais práticas permaneciam após o casamento. Cabe ressaltar que todos os relatos acerca do *footing* estão associados à juventude destas *habitués* de outrora, às saídas do secundário ou do científico, ou ainda, aos encontros com colegas.

## Capítulo 5

### Os livros da praça: diferentes leituras na Alfândega





Há tensões complexas no cenário porto-alegrense no que tange às formas de apropriação da zona central, também concebida como “Centro Histórico” da cidade. O intuito deste capítulo é o de trazer o universo polifônico circunscrito a este espaço urbano, palco de disputas de diferentes atores sociais, com seus estilos de vida diversos e que, por conseguinte, coloca distintos sujeitos em diálogo, sejam eles os *habitués* locais, os moradores, os transeuntes, os comerciantes, a mídia e o Estado.

Para trazer essa polifonia à tona, o capítulo em questão analisa um micro-evento no âmbito de um evento maior, cujo cenário é a Praça da Alfândega.

A Praça da Alfândega está situada no centro de Porto Alegre, mais especificamente na Rua da Praia. A praça constituiu-se ao longo do tempo um território de enraizamento e de trocas sociais pautadas na heterogeneidade social e cultural dos indivíduos e/ou grupos que por ela são atraídos. Sendo assim, trata-se de um espaço singular da cidade, marcado por intensas trocas sociais acumuladas ao longo da passagem do tempo.

Embora toda Rua da Praia esteja implicada em conflitos, é no território da praça - uma espécie de coração do centro - que se evidenciam os conflitos e dinâmicas que analisarei neste capítulo.

Trago as tensões urbanas que emergem das interações entre personagens urbanos entre si e destes em relação a cidade, esta última sujeita às ações do Estado. Portanto, estão envolvidas questões entre “a casa, a rua e outro lugar”, conforme aponta Roberto Da Matta (1985), para tentar elucidar a forma como os atores sociais distintos, com estilos de vida e *ethos* diferenciados, disputam e vivenciam o mesmo espaço urbano, no caso, a Praça da Alfândega, um dos “subespaços”<sup>28</sup> (Da Matta, 1985: 48) da Rua da Praia.

Essas tensões e conflitos se dão em múltiplas formas e situações. Trago o relato de uma experiência que dimensiona um evento, em sua densidade. Este exercício de análise foi originalmente realizado para a disciplina de Antropologia da Performance (PPGAS, UFRGS), ministrada pela professora Maria Elizabeth Lucas, e o estudo de tal evento, sugerido pela minha orientadora, Cornelia Eckert: o episódio do roubo do livro da estátua de Carlos Drummond de Andrade e seus desdobramentos narrativos e discursivos, ocorrido na Feira do Livro em 2007.

---

<sup>28</sup> A casa e a rua, de acordo com Roberto Da Matta, estão em uma relação complementar de oposição, pois “a rua tem seus espaços de moradia e /ou de ocupação, e a casa também tem seus espaços arruados” (1985:48). É, assim, neste interstício que se encontra o espaço das praças públicas que ao abrigarem características tanto da “casa” como da “rua” tornam-se “subespaços” com temporalidades distintas.

### 5.1. “O livro roubado”

Nos bancos da Praça da Alfândega, sentam-se senhoras e senhores de idade avançada, donas de casa, vendedores de cafezinho, prostitutas, jogadores de dama, engraxates e é também onde se localiza a estátua de Mário Quintana: que é retratado sentado em um desses bancos, olhando para a estátua do amigo e poeta Carlos Drummond de Andrade enquanto esse lê em pé um livro embaixo das frondosas árvores da praça. Ambas as estátuas foram feitas em 2001, pelos artistas Francisco Stockinger e Eloisa Treguajo.

Em meados do mês de outubro de 2007, véspera da 53ª Feira do Livro, todos preparativos estão em andamento: ergue-se a lona, as barracas começam a ser montadas, os livros encaixados, a praça de alimentação começa a ser montada. A Praça da Alfândega é preparada para sediar o grande evento cultural da cidade de Porto Alegre. Seus espaços serão repletos de pessoas por todos os lados: adultos, crianças, idosos, adolescentes. A classe média prepara-se para visitar o centro da cidade. Eis que um problema de “segurança pública” surge no espaço em que tal evento acontecerá: o livro de bronze é roubado das mãos da estátua que homenageia o poeta Carlos Drummond de Andrade.

Zero Hora, dia 18 de outubro de 2007

Opinião ZH

E agora José (Fogaça ou Francisco Mallmann?) O livro sumiu/das mãos do poeta/no meio da praça/saiu no jornal/o povo notou,/a polícia nem viu/nem a guarda municipal./E agora, José/ Você diz o quê?/que é apenas um empréstimo/ e vão devolver?/ Não dá pra crer. / E agora, José?/ Você que faz versos/que canta a cidade/de um jeito legal/ etecêtera e tal,/você acha normal, /ou acha demais?/ E agora, José?/Você que comanda/ a força legal /que manda prender /não deixa beber/ e crê na oração, /vai achar o ladrão?/ E agora Drummond? E agora Quintana?/Vocês que estão longe,/que viraram bronze,/ por que não gritaram?/ Se vocês gritassem/ se vocês gemessem, / se vocês tocassem, / a valsa vienense,/ talvez evitassem/ o furto e a vergonha/ do povo riograndense.

Coluna Paulo Santana

Agora roubaram o livro das mãos do Drummond. Qualquer dia vão roubar o corpo inteiro do Drummond, depois a estátua inteira do Quintana. Vão roubar tudo. Eu não posso entender como gente minimamente inteligente não percebe que os parques e praças abertos à noite significam destruição.

É a mais esférica imbecilidade investir diariamente nos parques e nas praças e ver tudo que é investido é dilapidado diariamente.

Não fechar os parques e praças à noite é, portanto, uma rotunda imbecilidade.

Saída a campo dia 25 de outubro de 2007

Eu: Frida, você sabe do roubo do livro? Deu até no jornal.

Frida: Tiraram o livro, tem o Mario Quintana e aquele outro lá o Andrade, só não levaram eles porque é muito pesado e é grudado no asfalto. O povo já disse daqui a pouco vão levar estes homens daqui, ainda não levaram porque é pesado, levaram só o livrinho.

Eu - Tinha gente até falando em cercar a Praça no jornal...

Enquanto ri um sorriso amarelo, Frida responde: “Daí fica ruim, porque vão tirar nós daqui”.

É na Praça da Alfândega que encontro Cândido, um *habitué* do local que descreve seus diversos grupos:

Aqui tem de tudo: têm os caras ali que jogam dama, fazem até campeonato, estão sempre aqui; têm os aposentados que ficam perto dos engraxates; têm as prostitutas; têm os feirantes da feirinha ali atrás; e têm nós. Aqui todo mundo se conhece e sabe da vida de todo mundo, se tu continuar vindo aqui, vai saber também, dá até pra escrever um livro!

O “nós” a quem Cândido se refere é o grupo com o qual me relacionei entre junho de 2007 e abril de 2008. Entrei nessa rede por intermédio de Frida, que me apresentou a Vera, a Alemoa, e o Cândido, conhecido como professor. Todos eles se encontram sempre na Praça da Alfândega para “jogar conversa fora”, comer, chorar, sorrir, ou simplesmente o que tiver que ser.



Frida é uma senhora de 82 anos, nascida em Dois Irmãos, cidade onde trabalhou na lavoura até a morte de seu marido, quando migrou para Porto Alegre com seu filho. Aqui trabalhou como empregada doméstica até se aposentar. Pergunto a Frida qual a importância da Praça da Alfândega para a sua vida, se as suas idas cotidianas ao espaço da praça deviam-se aos amigos que ela encontra no lugar. A sua resposta mistura lembranças familiares com o seu cotidiano atual.

Não, amigos eu tenho sim, venho aqui há 30 anos, fiz vários amigos, uns já morreram, outros se mudaram. Tenho umas amigas aqui, mas venho aqui e me sento todos os dias na frente deste prédio para me lembrar de meu filho, que trabalhava ali, ó, naquele andar. Venho matar a saudade, parece que a qualquer momento ele vai sair dali.

Obviamente Frida não fica apenas sentada em um banco da praça relembando nostalgicamente o passado. Suas idas diárias à Praça da Alfândega também são o resultado de uma rede de reciprocidade a qual pertence e que, embora alguns personagens mudem acaba se mantendo ao longo do tempo.

Frida mora em um quarto de hotel na Avenida Farrapos, zona marcada pela existência de prostíbulos. Com aposentadoria de um salário mínimo somada à ajuda de seus amigos da Praça, ela se sustenta. Seu filho mora em Dois Irmãos e, segundo ela, por causa da nora, que “não gosta de velhos”, pouco o vê. Sobre este assunto, Cândido segreda que a maioria dos velhos que ali estão, na realidade, são solitários e carentes, permanecendo na praça para o tempo passar e ter com quem conversar, porque “estão abandonados e não têm ninguém”. Ele relata outros três casos de senhores que sempre estavam ali e que se encontravam na mesma situação de Frida, um deles já havia morrido. Este senhor que não conheci se chamava Jarbas; sobre ele, Frida contou: “Ele teve uma morte feliz, morreu aqui no banco da Praça.”

Eis aqui um caso típico que Michel Maffesoli (1994:64) apontaria como um “espaço de celebração”, onde o denominador comum é o lugar da sociabilidade que acolhe o sentimento de pertença. São as celebrações do corpo, da imagem, da amizade, da comédia, do esporte, quaisquer que sejam os motivos em celebração, são ali desenrolados, pois o próprio lugar é “laço” que une seus *habitués*. Lugares como a Praça da Alfândega tem a pontencialidade de tornar até mesmo a forma da perda (do amigo) um acontecimento afortunado, porque ela acontecera no “espaço de celebração” de onde a felicidade emana.

Jornal Já, 02 de novembro de 2007

A entrevista coletiva para apresentar as novidades da 53ª Feira do Livro de Porto Alegre, na manhã da quinta-feira, 18 de outubro, transformou-se em um ato de protesto. Motivados pelo roubo do livro que a estátua de Carlos Drummond de Andrade segurava – o monumento de Xico Stockinger, localizado na Praça da Alfândega, homenageia também o poeta Mario Quintana – o patrono do evento, Antonio Hohlfeldt, e o presidente da Câmara Riograndense do Livro, Waldir da Silveira, condenaram o ato e garantiram que “o vandalismo não vai interferir na Feira”.

Silveira tranquilizou os frequentadores quanto à segurança na Praça. O presidente da CRL acredita que o problema não vai se repetir. “Temos um esquema garantido pela Brigada Militar que é excelente”, observa Silveira. O livro roubado será devolvido às mãos de Drummond em uma cerimônia, ainda sem data prevista, que vai marcar a instituição do Dia Contra o Vandalismo na capital do Estado.

Além da condenação pública do ato, a “arma” na qual a organização aposta suas fichas para combater o vandalismo é a ação social. “Esse não é um evento só de literatura, mas também de cidadania”, salientou Hohlfeldt. (...). Naira Hofmeister

Com a eminência da Feira do Livro, evento anual que marca há 54 anos a cidade de Porto Alegre, algumas vozes emergiram acerca da segurança pública da Praça da Alfândega, espaço de sociabilidade no qual o evento ocorre. O roubo do livro desencadeou um processo já antes existente, por sinal, latente. Porém, desta vez “publicizado”: “O que fazer para manter a segurança na praça durante a Feira do livro?” Esta é a pergunta de jornalistas e da guarda municipal. Outra pergunta que emerge de outros personagens é: “O que farão conosco, que sempre estamos aqui na Praça, durante a Feira do livro?”, indagavam os atuais *habitués* do espaço.

A Feira do Livro é um evento que evidencia, portanto, uma tensão pré-existente e levanta perguntas, como: a quem “pertence” a Praça? De quem e para quem é a Feira do Livro? Uma resposta simples, apontaria o fato de que tanto a Praça da Alfândega quanto a Feira do Livro são espaços destinados aos cidadãos porto-alegrenses. Pois bem, que cidadãos são estes? O que significa ser cidadão neste contexto urbano?

A antropóloga Cláudia Fonseca (1994), em seu texto “Antropologia, Educação e Cidadania”<sup>29</sup> coloca-nos frente a algumas respostas possíveis para tais perguntas, no que se refere, especialmente à questão da cidadania em um país como o Brasil, cujas desigualdades sociais, econômicas e políticas são alarmantes e “ultrapassam o limite da imaginação”, como esclarece a autora.

Essas desigualdades são responsáveis pela situação de “apartação” reinante, na qual, muitas vezes, “rico” e “pobre” só se encontram em situações de faxina ou assalto. Por um lado condomínios de luxo, rodeados de grades de ferro, por outro, favelas que se estendem até os quatro horizontes, levando a justaposição na mesma sociedade, de modos de vida radicalmente diferentes um do outro. (Fonseca, 1994)

Essa estrondosa desigualdade social acaba por refletir nos domínios do espaço público. O antropólogo Roberto Kant de Lima (2001) mostra como as concepções de espaço público são cruciais para a compreensão do regimento deste. Trazendo diferenças entre as concepções geridas na França, nos Estados Unidos e no Brasil, o autor demonstra que a própria concepção brasileira de “espaço público” está baseada em uma pré-noção de que o público é “apropriado

---

<sup>29</sup> Texto retitado do site <http://www.smec.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-escola/professor/artigos/antropologia....pdf>.

particularizadamente, seja pelo Estado, seja por membros da sociedade autorizados ou não por ele” (Kant de Lima, 2001:04).

Portanto, trata-se de um espaço aparentemente caótico para quem não compartilha os seus códigos de apropriação. Sendo assim, a construção da idéia de “igualdade” pauta a “semelhança” (apenas para quem pertence ao mesmo universo de sentido) e não a “diferença” entre as pessoas.

Assim, o Estado cumpre um papel totalitário regulamentando quem são os “cidadãos” que podem ou não usufruir de tal espaço público. Tal dilema gera, assim, “negociações (do espaço público) que se tornam deslocamentos estruturais, que afetam posições desiguais em uma hierarquia excludente” (Kant de Lima, 2001:05).

Neste contexto devemos repensar o que significa ser “cidadão”, quando, a princípio, todos seriam providos dos mesmos direitos de uso do espaço público, mas que, na prática, “uns são mais cidadão que outros”, podendo restringir, mesmo que por ação do Estado, o acesso de determinados cidadãos a determinados espaços e momentos específicos, como foi o caso das prostitutas, dos feirantes e dos vendedores de comida na Praça da Alfândega no evento Feira do Livro.

A Praça da Alfândega é um espaço público, uma *res publica*, na qual atualmente as pessoas oriundas das camadas populares sociabilizam diariamente e constroem suas identidades, afirmando-se como pertencentes àquele espaço: “Sou da Praça”, diz um engraxate. Dessa forma, tendem a se apropriar do espaço, particularizando-o como o seu lugar, de acordo com seus códigos de postura e de sociabilidade.

Este discurso pode ser ouvido nas vozes trazidas por Heloísa Corrêa Gravina (2006), que, ao relatar seu estudo sobre a Praça da Alfândega, também traz a seguinte pergunta: “De quem é a Praça?” A autora vê nas prostitutas que configuram este espaço um processo de construção identitário vinculado à Praça da Alfândega: “Sou prostituta da Praça da Alfândega”. E, assim, percebe-se que grupos distintos afirmam sua identidade por meio de um espaço da cidade, como é o caso da Praça da Alfândega.

Obviamente isso não significa dizer que a Praça da Alfândega é de fato destes *habitués*, mas, com certeza, são estes personagens que a compõem e a conformam, dinamizando parte do seu cotidiano.

Outra pergunta que fica: “Para quem é a Feira do Livro?”. A Feira é um evento anual que busca promover a cultura escrita, a adoração ao universo livresco. Com apoio fiscal, os livros

durante este evento têm seus preços reduzidos em cerca de 20%. A Feira do Livro, no entanto, como já colocou Heloísa Gravina ao relatar suas impressões do que seria o evento para nós, membros da “classe média intelectualizada”, é um “evento mágico”, que permite que vejamos o centro de Porto alegre com outros olhos, levando-nos, assim, até ele; é um evento “popular” de consagração ao livro.

Frida ao relatar as impressões de seus amigos sobre a Feira do livro desabafa, afirmando que um deles se recusa a passar pela Alfândega durante a Feira, pois “roubaram a nossa Praça”.

Nesse sentido, pode-se perceber que durante a “Feira do Livro” a lógica de apropriação da Praça da Alfândega é alterada mediante as ações do Estado, que buscam moldar o espaço de acordo com a lógica dos “estratos médios”, a fim de que estes possam deambular sem constrangimentos morais naquele que é um espaço público (proibindo a circulação das prostitutas, dos vendedores de cafezinho e de qualquer “elemento” inoportuno).

## 5.2. O livro de Drummond

Dia 25 de outubro de 2007

Excerto de diário de campo,



Estávamos sentados em um banco, em frente a uma banca de livros que começava a ser montada. Arrumavam os livros, separavam os saldos “a cinco reais”. Cândido, Frida, Seu Adão e eu observávamos. Cândido e Seu Adão confessaram que não suportavam a feira, pois ela mudava tudo e, além de tudo, segundo Adão, a própria feira havia mudado, pois antes os governantes pelo menos enfeitavam a praça com flores, hoje nem isso. A feira apenas “enfeia a praça”. Cândido complementa que a praça é pequena demais para abrigar tamanho evento; a Feira do Livro deveria se mudar para o Cais do Porto, que, segundo ele, é bem mais espaçoso,

mas Adão corrige “é uma questão de tradição” que a Feira se mantém ali, e, por isso, ela não se muda, todos é que mudam por causa da feira.

Perguntei se eles continuavam frequentando a Praça nos dia de Feira, se conseguiam se encontrar, como de costume. Eles afirmaram que embora não gostem do evento, continuam indo ali. Frida confessa que já gostara da Feira, mas agora é muita gente, não dá para ver as pessoas circularem e, além de tudo, tem que chegar muito mais cedo para conseguir um banco livre durante a Feira.

Seu Adão é um senhor negro, por volta dos 70 anos. Todas as vezes que eu o vi na praça, ele estava bem alinhado, de terno, gravata, sapatos bem engraxados. Seu Adão e Cândido saem. Adão vai até a Igreja, pergunto a qual, e ele diz que é a Universal, igreja que o “salvou, pois agora ele não bebe e não fuma”, por isso é muito devoto. Vai à Igreja todos os dias.

Permanecemos Frida e eu, tento saber um pouco mais sobre o que ela pensa da Feira do Livro, pois enquanto os homens estão próximos, ela pouco fala, a fala fica destinada ao masculino, por mais que eu tente dar voz a ela. Frida enfatiza que quando não tinha amigos gostava da feira, pois se distraía, mas agora, é um problema, pois muitos deles se recusam a estar lá durante o evento. Além disso, um grande problema é que os vendedores de cafezinho não podem circular na Praça durante a feira, pois a SMIC proibiu o comércio. Pergunto por quê? Frida garante que é só para ganhar dinheiro e tirar o trabalho de seus amigos. Ela compara o trabalho dos vendedores de café, com o dos camelôs que volta e meia fazem manifestações ali por causa da apreensão das mercadorias por parte da SMIC. Eu permaneci com o gravador ligado durante a conversa com Frida e, agora, tentando reescutar a fita, retiro algumas frases ditas por ela que narram o evento dos camelôs:

“Camelô veio vindo”, “Polícia é ladrão”, “não deixa nós trabalhar”, “polícia é ladrão”, e diziam que ia “quebrar tudo”, eles vieram aqui três vezes, eles querem quebrar tudo. Frida fala que apesar de ter pouco estudo ela acha que não são os fiscais da SMIC os responsáveis “porque eles só obedecem regras de quem manda de verdade e que a revolta dos camelôs não está certa, porque eles ameaçaram quebrar as lojas que ficam ali na Rua da Praia e isso é injusto porque os lojistas não têm culpa também”.

Mas, segundo ela, a proibição da venda do cafezinho também é injusta, pois “a pessoa tem que comer, tomar suco e café, mas a SMIC briga com os camelô e não deixa, não deixa vender cafezinho”. Ela conta sobre duas vendedoras de comidas e bebidas que possuem família para sustentar - tem a mãe e os filhos – e estão impedidas de trabalhar: “elas vendem bem aqui e agora não podem trabalhar, eles não querem que venham aqui”. Conta que os vendedores de comida e bebida que antes circulavam pela Praça agora ficam ao seu redor, tentando vender para os clientes fiéis que vão até onde estão, para comprar seus produtos.

Danilo, que também é vendedor de cafezinho não estava ali e “apesar do café dele ser ruim, ele tem que ganhar dinheiro”. Frida conta que compra “das guria”, na verdade ela corrige, que não é ela quem compra e sim suas amigas porque “eu não tenho dinheiro, mas compram pra mim!”

Estávamos embaixo da marquise, em uma espécie de teto que cobre a feira e deixa o espaço bem abafado, sentadas num banco onde o sol queimava em nossas costas, “mas era o lugar que tinha”, desabafa Frida. O calor é insuportável e eu mesma começo a ficar com raiva da SMIC, pois tudo o que queria era alguém que passasse por ali e me vendesse uma água.

Ainda sobre a feira, Frida revela que no ano passado ela fez amizade com o pessoal de uma banca de livros que ficava exatamente na frente de onde estávamos. Pergunto se é a mesma banca, mas ela disse que não sabe se é a mesma banca, pois as pessoas não são as mesmas.

A Feira do Livro embora altere totalmente a lógica dos *habitués* da Praça da Alfândega encontra-se em um misto de adesão e repulsa por parte deles.

No domingo, dia 04 de novembro de 2007, estive na Feira do Livro e encontrei tanto Frida quanto Seu Adão; ambos estavam “escondidos”, tapados por uma banca, mas lá estavam. Resistência, adesão ou apenas uma prática cotidiana?

O roubo do livro serve aqui como metáfora dessa tensão que pré-existe. Mas a cena que descreverei aqui também serve como metáfora das estratégias de permanência que estes *habitués* praticam em sua estada durante o evento.





O livro roubado causou alvoroço, notas em jornais e discussões públicas, ou seja, uma série de discursos emergiu a partir desse incidente. No domingo em que estive na praça, tanto Frida quanto Seu Adão e as estátuas de Quintana e Drummond também lá estavam... Mas havia algo diferente: o que tinha nas mãos de Drummond? Vejam só...um livro.

Havia tumulto perto das estátuas, todos paravam para ver o que estava acontecendo. Será que queriam ver a falta do livro? Ao me aproximar, percebo um cenário montado: duas mulheres sentadas no banco à frente das tão famosas estátuas, enquanto um lambe-lambe tira uma foto de ambas. Nas mãos de Drummond, um livro, não o bronze, aquele roubado, mas um livro já amarelado, no qual o vento revolta as folhas que esvoaçam está sobre as mãos da estátua. Pessoas param para olhar, também vou até a estátua de “Drummond” e lá está um livro, cujo título inusitado para a situação é “Diário de um ladrão”. Dentro do livro há um bilhete “Leia, e ponha de volta na mão da estátua. Obrigado. 27-10-2007”. Pergunto ao lambe-lambe se tinha sido ele quem tinha colocado o livro ali, o homem afirma que sim, mas que teria que restaurá-lo, pois todos ali paravam para ver a façanha do novo livro.

O espaço das estátuas tem sido um ponto de atração desde a sua inauguração em 2001. Frida afirma que as pessoas vão sempre ali para tirar fotos. Sendo o ofício de lambe-lambe tirar fotos, o que faria ele senão aproveitar o incidente das estátuas como estratégia de venda, e, assim o fez. Filas e filas lá estavam para tirar fotos com o “novo” livro que Drummond oferecia a Mário Quintana.

A história que acabara de vivenciar me deixou intrigada. Volto para casa e navego na Internet em busca de informações: a busca é feita pelas palavras “roubo do livro”. Diversas matérias em jornais virtuais e *blogs* esboçam distintas opiniões e dentre elas, aparece uma matéria intitulada “tinha um livro no meio do caminho”, depois desta, várias outras me revelam a outra face da mesma história proferida pelo lambe-lambe.



Descubro que o lambe-lambe chama-se Varceli Freitas e que, na verdade, ele não foi o autor da idéia de colocar nas mãos de Drummond o livro “Diário de um ladrão”, como supunha a partir de nossa conversa, mas sim, seu guardião. O livro “Diário de um ladrão”, título do francês Jean Genet, surgiu da biblioteca do jornalista e chargista gaúcho Augusto Bier que, em uma atitude de protesto, o colocou sobre as mãos da estátua. “Tive a idéia de colocar o livro na estátua para chamar a atenção para o desamparo da estátua sem o livro, um desamparo que é também nosso” - comenta Bier, 48 anos, natural de Santo Ângelo, para o jornal Zero Hora.

Varceli Freitas zelava pelo livro, recolhia-o todos os fins de tarde, levando-o para sua casa, para que não tivesse o mesmo destino do livro de bronze de Drummond. Lendo a reportagem da Zero Hora pude compreender a sua conversa comigo, pois o lambe-lambe desabafa ao repórter: “Já teve quem quis passar a mão, quem quis comprar. Estou dizendo que o livro é meu porque, se não for assim, o pessoal não respeita e leva. Levo e trago todos os dias, se preciso.”

E assim o fez. Levou e trouxe todos os dias em que ocorreu a feira. O livro era o espetáculo da Praça da Alfândega e, por conseguinte, da Feira do Livro. A reposição do livro não era apenas uma brincadeira, era um protesto que impunha mistério e fascinação aos visitantes. As pessoas ali paravam e fotografavam – inclusive, tirando fotografias suas junto à estátua – fosse com Varceli, com suas máquinas digitais, ou mesmo, com o celular.

Ao saber de toda a repercussão de seu protesto Augusto Bier exclamou: “Que ótima notícia. Esse livro não é meu mais. É do Drummond. E é nosso!”.

O livro permaneceu até o dia 06 de novembro, quando também foi tirado das mãos de Drummond sem Varceli perceber. O lambe-lambe, em uma reportagem para Zero Hora, explicou: “Tinha uma gurizada cercando a estátua, e eu estava aqui cheio de trabalho e me distraí. Quando olhei de novo, já não estava mais”.

Mais rápido do que o esperado, o livro de bronze foi repostado, devolvido às mãos de Drummond, no dia 7 de novembro. No entanto, seu livro ficou coberto por um tapume até o dia 9 de novembro. Houve uma cerimônia solene para reposição, com a presença dos escultores da peça Xico Stockinger e Eloísa Tregnago, bem como a do prefeito da cidade, José Fogaça.

### 5.3. A volta à rotina

Em busca das narrativas emergentes nesse cenário urbano e, para elucidar as diversas questões oriundas da leitura das notícias, vou a campo no domingo seguinte, dia 11 de novembro de 2007. Puxo conversa com uma senhora. “Ah o livro da estátua está ali de novo?” Ela afirma que sim e já começa a falar do absurdo do vandalismo, mas que isso não era privilégio nosso, pois em Copacabana tinha acontecido o mesmo! Esboço surpresa, ela diz que sim, que roubaram uma estátua em Copacabana.



Enquanto isso, várias pessoas param perto do banco da praça para tirar fotos junto às estátuas de Drummond e de Quintana, algumas com seus celulares, outras com a câmera digital. Uma pessoa tira foto da outra, um revezamento de amigos que passam a alternar o papel de fotógrafo. O lambe-lambe aproveita e diz para um casal que espera na fila: “Ó, aproveitem que agora o banco está vazio, não tem ninguém tirando fotos”.

Os bancos costumam ser disputadíssimos, como explicou Frida em outro momento; são tidos como um espaço de descanso. “Há que chegar antes para ter um lugar bom para sentar”, mas este banco, embora seja disputadíssimo, não tem apenas a função de assento, pelo menos no evento Feira do Livro. Ele serve para tirar fotos, como um ponto de amarração da memória do lugar; mais ainda, estas fotos servem para testemunhar, ou o roubo do livro de bronze (há três semanas), ou o livro recolocado temporariamente pelo lambe-lambe (há uma semana), ou mesmo, o livro de bronze recolocado (nesta semana). As fotos tiradas tanto com celulares, máquinas digitais como pelo lambe-lambe, narram o episódio do roubo do livro e seus desdobramentos. Não quero dizer com isso que antes as fotos não fossem tiradas, obviamente já fotografavam as estátuas. Até onde sei sempre se tirou fotos, mas desta vez foi um acontecimento. Todos paravam para ver a estátua, comentavam, apontavam, tocavam e, por último, imortalizavam o momento pelo clique fotográfico.

Esta é a estátua do roubo! Até onde vai o vandalismo! Olha ali, o livro tá de novo, no início da Feira não tava! Olha o livro que tá ali, quem era que botou? Tem que prender o vagabundo que faz isso, onde já se viu!

Primeiro, as frases rápidas e algumas brincadeiras, depois, um clique fotográfico. Mudam as pessoas que opinam e relembram o roubo do livro, mas a função permanece. Mais uma senhora passa e comenta com o marido: “Ah tu viste que roubaram os óculos da estátua no Rio de Janeiro”, daí já eram duas pessoas, e uma informação a mais: foram os óculos que roubaram, mas de qual estátua do Rio de Janeiro?

Pergunto ao ajudante do lambe-lambe quando recolocaram o livro de bronze. Ele afirma não saber, mas que devia ter sido na sexta-feira. Comento com ele sobre o livro que estava ali na semana passada, e ele retruca “que livro? “Ah sim, o “Diário de um ladrão”. Mas não dá muita conversa, penso estar importunando, pois trabalho é o que não falta para ele.

Permaneço parada mais um pouco, pensando sobre a diferença dos tempos fotográficos. Um casal senta no banco da estátua para tirar fotos com o lambe-lambe. Ajeitam-se, fazem poses, beijam-se, abraçam-se, sempre voltados para a câmera, quando de repente Varceli sai debaixo do tapume preto da câmera escura e diz que irá começar a fotografar. O casal não entende muito bem, afinal de contas já não estavam sendo fotografados? Estavam posando para a fotografia todo aquele tempo e só agora começaria a sessão fotográfica? Varceli explica que ele estava coberto pelo tapume porque estava finalizando uma outra fotografia retirada anteriormente. Sendo assim, o casal retorna a fazer poses. Enquanto isso, a senhora com quem converso, a dona das fotografias que estavam sendo finalizadas, já está esperando há 10 minutos pela sua foto. Naquele meio tempo, entre a fotografia a ser finalizada e outra a ser retirada, no mínimo 10 pessoas foram até o local e tiraram inúmeras fotografias com suas câmeras digitais e logo foram embora.

#### **5.4. A Feira do Livro como um evento performático**

A intenção de analisar a Feira do Livro como um evento performático, ou ainda, na concepção de Victor Turner (1974), como “um drama social” pareceu-me adequada a partir dos estudos na disciplina desenvolvida pela professora Maria Elisabeth Lucas (PPGAS, UFRGS), bem



como a possibilidade de analisar, mediante tal noção, as experiências que registrava durante as saídas a campo. As conversas com os *habitués* da Praça, que previam o “inferno” que seria a Feira do Livro, que começaria dali há uma semana, também me ajudaram a optar por aquele caminho. A minha primeira reação foi de espanto, pois pelo que soubesse a Feira começaria em por volta de umas três semanas. A partir da pergunta “mas não é daqui a um mês?”, obtive a resposta “sim, mas os preparativos começam duas semanas antes; a feira para nós dura mais de um mês, porque tem o antes, o durante e o depois. É um inferno!”, afirmou Cândido. Empolguei-me. Pensei é isso! A Feira do Livro como um evento performático.

Obviamente, esta não foi uma análise inédita. Como Gravina apontou, “analisar a Feira enquanto um ritual é relativamente simples: um acontecimento extraordinário, que interrompe o fluxo cotidiano e instaura uma nova ordem, temporariamente, num espaço determinado” (Gravina: 2006:107) Mas, como a autora também o fez, gostaria de ver este evento a partir de uma perspectiva êmica, ou como ela coloca, pelas “margens”, à luz da teoria do “processo ritual” de Victor Turner (1974).

O que ressalto aqui é o que Tambiah (1984) já apontava, ou seja, a emergência desse ritual; as pequenas transformações no cotidiano; os discursos que vêm à tona e saltam aos olhos; a tensão que cria entre os diversos agentes sociais e, mesmo, a união instaurada entre os grupos que a frequentam, pois personagens que antes buscavam se distinguir, como as prostitutas e as velhinhas aposentadas, unem-se como uma espécie de “*communitas*”<sup>30</sup>, identitária “Somos da Praça”. Por mais que Frida ressalte que “cada um tem o seu lugar”, é exatamente o não respeito ao “lugar deles” que gera durante esse evento performático a existência desta *communitas*.

Segundo Stanley Tambiah, numa Tradução feita por Marisa Peirano (2003):

O ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de seqüências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas seqüências têm conteúdo e arranjo caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição). A ação ritual nos seus traços constitutivos pode ser vista como “performativa” em três sentidos: 1) no sentido pelo qual dizer é também fazer alguma coisa como um ato convencional (como quando se diz 'sim' à pergunta do padre em um casamento); 2) no sentido pelo qual os participantes experimentam intensamente uma performance que utiliza vários meios de comunicação (um exemplo seria o nosso carnaval) e 3), finalmente, no sentido de valores sendo inferidos e criados pelos atores durante a performance (por exemplo, quando identificamos como 'Brasil' o time de futebol campeão do mundo).

Assim, esse sistema cultural de comunicação simbólica informa como o livro de bronze, ou mesmo o “Diário de um ladrão”, indicam tensões que pré-existem; revela um espaço social, o da Praça da Alfândega, que, devido à sua beleza e ao seu valor monumental, deve ser “higienizado”, segundo a visão das camadas médias e a manifestação governamental, como prevê o Projeto Monumenta. Portanto, este deve ser um espaço “cercado”, cuja presença dos “vândalos” e dos “marginais” que o frequentam e que, por ventura, roubam os seus símbolos sagrados precisa obrigatoriamente ser barrada. Mas, ao mesmo tempo, mediante estudo etnográfico é possível revelar que a praça é um espaço de intensa sociabilidade marcada por trocas sociais e de reciprocidade entre pessoas que buscam o direito de “estar lá”. A Praça da Alfândega constitui-se, portanto, um cenário, ou ainda, um palco para esses conflitos, que são comunicados por meio de um evento performático: a Feira do Livro.

A relação de trocas sociais vivenciadas no seio de uma metrópole, através da lógica da moeda, aponta para o processo de globalização, cuja faceta capitalista possui força exacerbada. Nestas linhas, busco dialogar com Jill Lane (2002), que ao analisar as performances de Bill Talen, como Reverendo Billy, nas pregações da *Church of Stop Shopping*, demonstra que a criação dessa performance é uma reação política ao processo violento de mercantilização que transforma cidades-metrópoles, tais como Nova York ou, mesmo, Porto Alegre. Podemos, assim, compreender tanto o roubo do livro de bronze em meio à inauguração de um evento extraordinário como a Feira do Livro como a recolocação de outro livro intitulado “Diário de um Ladrão”, como formas de protesto político que questionam a ação do Estado frente ao bem público, ao mesmo tempo em que interrogam acerca das atitudes dos cidadãos que interagem e sociabilizam neste espaço.

Conforme coloca Jill Lane (2002), tais protestos políticos, como a performance do reverendo Billy e, no caso que nos interessa, a performance do lambe-lambe, quando se mantinha como autor da idéia da recolocação do livro “Diário de um Ladrão”, com a investidura do cargo de guardião, provocam públicos desprevenidos que participam de uma cena reveladora como atores desta. Para a Praça da Alfândega, as discussões trazidas levantavam os temas do vandalismo, da violência urbana e do descaso público, questões latentes que foram provocadas e emergiram neste protesto, concebido como uma resposta irônica às ações político-governamentais, seguindo também a lógica de atuação proposta por Bill Talen.

---

<sup>30</sup> Ver a obra de Victor Turner “O processo ritual: estrutura e antiestrutura”. Petrópolis: Vozes, 1974.

Jill Lane aponta que ao narrar as histórias do processo de criação dos produtos que são, na verdade, processos de exploração e mais valia, depositados nos bens de consumo, Bill Talen busca renarrar e ressignificar momentaneamente os cenários de sua performance (Disney, McDonalds). O *performer* traz à tona uma história de exploração, camuflada na fabricação do “lugar dos sonhos”, afim de ressignificar este espaço e fazer dele momentaneamente um lugar reflexivo, esclarecendo para a platéia, como estes espaços são fruto de um processo de desigualdade e escravização do outro.

Dessa forma, Augusto Bier provocou, em seu protesto, a ressemantização do espaço, que passou a ser um *locus* de atração e, ao mesmo tempo, de reflexão sobre o descaso do Estado com a violência urbana. A ação do chargista foi provocada pelo roubo do livro e resultou em diversas reações nos transeuntes e *habitués* locais, que narravam sobre o episódio e o fixavam o momento pelo clique fotográfico.

Como mais um ator emergente daquele cenário, há o lambe-lambe, Varceli Freitas, que incorporou a ressignificação daquele espaço e aderiu ao protesto proposto por Bier, como se este fosse de sua autoria. O motivo de sua adesão ao episódio, ou seja, se foi devido à lógica do comércio ou motivado pelo lucro a partir da produção de inúmeras fotografias que buscavam eternizar os acontecimentos, ou, ainda, se por uma atitude de adesão política, é o que menos interessa, pois o que ressalto aqui são as reações, as adesões e as narrativas diversas que emergiram deste protesto, que comunicou tensões pré-existentes fermentadas naquela Feira do Livro, transformando os espaços e os atores sociais, os quais passaram a ocupar papéis distintos depois do evento “o roubo do livro”.

Para Georg Simmel, “a sociabilidade é o jogo no qual se ‘faz de conta’ que são todos iguais e, ao mesmo tempo, se faz de conta que cada um é reverenciado em particular; e ‘fazer de conta’ não é mentira mais do que o jogo ou a arte são mentiras devido ao seu desvio de realidade” (apud Moraes Filho, 1983: 173). O contexto urbano, portanto, é um cenário privilegiado para evidenciarmos o jogo dessas formas de sociabilidade, no qual se expressam diferenciados estilos de vida.

O microevento do roubo do livro é, por fim, uma performance entre tantas ligada às experiências cotidianas distintas que propiciam processos de interações e sociações na Rua da Praia, ou ainda, em qualquer rua da cidade que conforme paisagens díspares.



## Capítulo 6

### O Estado na Rua

Como uma onda (composição: Lulu Santos / Nelson Motta)

"Nada do que foi será  
De novo do jeito  
Que já foi um dia  
Tudo passa  
Tudo sempre passará  
Tudo que se vê não é  
Igual ao que a gente  
Viu há um segundo  
Tudo muda o tempo todo  
No mundo..."





### **6.1. Projeto Monumenta: transformações ou dilacerações?**

O Centro de Porto Alegre é ao mesmo tempo um espaço edificado, um espaço vivido e um espaço monumental e histórico, o que significa dizer que está implicado em constantes ações do Estado. Dentre elas, algumas são claramente desencadeadoras de conflito urbano no que tange às suas concepções e implantações. O Projeto Monumenta é fruto de ações do plano diretor de políticas municipais em consonância com os projetos estatais de “revitalização” dos centros urbanos, que perpassam o cenário brasileiro e que se colocam como determinismos de desenvolvimento urbano, social e cultural, sem estar longe de políticas urbanas do século passado de higienização, ordem e progresso.

O Programa Monumenta<sup>31</sup> é uma iniciativa do Ministério da Cultura e atinge 27 cidades do território brasileiro. De acordo como o site do IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), o Monumenta é implantado nas cidades a partir da assinatura de convênios firmados entre o Ministério da Cultura, prefeituras e/ou estados, mediante os quais se estabelecem as atribuições de cada uma das partes, os valores a serem repassados e os prazos de execução das obras. Para acompanhar e conduzir as ações do Programa, são formadas equipes compostas por técnicos do município ou do estado, em conjunto com o IPHAN. As equipes compõem a Unidade Executora de Projeto (UEP), que recebe orientações da Unidade Central de Gerenciamento, com sede no Ministério da Cultura.

A Prefeitura da Cidade de Porto Alegre na gestão do prefeito José Fogaça buscou o apoio deste projeto governamental para a cidade de Porto Alegre, obtendo, assim, resultados como a restauração de vários prédios tradicionais do chamado “Centro Histórico de Porto Alegre” e também das praças públicas existentes nessa região central. Com o objetivo de “preservar áreas prioritárias do patrimônio histórico e artístico urbano e estimular ações que aumentem a consciência da população sobre a importância de se preservar o acervo existente”, o Projeto Monumenta Porto Alegre executou algumas ações que foram entendidas de diversas formas por parte dos habitantes de Porto Alegre, gerando pontos de vista heterogêneos das ações do Projeto que busca a revitalização do espaço central da cidade.

---

<sup>31</sup> Cabe salientar a diferenciação entre “Programa Monumenta” e “Projeto Monumenta”. Quando empregado o termo “Programa”, entende-se como as ações em âmbito nacional, ou seja, refere-se ao conjunto de medidas tomadas nas 27 cidades e as concepções que gerenciam todo e qualquer Projeto que faça parte desta iniciativa Federal. Quando o “Programa” passa a ser incorporado nas cidades, leva o nome de Projeto, pois abriga outras concepções e planejamentos de ordem municipal e estadual.

Discorro neste capítulo sobre algumas das tensões que emergiram da existência e da execução das ações desse Projeto que prevê que<sup>32</sup>:

Os fins propostos serão alcançados quando os sítios históricos conseguirem manter suas características preservadas sem a necessidade de receber novos aportes federais para sua conservação. E ainda quando a população estiver consciente sobre a importância de se preservar o patrimônio existente.

## **6.2. “Nada do que foi será...”, “mas pode melhorar...”**

As posições em relação ao Projeto Monumenta são ambíguas. Em uma tentativa de generalização, assinalo que a maioria das *habitués* de outrora, oriundas das camadas médias da sociedade brasileira, apóiam as ações do projeto, pois concebem atualmente o centro como um lugar “sujo e indigno”. O Centro foi marginalizado e abandonado por parte do serviço público, durante décadas, na concepção dessa maioria de entrevistados. A expressão “deixaram tomar conta” é corriqueira nas conversas informais realizadas com essas integrantes das camadas médias.

Nesse sentido, as ações do Projeto Monumenta repercutem positivamente dentro desse segmento social, pois buscam higienizar e revitalizar o centro de Porto Alegre, procurando assim trazer a “aura” perdida deste espaço urbano. O resgate da “aura” é ponto de discórdia por parte das informantes, pois nem todas acreditam que por alguma razão recolocariam seus pés no centro de Porto Alegre. Elas argumentam que o centro do passado jamais retornará a ser como outrora e que por melhor que fique esse espaço, ele não faz mais parte do cotidiano desses habitantes.

Atualmente algumas medidas do Projeto Monumenta, em consonância com o Projeto Viva o Centro, tais como a higienização do centro da cidade, começaram a surtir efeitos. Com a inauguração, no dia 09 de fevereiro de 2009, do Camelódromo (Centro Popular de Compras, espaço destinado aos camelôs anteriormente estabelecidos na Praça XV, Rua da Praia e Rua Voluntários da Pátria), houve quase a absoluta retirada desses comerciantes do espaço da rua, alterando drasticamente a estética urbana e as formas das relações comerciais e sociais. Porém não discutirei nesta dissertação sobre as transformações que se desencadearam na cidade posteriores à inauguração do Camelódromo por não estar mais realizando pesquisa de campo neste período. Trago, portanto, os conflitos e as narrativas que se desenrolaram em momentos

---

<sup>32</sup> Citação extraída do site do Ministério da Cultura, mais especificamente no link informativo sobre o Programa Monumenta. Site consultado: [http://www.monumenta.gov.br/site/?page\\_id=166](http://www.monumenta.gov.br/site/?page_id=166)

antes de tal acontecimento. Ainda sobre este assunto, faço a ressalva de que os “ambulantes” que se encontravam na Rua da Praia nos finais de tarde ali permanecem no exercício de suas práticas comerciais.

Para Décia, a questão da revitalização é uma iniciativa que rende poucos resultados e que deixa questões em aberto, pois a retirada momentânea dos camelôs, personagens urbanos que afrontam a grande maioria dos segmentos médios, busca apenas remediar uma situação que é muito mais ampla.

Quiseram fazer aquele, aquele castelinho que tinha na Praça XV, que tem umas cadeirinhas na rua assim. Aquilo era muito freqüentado também pela sociedade naquela época, mas hoje quiseram revitalizar e não conseguiram. Agora eles vão retirar dali os camelôs, só que acontece que vão tirar os cadastrados, e os não cadastrados que vão ficar ali e que vão surgir, ali nunca mais vai sair dali.

A presença das camadas populares enquanto geradora de degradação no centro é opinião não apenas de Décia, mas também de todas as entrevistadas. Tânia nos coloca que o espaço do centro não é marginalizado porque é pobre, mas, sim, porque hoje a pobreza vem revestida de inúmeras outras coisas. No passado, ser pobre, segundo ela, era sinônimo de integridade. “Os pobres”, de acordo com Tânia, não viviam na situação de miserabilidade em que atualmente se encontram. Tinham suas casinhas, vestiam-se alinhados e representavam o retrato da honestidade. Pensando com Tânia, não é a pobreza geradora da degradação do centro, mas, sim, as péssimas condições a que os “pobres” atuais são submetidos, levando-os muitas vezes ao roubo para garantirem sua sobrevivência.

Não, porque junta uma população de baixa... Eu adoro entrar no Mercado de Florianópolis não sei se tu conhece coisa maravilhosa aquilo ali, aquele camelódromo deles. Agora tu acha que eu vou parar no centro, parar e abrir uma bolsa ali pra comprar alguma coisa? Nem morta, mas nem morta. Só nós não conseguimos tirar aquele horror dali.

Este “horror” a que Tânia se refere é a presença dos camelôs nas ruas centrais de Porto Alegre, presença por vezes inoportuna, já trazida pela voz de Décia. Esse comércio informal é concomitantemente motivo de repulsa por “sujar” a estética urbana, mas, na voz de Hiliana, fator de proteção, pois povoa a ruas centrais da cidade, retirando o perigo de assalto.

A Rua da Praia eles mudaram pouco, não mexeram na Rua da Praia. A melhor coisa que fizeram foi fazer passar aquelas lotações na Rua da Praia, quer dizer, é um mal que diminui um outro mal maior, porque pelo menos passa lotação, mas não dá tempo de ficar tanto ladrão parado. Até melhorou ali. Agora é que a vida tá tão assim, tu vê que interessante, meu filho: ‘Mãe tu vai sair num sábado’ digo eu vou, era sábado isso

quando eu to voltando aquela Rua da Praia cheia de coisa, sabe que aquilo ali é o que te dá segurança.

A fala de Hiliana nos aponta para essa ambiguidade. Se por um lado os camelôs escondem a beleza da cidade da Rua da Praia, tapando suas vitrines, sujando suas ruas, por outro é o próprio movimento desses comerciantes que gera segurança aos transeuntes. Hiliana confessa que só passa no centro de Porto Alegre até o horário que os camelôs estão por ali, porque depois da saída desses trabalhadores a rua fica deserta e perigosa. O movimento dos camelôs é por um lado objeto de reprovação por outro gerador de segurança. A alternativa dada por Hiliana para que a segurança exista sem a atração de “marginais” que a presença de camelôs, e deste trabalho informal, quando não irregular, também representa, é a construção de bares com mesinhas ao ar livre que garantam alguma movimentação no espaço.

Ana Maria, ao discutir o Projeto Monumenta, percebe que alguns elementos da cidade já sofreram transformação. Em sua narrativa, compara o passado e o presente do Centro de Porto Alegre e as experiências por ela vivida, no mesmo espaço, em tempos distintos.

Aquele Centro ali, a Prefeitura, o Largo Glênio Peres já ficou outra coisa. Agora quando aqueles camelôs saírem vai ficar uma boa né. Aquele Chalé da Praça XV já mudaram, deu uma melhorada. Eu, quando criança ia com o meu avô tomar sorvete, agora hoje já dá pra tomar um chopinho por ali, mas tinha uma época que tu nem passava. Acho que no último sábado de cada mês tem aquele passeio a pé<sup>33</sup> pelo centro, eu já fui é muito legal. A gente saiu daquela Praça na frente do Capitólio e depois vem vindo, tem um que uma amiga minha fez na Igreja da Dores, ver os monumentos históricos é legal. Ali na Praça da Alfândega tem bastante né (camelôs e prostitutas), eu faço um curso no Margs às quartas-feiras das 4 às 6, saio quase de noite perto das 6, tu vê que o ambiente ali já muda. E eu acho que outra coisa que melhorou no Centro é os menores de rua, os pedintes. Eu me lembro que numa época que tu descia da lotação e era um assalto, as crianças, tu não vê as crianças pedindo como hoje nas sinaleiras, era no centro. Tá melhorando sim.

Tânia também relata positivamente as ações do Projeto Monumenta frente à zona central de Porto Alegre, ressaltando as melhorias ocorridas e as que ainda estão por vir.

Agora tá melhor a Rua da Praia, ela tá bem melhorada. Porque teve um tempo que não dava pra gente ir e agora e até essa história com o projeto Monumenta, tá bem melhorado. Agora com o projeto Monumenta é o grande mote que tá mudando né, que tá fazendo aquilo ali reviver e acho que o espaço cultural, com a casa de cultura Mário Quintana, ela trouxe um outro público né e ela trouxe também um jovem que não precisa ter dinheiro porque no momento que os espaços culturais são gratuitos eles abrem um leque de possibilidades, então eu acho que são modificações. (...) eu acho que a grande

---

<sup>33</sup> Ana Maria refere-se ao “Projeto Viva o Centro a Pé”.

melhoriação vai ser agora no fim do ano quando vai ficar pronto o camelódromo e que vai sair e que vai haver aquela limpeza em volta do Mercado.

A busca pela revalorização da zona central de Porto Alegre vem sendo não apenas objeto de discussão e empreendimento do poder público, mas também alvo de iniciativas privadas, como os setores imobiliários. O investimento massivo na higienização e revitalização do centro urbano torna-se manchete publicitária e propaganda governamental. Jornais como “Zero Hora” trazem em primeira capa do caderno Donna, do dia 13 de abril de 2008, a manchete: “É cool viver no centro”, mostrando a reapropriação dos segmentos médios a determinados espaços do Centro de Porto Alegre.

Assim, a filha de Tânia, oriunda de estratos médios, buscou um apartamento no centro de Porto Alegre para viver, sendo atual moradora da Rua da Praia. Tânia, apesar de ressaltar as dificuldades e os problemas do Centro de Porto Alegre, aprecia a decisão da filha, pois salienta que o espaço que a filha escolhera é distinto dos demais. Localizando-se próximo à Usina do Gasômetro, o edifício é tido tanto pela mãe como pela filha como um espaço de repouso e tranquilidade.

Tu sabe que o dia que ela se mudou ela se mudou num sábado e daí sábado ela dormiu e domingo quando ela acordou ela disse: “Mãe eu pensei que eu tinha morrido porque me deitei e quando eu me acordei era um monte de passarinhos, morri, morri e fui pro paraíso”. Risadas. “Tu não pode imaginar mãe, o que tem de passarinhos ali?”. Uma coisa assim maravilhosa e o apartamento dela é de fundo e os fundos dá pro colégio das Dores, então é aquele pátio imenso, aquelas árvores antigas, os passarinhos é uma coisa assim simplesmente fantástica. Então a gente diz né, às vezes eu falo com colegas minhas que dizem que odeiam o centro e eu já gostava do centro e agora no apartamento da Vanessa que é tão bom, tão bom, é um silêncio que eu aqui não tenho.

A própria Hiliana, que primeiramente assinala não perceber as mudanças na Rua da Praia, ressalta que os espaços que antes ela tinha como zonas de perigo hoje são para ela espaços familiares e de lazer.

Em muitas pessoas de idade que moravam, não ali no Gasômetro, pra cá na Rua da Praia mesmo, tá bem familiar ali né, pra lá do exército né. E eu sempre achei que ali era um perigo e não é o que eu pensava, eu acho que ficam mais mortas essas além da Caldas Junior do que... lá tem uma vida, lá a Prefeitura tinha que cuidar porque o pessoal usa lá, pode ver o pessoal fica na frente, criança brincando. Teve uma época, acho que faz uns 10 anos, que eu dei umas aulas no Senac, era do lado do Cacique e vinha de Ipanema, um dia eu resolvi que vinha a pé foi um horror...

Embora as medidas de higienização e revitalização do espaço público central sejam percebidas e em sua grande maioria aprovadas por partes destas *habitués* de outrora, não

significa dizer que necessariamente elas retornarão a ser *habitués* atuais, pois por mais que a cidade se altere, como diz Hílana, “as coisas nunca serão como antes”.

### **6.3. Do irremediável ao irredutível: estratégias de permanência no espaço urbano**

No caso dos *habitués* da Praça da Alfândega a tônica muda. A reprovação às ações do Projeto Monumenta são unânimes. O que é questionado não é a necessidade da preservação do patrimônio histórico, mas, antes disso, qual a concepção de “consciência de preservação” no uso do espaço público, ou seja, as medidas de “preservação” tomadas pelo poder público que visam restringir o espaço de determinados segmentos sociais por meio de cercados e políticas de higienização.

Geisel, artesão da Praça da Alfândega que trabalha lá há “20 e poucos anos”, como ele mesmo diz, dirige sua primeira pergunta a mim da forma mais desconfiada possível: “Tu é do Monumenta?”. Essa pergunta deixa claro que as ações desse Projeto tinham repercussões significativas no cotidiano da Praça da Alfândega e no exercício do ofício de artesão. Quando respondo negativamente a pergunta e tento explicar o que mais ou menos fazem os antropólogos, Geisel me interrompe acenando que o importante era eu não ser do Monumenta para que a conversa pudesse continuar e me conta do abaixo-assinado que os artesãos organizaram contra o projeto de retirada dos artesãos para o Camelódromo.

As investidas a campo com diálogos com Geisel sempre foram acompanhadas de minha amiga e também antropóloga Letícia Tedesco; ela já conhecia Geisel da Praça da Alfândega por conta de seu artesanato, sendo assim, ela intermediou a aproximação entre nós e se manteve durante os outros encontros, pois percebíamos que a relação de confiança e desabafo se mantinha por causa da presença dela, já que sua fala solta e descontraída se transformava em um discurso duro quando Letícia não estava presente.

Segundo Geisel, existe uma briga, um duelo de vaidades entre os agentes da Secretária Municipal da Produção, Indústria e Comércio (SMIC) e os agentes do Projeto Monumenta. Esta disputa de poder para o artesão se assemelha aos processos de Inquisição, onde mulheres eram queimadas como bruxas e artesãos expulsos como a escória da sociedade. Para ele é motivo de orgulho ser classificado como “irredutível” pelo capitão da Brigada Militar, responsável atualmente pelo controle da SMIC. Ser irredutível significa não “se dobrar”, não ceder, não ir

para o Camelódromo, não aceitar as propostas, expor-se ao risco de ser expulso a qualquer momento, mas manter-se na Praça, lugar onde se constituiu enquanto artesão.

Para Geisel, o Projeto Monumenta tem como ideal uma Rua da Praia do início do século, o que para ele é impossível de ser reproduzido. Ao comentar as fotos da Rua da Praia Antiga, ele relembra que havia “meia dúzia de árvores” e que hoje esta paisagem se transformou bruscamente. Atualmente, a Praça é lotada de árvores para todos os lados, o que torna os projetos inviáveis, tais como a criação de uma linha de bonde que passe pela região onde estão situadas as 78 bancas de artesãos, para que “algum turista eventual queira ir de lá até o gasômetro de bonde” como ele relata.

Dentre as tensões relatadas de uma possível retirada dos artesãos por parte do poder público, Geisel desvenda outra problemática que assinala as distinções entre artesãos e camelôs. Afirmando sua identidade de artesão, Geisel enfatiza seu trabalho manual em detrimento dos artigos “made in China”, como ele coloca. “O camelódromo é para camelôs, sou um artesão.”

Essa colocação do artesão destaca a Praça da Alfândega como um espaço destinado ao artesanato; enfatizar sua identidade de artesão frente a um espaço apropriado para a venda do produto manufaturado também é uma forma de defesa em relação ao poder público. A distinção entre camelôs e artesãos não é somente assinalada por Geisel, como também é ressaltada pelo poder público encarnado na SMIC. De acordo com Geisel, a SMIC aceita somente que os artesãos se mantenham no espaço da feira, mas na feira de artesanato houve um aumento massivo de camelôs, sendo assim, os comerciantes da Rua da Praia também viram alvo para migração ao camelódromo, fato que Geisel recusa e repudia.

Desiludido com a política nacional, Geisel afirma que “a política é a minha família”, confessa já ter sido de esquerda e que até preferiria a Maria do Rosário como prefeita, apenas por ela ser “menos pior” e pelo fato de a ofensiva por parte do PT àquele espaço ser menor.

Geisel enfatiza constantemente a diferença entre os artesãos e os camelôs, mostrando que a saída dos camelôs é ambígua: por um lado positiva, pois a estadia deles na Feira de Artesanato acaba por desmerecer o produto dos artesãos, já que o trabalho manual é mais caro que o industrializado. Por outro, negativa, pois a diminuição de pessoas na praça deixa os artesãos desmobilizados em contingente para enfrentar a SMIC.

A desvalorização do trabalho artesanal em detrimento ao “made in China” é um fato que incomoda Geisel; a Feira constitui um espaço de artesanato e não de venda de “camisinhas

musicais ou do que está na moda” como ele afirma, pois não apenas diminui o valor dos trabalhos realizados, como também aumenta o atrito com a própria SMIC na medida em que a instituição tem argumentos para mostrar que ali não há apenas a prática do artesanato.

Geisel coloca que o Sistema de governo é funcional, “é o que funciona o que importa o que não funciona está fora e não serve”, ou seja, se a venda de artesanato não funciona para o poder público, este buscará eliminá-la. Assim Geisel não se identifica mais com nenhum partido político, pois afirma que suas ações políticas cotidianas estão na luta para a manutenção de sua própria família: sua esposa e sua filha. Ele compara o centro de Porto Alegre às inúmeras capitais e metrópoles mundiais, como China e Nova Iorque, e afirma que a prática da venda nas ruas não irá desaparecer, pois são como “as baratas da cidade, não adianta querer exterminá-las”.

Versando sobre a sua estadia na praça, Geisel enfatiza o seu caráter “irredutível”. Contou-me de uma reunião com um “coronel” que comentava a necessidade da retirada dos feirantes do espaço da Praça e sua “mudança” para o Camelódromo. Geisel narra sua conversa com o coronel dizendo que ele perguntou ao comandante se ele era “burro” ou não se lembrava dos antigos tempos de luta em que tanto os artesãos quanto os policiais apanhavam e batiam uns nos outros cotidianamente quando a prática da venda do artesanato não estava “legalmente” nas ruas.

Geisel conta com orgulho que já foi “em cana” várias vezes e que a inauguração do Camelódromo ia gerar a volta deste “tempo ruim”, pois “tudo ia voltar a ser como era, porque não conseguimos este espaço à toa, foi muita briga”, desabafa o artesão. A medida do “coronel” foi chamá-lo de arrogante e tomar nota de seu nome como um dos que não sairia da Praça e estaria sujeito ao recolhimento de seu material por parte da SMIC.

A conversa foi sempre marcada pela informalidade e cercada de jocosidades. Dentre os vários assuntos, pude perceber uma rede muito intensa de amizades que se expandem além do espaço da Praça, com festas, churrascos, noitadas, bebedeiras...

Nice, apesar de não ser artesã, sensibiliza-se com a situação de seus amigos da Praça da Alfândega, colocando-se como aliada contra as ações do Projeto Monumenta.

É o Projeto Monumenta, que inclusive foi feito este camelódromo aí embaixo, pra lá na Praça da Alfândega, só vai ficar quem for artesão, que faz artesanato, né...de couro. O restante, todos eles vão vir aqui pra baixo. É todos vão pra ali, a gente brigou muito pra que eles não saíssem de lá, eu estive junto nessa briga, mas não adiantou. O Projeto Monumenta venceu. Eles sempre quiseram fechar a Praça da Alfândega e já teve várias coisas, sabe assim, que rolou nesses anos todos ali. Eles queriam cercar todinha a Praça da Alfândega e deixar acesso só em dois lugares a entrada e a saída, sabe. Pra que ninguém...pra acabar com a prostituição, com o tráfico de drogas, com usuários de drogas, enfim, tudo né. E a gente sempre brigou contra isso, até hoje eles não fizeram



isso né. O máximo que eles fizeram foi cercar os canterinhos né. No mais, eu não acredito que um dia eles consigam fazer isso, porque só na prostituição... a gente briga muito mesmo e os artesão, inclusive os artesão, por isso que a gente é unido com eles. Eles com nós, nós com eles. Porque é uma coisa histórica aquilo ali: a prostituição e os artesãos, questão do artesanato de couro né.

Quando indago sobre a situação das profissionais do sexo diante das ações do Projeto Monumenta, Nice ressalta que já houve inúmeras propostas de intervenções governamentais na Praça da Alfândega, inclusive a construção de um “putódromo”, afastado do centro da cidade, mas que devido às inúmeras lutas dessas profissionais, vários direitos já são respeitados e, se necessário, elas permanecerão reivindicando para assegurar seu direito de ir e vir.

É, já falaram que ia fazer bonde, colocar bonde, 500 coisas e é do Projeto Monumenta. Pode que agora quando ficar pronto o camelódromo que sair os que não são artesão, que estão ali no meio infiltrado, pode que depois que sair sei lá queiram mexer com a gente né, mas com nós eles não vão conseguir, não mexeram ainda mas se eles mexer com certeza, tem o NEP né. É o direito de ir e vir né, porque aquilo é uma praça pública né. O espaço público não tem que tá... eu uso muito isso aí sabe. Eu me agarro muito na questão de ser um local público e que a gente tem o direito de ir e vir, não é pelo fato de estar batalhando que tenha que sair dali.

Como nos coloca a antropóloga Clarice Peixoto, no cenário de modernidade marcado pela convivência cotidiana da riqueza e miséria, “a noção de cidadania quase não tem sentido, posto que as leis institucionais são feitas para não serem seguidas e as políticas econômicas, elaboradas por sucessivos governos, só acentuam o processo de empobrecimento da população” (Peixoto, 2000: 26). Tanto Geisel como Nice trazem em seu discurso o repúdio às ações políticas por entenderem-nas como elementos que dificultam a execução de seus trabalhos. Assim, a política deles é uma política voltada aos seus interesses pessoais, é a “política da família” para Geisel ou a “política da ONG” para Nice.

O Projeto Monumenta representa um inimigo maior para a população tão heterogênea da praça. A heterogeneidade escondeu-se em nome de um bem maior, que é ficar na praça, e ser da praça englobando todos os da praça, criando esta identidade e unindo momentaneamente as identidades atuais.

Nice afirma sua identidade “sou da Praça” com orgulho. O limite para ela entre a Rua da Praia e a Andradas não é nomenclatural nem temporal, ele é espacial. Para ela, a Rua da Praia é onde está o calçadão, a Praça da Alfândega; passando a esquina democrática é a Rua dos Andradas e lá estão outras profissionais do sexo.

Nice reivindica seu direito de estar na praça e afirma “que esta tal higienização é culpa do Projeto Monumenta, que busca retirar tudo o que eles acham que não presta dali, “mas nós profissionais do sexo conquistamos nossos direitos. “Não saio dali, só se for algemada e com imprensa, não saio”, confessa ela, energicamente.

Concordando com a narrativa de Nice, encontramos a de Roberto, participante da Associação da Feira da Rua da Praia, que também ressalta o Monumenta como um projeto que visa retirar os feirantes deste espaço urbano e transferi-los para outro espaço, o do Camelódromo. Roberto revela que a associação da qual é dirigente está com processo judicial em trâmite contra este projeto governamental de recuperação patrimonial.

Nos mostraram um bolo e vieram com outro, disseram que iam construir o camelódromo e íamos pra lá. Agora dizem que tem que tirar a gente dali, mas não dizem pra onde. Ao ressaltar sua indignação contra as ações do projeto, Roberto desabafa dizendo que muitas pessoas podem perder seu ganha pão e que parece que com isso o Estado não se preocupa...

Para Seu Armando, a revitalização também não é encarada com bons olhos, embora conserve sua visão nostálgica de um passado bem mais glamuroso, o engraxate não vê sentido em processos de revitalização, visto que o vandalismo já se alastrou de tal forma que a melhora de um espaço significa automaticamente a destruição do mesmo.

Aqui só restauraram pra pior. Porque olha aí ó, olha como é que tá isso aí, as pessoas passam por cima, porque não adianta ou bota grade alta ou ... e o pior é que esse vandalismo aí, quando eles vêm a coisa meio protegida é que eles querem destruir tudo.

A questão da revitalização do centro urbano colocada por Nice, Geisel, Roberto e Seu Armando traz à tona o conflito latente que é a disputa por uma paisagem, em um determinado espaço urbano, e esta disputa é pela existência e morte de determinados tipos de sociabilizações que, ao serem narradas, são revividas e perduradas.

#### **6.4. “Do impuro ao puro”<sup>34</sup>: reflexões acerca dos processos de revitalização urbana no centro de Porto Alegre.**

A entrevista com Maria Cláudia elucidava o processo dialético da construção da narrativa, como nos coloca Paul Ricoeur (1994). Maria Cláudia, como historiadora, colocava-se amplamente a favor da execução das ações do Projeto Monumenta, pois via a necessidade da revitalização do então chamado “Centro Histórico da cidade de Porto Alegre”. Admirada pela riqueza arquitetônica do centro, Maria Cláudia dizia ainda se fascinar com o passeio no seu bairro de moradia que é o centro de Porto Alegre.

A sujeira das ruas e o descaso com os prédios históricos levaram a estudante a defender a “memória” da cidade, em apoio forte às ações do Projeto, que buscam revitalizar e higienizar. Com o passar da entrevista e a partir do processo reflexivo da elaboração de uma narrativa, Maria Cláudia percebe-se refletindo fatos que ela não havia ainda levado em consideração. Ou seja, durante a conversa ela percebe que a mudança na paisagem geraria mudanças nos estilos de vida das pessoas que frequentam esta paisagem.

O que desejo aqui, não é esgotar a questão e, sim, refletir sobre a ambiguidade das representações acerca de um processo de revitalização, ou seja, trazer as duas faces, pois assim como as identidades não são rígidas e se alteram com o tempo, se transformam, o Projeto Monumenta também deve ser encarado como um processo cujas opiniões estão em processo e cada novo elemento reposiciona as pessoas.

Tal questão implica uma resistência eterna contra a morte das imagens nas quais habitamos, como nos diria Gaston Bachelard (1988). Para o caso deste estudo, é a luta contra a morte de paisagens constituintes do imaginário da cidade de Porto Alegre. Portanto, narrar os espaços é uma forma de mantê-los vivos, eternizados nas lembranças, constituintes e construtores desta memória coletiva que configura o social (Halbwachs, 2006).

Embora estas distintas sociabilidades (as atuais e de outrora) entrem em disputa por um mesmo espaço urbano em prol da constituição e conformação de determinada paisagem, estes grupos urbanos se relacionam e interagem “harmonicamente” dentro de uma sociação de conflito.

---

<sup>34</sup> Metáfora inspirada na obra “Pureza e Perigo” de Mary Douglas (1991) que coloca que as representações de sujeira e impureza estão imbricadas nas idéias de desordem e caos abarcando assim dimensões de perigo para a sociedade.

O conflito aqui se ancora na perspectiva de Simmel que pode estar vinculado a uma forma de sociação e, além disso, pode atuar como força integradora do grupo, pois “aquilo que a primeira vista parece desassociação, é na verdade uma de suas formas elementares de sociação.” (apud Moraes Filho, 1983: 128).

A proposta deste capítulo foi trabalhar com a hipótese de que estilos de vida diferenciados geram formas de sociabilidades distintas, as quais implicam diferentes apropriações do mesmo espaço urbano. Formas de sociabilidades estas que conformam paisagens diferentes de um mesmo espaço urbano, que se metamorfoseia com a passagem do tempo.

Ambas as paisagens, a de outrora e a atual, são negociadas e arrançadas, pois dentro do conflito das quais elas emergem são acomodadas nas lembranças e no cotidiano dos narradores que as habitam, pois, como ressalta Hiliana: “não adianta revitalizar, eu não volto mais lá, o que era não volta mais”.

Na frase de Hiliana, percebe-se que não são apenas os prédios históricos que conformavam a paisagem de outrora que busca ser resgatada pelas instituições patrimoniais. Sabiamente, Hiliana nos mostra que as sociações vivenciadas em uma Rua da Praia de 1960 davam forma àquela paisagem, ou seja, as formas de sociabilidade conformam certo espaço urbano, bem como este espaço conforma certa sociabilidade. A Rua da Praia permanece como o espaço do comércio e o espaço do lazer como era naquela Porto Alegre de 1960, embora regido nos dias de hoje por outra estética urbana, outro *habitus* e outra visão de mundo, ou seja, o espaço se “trans-forma” e por isso permanece.

Segundo Marshall Sahlins (2003), quanto mais as coisas mudam, mais elas permanecem e quanto mais elas permanecem, mais ela mudam. Esse movimento dialético é o que possibilita a continuidade. Com base na “Estrutura da Conjuntura”, o autor enfatiza que o que importa é o processo, pois as representações ocorrem na história, ou seja, as categorias e valores culturais são mobilizados segundo as “situações pragmáticas”, de forma que, utilizados historicamente, podem tanto reproduzir quanto transformar seus significados originais.

Se analisarmos os conflitos oriundos do processo de higienização e revitalização do centro urbano porto-alegrense, percebemos lógicas operadas distintamente. De um lado, o poder público busca preservar a memória da cidade por meio do tombamento e da revitalização de espaços públicos considerados cruciais na constituição e conformação da cidade de Porto Alegre, estabelecendo, assim, regras e normas de condutas de apropriação deste lugar mais condizentes

com um espaço monumental. De outro, a memória coletiva arraigada a este mesmo espaço urbano o concebe como um espaço de intensa sociabilidade, onde apropriações distintas podem emergir, sejam elas de ordem política, do lazer, do flerte, ou mesmo sociabilidades lúdicas. Porém a complexidade não se limita a dois lados de uma mesma moeda. Temos ainda nesta trama discursiva um terceiro elemento, o da memória coletiva da cotidianidade, a qual ressignifica este espaço por meio das práticas cotidianas exercidas diariamente pelos grupos sociais, conforme coloca Henri-Pierre Jeudy (1990).

Isso não significa dizer que essas lógicas são antagônicas, mas que o espaço urbano é concebido e planejado por meio de significados distintos, produzindo discursos conflitantes.

Conforme Henri-Pierre Jeudy:

A história não é mais apenas monumental; ela é ‘importante enquanto memória coletiva do passado, consciência crítica do presente e premissa operatória do futuro’. A memória coletiva da ‘cotidianidade’ foi valorizada pelo método sociológico das ‘histórias de vida’. Esse método, associado à démarche de uma etnologia regional, concorre para a quebra do círculo vicioso de uma obsessão pela conservação, reabilitando o papel fundamental do vivido nas transformações culturais. Se a constituição de um patrimônio reúne, na própria complexidade de sua realização, o trabalho sobre as ‘histórias de vida’ e a investigação etnológica, ela é ainda mais profundamente confrontada com seus próprios paradoxos. De fato, a equivalência metafórica entre ‘patrimônio’ e ‘memória coletiva’ permanece como algo a ser conquistado. O patrimônio não é o depósito da memória. Se se reduzisse a tal coisa, acabaria sendo um obstáculo aos movimentos da memória (Jeudy, 1990:13).

Nesse sentido, a luta contra o esquecimento dos espaços por parte do Estado Nação não necessariamente prioriza o “cotidiano”; isso não significa dizer que renegue a memória coletiva destes espaços vividos, mas que acena para um filtro que seleciona quais as memórias que devem ou não ser salvaguardadas.

Maurice Halbwachs (2006), ao contrapor memória histórica e memória coletiva, exalta a memória coletiva em detrimento da memória discursiva dos historiadores, pois, segundo o autor, a memória coletiva “não retém do passado senão o que está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém” (Halbwachs, 2006:102). Essa contraposição entre agentes do Estado e grupos sociais, o primeiro concebido como representante de uma memória histórica, e os outros, narradores da memória coletiva, elucida conflitos latentes que se referem a formas distintas de ordenar o tempo e conceber o espaço.

A memória histórica, embora ocupe a maior parte das memórias dos homens, por ser proferida cotidianamente mediante discursos oficiais que nos educam a pensar historicamente,

essa não se encontra no plano do afetual, na ordem do vivido, tornando-se muitas vezes apenas um discurso a ser proferido e não uma experiência a ser narrada.

A história, de acordo com Halbwachs (2006), proferida por agentes oficiais, situa-se “fora desses grupos (de onde advém a memória coletiva) e acima deles, não hesita em introduzir divisões simples na corrente dos fatos, cujo lugar está fixado de uma vez por todas” (Halbwachs, 2006:103).

A “memória coletiva” abarca uma relação com o lugar que é da ordem do sensível e do afetual, associada aos significados atribuídos ao lugar pelo grupo. A memória coletiva, diferentemente da memória histórica, não se propõe a generalizações e universalismos. Pelo contrário, ela resguarda singularidades oriundas de uma coletividade imersa em um tempo e espaço próprios. Estes “lugares de memória” (Halbwachs, 2006) onde se deposita a memória coletiva de um grupo são espaços sociais vividos que fazem as lembranças do grupo durar. Neste sentido, estes “lugares de memória” são disputados à medida que mais de um grupo retém memórias deste espaço e o conflito consiste em qual memória se tornará legitimada.

Michael Herzfeld (1991) nos mostra como o Estado Nação não apenas dita regras autoritariamente, mas que também se adapta aos atores sociais, assim como os atores sociais se adaptam a história. Herzfeld traz uma importante reflexão acerca da relação entre o Estado Nação e seus cidadãos. O conceito de “intimidade cultural” desenvolvido pelo autor demonstra a existência de uma barreira de proteção que grupos sociais formulam para zelar por seu espaço coletivo. A “intimidade cultural” são valores e códigos compartilhados internamente e que só são revelados quando já se faz parte desta intimidade, que se constrói nas relações cotidianas. Eis que o autor constrói um conceito crucial para pensar as relações dos grupos sociais com o Estado Nação. O conceito de “poética social” seria esta apresentação criativa do grupo social, que revela e oculta informações desta intimidade cultural de acordo com o contexto, esta apresentação é encarada por Herzfeld como uma performance dos grupos sociais que manejam o que deve ou não ser revelado sobre si, dependendo da platéia que os assistem.

A “poética social” é uma forma de agência que cria estratégias de ação e reação dos grupos sociais mediante as ações estatais. O Estado Nação, segundo Herzfeld (1997), teria a função de “despoetizar” a vida social. Herzfeld adverte que a “poética social” também é existente nas ações estatais, mas o Estado Nação busca apagar os rastros de sua própria criatividade, que é inerente à sua própria existência, criando assim essencialismos. Nesse sentido, o autor nos aponta

que a democracia não é sinônimo de maior tolerância, na medida em que em nome da igualdade apaga as diferenças sociais e culturais.

Esta criatividade, faculdade de reinvenção da ordem imposta pelo Estado, é manejada, segundo Michel de Certeau (2008), por meio de estratégias e táticas que ressignificam estas imposições, adequando-as à lógica do grupo, incorporando as “maneiras de fazer e de habitar” (De Certeau, 2008:92) a este espaço que aparentemente é regido por ordens inflexíveis.

Bernardo Lewgoy (1992) reflete acerca desse caráter dinâmico e processual das ações estatais encarnadas na dimensão patrimonial. O autor concebe o patrimônio como um sistema cultural que permite maleabilidade, ou seja, que não se aprisiona em determinismos irredutíveis, pois suas concepções se alteram dependendo das gestões que formulam suas regras ou mesmo pelo fato de possuir respaldo em determinados grupos sociais e não em outros. Dessa forma, o patrimônio possui um caráter de disponibilidade que significa dizer que as ações patrimoniais não estão “univocamente coladas a um grupo ou sujeito social específico, podendo ser manejadas por diferentes grupos em sentidos e contextos diferentes (Lewgoy, 1992:78).

Assim sendo, a dimensão processual das ações de um programa patrimonial faz emergir discursos distintos, de grupos sociais diferenciados, que podem se alterar à medida que essas ações vão tomando forma e se encaixando na “poética da vida social” como formas de afirmar ou mesmo suprimir identidades sociais.

A necessidade da incorporação desta “poética social” nas ações patrimoniais é trazida por Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha que, à luz dos conceitos de “duração” e “imaginário”, de Gaston Bachelard (1988) e de Gilbert Durand (2002), trazem a importância de aderirmos à noção de “tempo” e à rítmica da memória coletiva na vida cotidiana, nos contextos urbanos, para a formulação de políticas patrimoniais.

Sob este ângulo, o debate atual sobre uma política de preservação e de conservação de bens culturais para as modernas sociedades urbano-industriais deveria contemplar as estruturas espaciais da cidade como tributária de uma fantástica transcendental através da qual o homem ocidental tem operado o seu conhecimento do mundo social e cósmico. (Eckert e Rocha, 2008:04)

Gaston Bachelard (1989) já questionava o fato de espacializarmos o tempo; para o autor, a duração não consiste neste enquadramento espacial, pois a memória ultrapassa as dimensões espaciais. As memórias emergem sem a necessidade de estarem ancoradas no espaço concreto. A matéria da lembrança consiste em trazer o espaço para dentro de nós, ou seja, estes “lugares de

memória” (Halbwachs,2006) estão em nós, eles não nos limitam e muito menos nos constroem, pois estamos no “repouso” que o espaço nos confere. O desaparecimento da matéria não significa a morte do espaço, pois este dura por meio da imaginação criadora (Bachelard, 1988). O espaço da Rua da Praia é revivido nas narrativas destas senhoras, *habitués* de outrora, por mais que o espaço tenha se modificado. Suas lembranças habitam este lugar afetual por meio das imagens que emanam desses sujeitos quando revisitam pela imaginação esse lugar de repouso.

Assim, Gilbert Durand segue seu mestre Gaston Bachelard e recusa a idolatria da história; conforme o autor, “não se trata de negar as filosofias evolucionistas, mas ver nelas apenas um estilo possível de imagem” (Durand, 1995:50). Assim, os projetos patrimoniais surgem para construir uma imagem e não esta pluralidade, esta “constelação de imagens” (Durand, 2002) que estes “lugares de memória” (Halbwachs,2006) congregam.

Pensar o “Imaginário” (Durand, 2002) é romper com esta dimensão unilateral, histórica e positivista que propõe uma única imagem possível. É conceber que a “história” pode ser narrada por um conjunto de imagens que se relacionam ora harmônica, ora conflituosamente. Eis aqui o papel fundamental da imagem, pois é no Imaginário, aonde se vêm encontrar todas as criações do pensamento humano. Segundo o autor, o imaginário é esse trajeto antropológico, ou seja, uma “incessante troca entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social” (Durand, 2002:41).

Nesse sentido, o conceito de trajeto antropológico (Durand, 2002) que emerge na obra durandiana está como um vir a ser, o ser humano que se desdobra no tempo enquanto o mundo também se desdobra. Este arranjo entre o homem da Tradição e o mundo é dado através de constelações de imagens que por vezes convergem e por outras disputam em busca de uma “vibração feliz” (Bachelard, 1988:09).

Assim, esta pesquisa se ancorou na etnografia da duração proposta por Eckert e Rocha, que prevê o “tratamento da memória como conhecimento de si e do mundo” (2005:154) através das narrativas dos interlocutores da pesquisa. Ao narrarem seu cotidiano, esses sujeitos permanecem no espaço e fazem com que o espaço permaneça na matéria da lembrança, ultrapassando, dessa forma, o esquecimento e a morte da matéria.



## Capítulo 7

### No ritmo do tempo, a intriga da mudança e o projeto de continuar

**Eu e meu bairro**

# Vive-se bem no Centro

**FABIANA ALVES COELHO\***

Quando me perguntam onde eu moro, logo respondo: "no Centro". Mas deixo sempre bem explicado que não é no tumulto da Esquina Democrática, e sim num lindo recanto da Fernando Machado. Uma rua cheia de encantos e mistérios, afinal, é a nossa tão conhecida Rua do Arvoredo, e também é perto do famoso Cástelinho. Uma lenda viva da cidade.

As pessoas acham que quem mora no Centro não tem o mesmo sossego de quem mora em um bairro afastado. Enganam-se. Nada é mais prazeroso do que sair de manhã cedo e respirar a brisa do Guaíba, fazer um exercício no Gasômetro ou talvez no Parque Maurício Sirotsky Sobrinho ou de repente ir caminhando até o Parque Marinha Brasil. Por que não?

Do Centro, é possível ir a pé a diversos lugares típicos de Porto Alegre. Eu, por exemplo, posso começar pela Rua dos Andradas e ir caminhando até a Casa de Cultura Mario Quintana. Se eu não quiser entrar no burburinho do Centro, subo a rua e em seguida encontro o Teatro São Pedro, a Praça da Matriz, a Catedral

*Metropolitana e retorno pela Rua Duque de Caxias, que também tem seus encantos.*

No Centro, vive-se bem, temos o que queremos bem perto, e, quando precisamos sair, é perto da badalação do bairro Cidade Baixa, do Shopping Praia de Belas etc. Se quisermos ir um pouco mais longe, é fácil. Pega-se um ônibus ou um carro, e um bom passeio está garantido.

A vida no Centro é simples. Pode não ter mais o glamour de antigamente, mas o charme do pôr-do-sol do Guaíba continua. É só se animar, pegar o chimarrão e sentar-se ao lado da Usina do Gasômetro. O resto, os bons gaúchos já sabem. É só apreciar.

**Nada é mais prazeroso do que sair de manhã e respirar a brisa do Guaíba**



ARQUIVO PESSOAL

\* Bibliotecária, moradora da Rua Fernando Machado

Envie um texto sobre a sua relação com o bairro, com foto, nome completo, endereço e telefone para [centro@zerohora.com.br](mailto:centro@zerohora.com.br)

#### Camelódromo aéreo paira como um espelho

Rodrigo Alvares

Leia como Porto Alegre livrou-se dos camelôs legalizando o banditismo desenfreado e ainda assim não vai limpar o centro da cidade. Na real, vai ficar pior. Mesmo assim, qualquer pessoa com o Tico e o Teco funcionando sabe que essa monstruosidade só vai servir para legitimar a sonegação de impostos, para ficar em algo leve.

Mais uma vez, a capital do Bovinão mostra toda a sua criatividade para solucionar problemas. Foi assim com o **Tri** - um bilhete único em pele de euro -, uma verdadeira engambelação para o bolso das pessoas. É uma vergonha que São Paulo tenha conseguido instituir o cartão e uma cidade como Porto Alegre não consiga resolver o problema do transporte público. Talvez seja a influência da máfia que impera no setor.

Aí anunciam a construção de um **camelódromo aéreo**. Fale isso em voz alta, porque o teu imposto pagou por essa biboca para que o banditismo continue tocando o horror no centro. Em São Paulo, a prefeitura fechou esses lugares na avenida Paulista e na rua 25 de Março. O que não é pouco.

Nem vou me dar ao trabalho de copiar todo o texto da ZH, porque esse fiasco deveria ficar restrito à província:

#### "Estreia com produtos que são proibidos"

Enquanto o secretário municipal de Produção, Indústria e Comércio (Smic), Idenir Cecchin, visitava o Centro Popular de Compras, uma equipe da RBS TV. Camisetas falsificadas de diversas marcas flagrava a venda de produtos piratas e contrabandeados nas bancas famosas estavam expostas sem constrangimento.

– Original, só na loja. Daí a gente vende a réplica – explicou uma camelô, que pedia R\$ 30 por uma camisa Lacoste.

“Adoraria ver o Poeta caminhar do seu gabinete até esse lugar sem ser assaltado”

Texto extraído do site <http://www.novacorja.org/?p=4870>

### 7.1. Uma capital glamourosa à beira de um ataque de nervos

A principal rua do centro de Porto Alegre, caracterizada pelo calçadão e deslocamento privilegiado de pedestres, não escapa de uma narrativa marcada pelo medo da violência, dos assaltos ou até mesmo dos empurrões ocorridos no ir e vir da multidão. Esses “medos” que assolam as grandes cidades brasileiras na contemporaneidade são percebidos como ponto de convergência nas narrativas das senhoras entrevistadas, ou seja, as *habitués* de outrora, quando estas explicam a razão de “abandonarem” o centro da Capital, apontando assim as motivações que as levaram a não frequentar mais o espaço de lazer de antigamente.

Apoiada nos estudos fenomenológicos de Alfred Schutz (1979) acerca das experiências cotidianas que regem direções e ações por meio das quais os indivíduos lidam com seus interesses e negócios com base em num estoque de conhecimento, percebe-se que só se entende os motivos, as motivações, em retrospectiva, em um processo de reflexão. Neste sentido, busco compreender as motivações que engendram a apropriação, bem como o abandono do espaço urbano Rua da Praia e o significado deste território na constituição da identidade de seus *habitués* atuais e de outrora.

A Rua da Praia, que antes propiciava desfiles de moda e passeios a passos lentos, transformou-se. Hoje ela exige passos e reflexos rápidos, marcados pelo movimento constante e fluxo contínuo de pedestres. Esquivar, desviar e esbarrar são verbos que fazem parte do cotidiano desta rua, pois ou seguimos esse fluxo ou somos “engolidos por ele”. A multidão é sinônima de anonimato, reflexo das cidades modernas, como lembra Georg Simmel (1985). Em um espaço onde os rostos se mesclam, em um formigueiro humano que se faz, desfaz e refaz muito rapidamente, eventos como pequenos furtos são corriqueiros.

Ursel, ao refletir sobre a atualidade do centro de Porto Alegre, elabora concomitantemente suas limitações físicas (ocorridas por conta de um acidente automobilístico quando ela tinha 30 anos de idade e agravadas pela idade avançada) que tornam o caminhar em meio à multidão uma espécie de “sacrifício” não-compensatório.

Faz muitos anos que eu não vou, não tem mais a graça que tinha. Se tu caminha o pessoal te empurra. Eu caminho com uma bengala, eu tenho medo que me derrubem, eu passo de caminhonete, o Mont Serrat, Iapi ou Auxiliadora e quando eu vejo um pouco da Rua da Praia, eu fico horrorizada. Só dá celular...eu não tenho celular, só dá lojas de celular. Não tem mais uma loja que tu fique na frente da vitrine olhando (...) Eu não me lembro se já fui de muleta ou não, eu não tenho mais ido pro centro, porque o que eu vou fazer lá no centro? Qualquer lugar derrubam a gente.

Para Seu Armando, a Rua da Praia não se caracteriza como um espaço de repúdio, até porque, enquanto engraxate da Praça da Alfândega, sua relação com o espaço passa pela esfera do trabalho. Porém ele desabafa em uma de nossas conversas que a Rua da Praia atualmente mudara drasticamente a sua paisagem, sendo hoje um espaço degradado, cujos *habitués* atuais caracterizam certo perigo para a população que não frequenta este espaço.

Seu Armando: No tempo que todo dia tinha baile ali no Clube do Comércio as pessoas vinham, os casais tinham uma criança, duas, deixavam as crianças com a gente. E as crianças iam se balançar ali... olha agora, só os vagabundo lá. E criança 3, 4, 5 anos. Sentadinhos.

Alceu: Esperando os véios dançar.

Seu Armando: Era todo dia das 4 até as 6 horas.

Alceu: No clube do comércio, botou uma creche. Ah tá, tá quase na hora, vem, vem. E esperavam os pais chegar, agora não dá mais”.

Eu: Agora não dá pra deixar na praça?

Seu Armando: Não, só tem vagabundo, prostituta. Tudo queimando maconha, tudo.

Seu Armando não abandonara a Rua da Praia, muito menos sua querida Praça da Alfândega, mas trabalhando nesse espaço há mais de 40 anos, reflete sobre o aumento da violência urbana, fato este que ele atribui ao excessivo uso de drogas nos dias atuais. Seu Armando narra nostalgicamente os áureos tempos quando conseguia ganhar muito mais com a mesma profissão, seja porque a maioria dos homens usava sapato, seja porque os bancos abriam aos sábados, o que aumentava em um dia sua semana profissional e assim o seu lucro. Aquele espaço não apresentava risco e conseqüentemente não afugentava sua freguesia.

## **7.2. Cultura do medo**

A atual Rua da Praia para Seu Armando é um território marcado pelo uso de drogas, como por exemplo, o excesso de bebida alcoólica, craque, maconha, “cheirinho”. Os “tóxicos”, como coloca o engraxate, foram a causa da degradação da sua tão bela Praça da Alfândega. O vandalismo, segundo ele, tomou conta de um espaço que antes era de lazer. Seu Armando relembra o início deste processo, que ele entende como degradação:

Aqui era 15 de cadeira e lá do outro lado 18 cadeira. Daí conforme veio o vandalismo, no tempo do Pirata. De uma hora pra outra a Smic foi lá e tirou, ficou só seis cadeiras, três lá e três lá. Começaram beber e tóxico, aí recolheram.

O uso dos “tóxicos” não apenas indica o início de um tempo marcado pelo vandalismo como também simboliza o fim de muitos amigos de Seu Armando. Isso não significa dizer que não se bebia nem se usava drogas nas décadas de 50, 60 e 70, mas hoje em dia, segundo ele, o uso é desmedido, exacerbado, todos os dias e toda hora e por quase todos os que pertencem ao espaço da praça.

Por isso que a maior parte dos antigos são donos, Seu Jerônimo, falecido também, o lá da frente, o da segunda cadeira. Daí retiraram. Ficou muito tempo parada, primeiro foi o dono da cadeira, muito tempo aí, o Doce, daí o Doce faleceu, daí veio o enteado dele o Pedro Ivo trabalhar aqui também. Bebida né, cachaça, quando chegava na hora da comida botava tudo fora pros passarinhos ali. Um dia ele chegou, veio trabalhar quando deu 11h foi embora. “Vai fechar” Vou. A família chegou em casa tava morto.

A depredação do espaço público é objeto de queixa de Seu Armando, que lembra a antiga ordenação do espaço, a existência de bebedores, os canteiros, o que com pesar ele lamenta não existir mais. Hoje para beber água Seu Armando vai com sua garrafinha até o banheiro público para enchê-la, prática que o leva a irritação, pois segundo ele, foi o vandalismo que fez o poder público retirar os bebedouros do espaço da Praça da Alfândega, vandalismo este orientado pelo uso e pelo comércio dos tóxicos no próprio espaço da praça.

O vandalismo e o uso de drogas a que Seu Armando se refere são fatores que afastam as *habitués* de outrora da Rua da Praia. O medo que faz com que as senhoras entrevistadas não frequentem mais o centro é o mesmo medo que espanta os clientes de Seu Armando. Quando ele relata que a antiga possibilidade de deixar crianças sob seu cuidado nos momentos de baile no Clube do Comércio fora destruída, pois o espaço da praça não mais se caracteriza pela existência de uma sociabilidade infantil, mostra a expressiva mudança de estilos de vidas que hoje são compartilhados nesse espaço.

A alternância do estilo de vida pautado em valores da classe média para o estilo de vida que tem como base a “marginalidade” (no sentido de estar à margem da sociedade) é o motivo de algumas dessas senhoras (*habitués* de outrora) não mais frequentarem a Rua da Praia. Para Seu Armando, esta modificação de atores sociais marca um processo de desvalorização de seu trabalho enquanto engraxate, ou seja, na medida em que a praça é objeto de desvalorização por parte de segmentos médios, o trabalho de Seu Armando também o é.

Rosa, ao relatar a Rua da Praia por ela vivenciada na década de 50, ressalta seu papel de “mãe”, pois levar os filhos à Praça da Alfândega para brincar com outras crianças enquanto ela conversava com suas vizinhas era seu principal lazer. Cotidianamente Rosa saía de sua casa na

Rua Duque de Caxias para um passeio com os filhos na Praça da Alfândega. Comer pipocas, algodão doce e ir aos cinemas eram o que tinha de mais agradável para se fazer em Porto Alegre. Rosa, ao contrário da maioria das outras entrevistadas, relata que ainda gosta de frequentar a Rua da Praia, pois mesmo com uma paisagem que se transformou e relações que se deterioraram, ela consegue restaurar os “pontos de amarração” apoiando as reminiscências do passado na rotina cotidiana.

O centro ainda se configura como um lugar de repouso para Rosa, que confessa não saber explicar o que realmente sente pela cidade que ela adotou como sua. Uma frase emblemática é colocada no final de uma entrevista com Rosa: “A Rua da Praia está em mim”, diz ela ao explicar que nunca traduziria em palavras o enorme prazer que era estar com seus filhos, vê-los brincar, correr e pular livremente na Praça da Alfândega.

Para Hílina, mais jovem que Rosa, estar com os filhos na Rua da Praia significa terror e medo. Na sua perspectiva, a mudança da paisagem do centro também transforma seus sentimentos. Sua juventude foi marcada por um prazer imenso de transitar nesse espaço, mas esse prazer desapareceu na infância de seus filhos.

Uma vez eu vim do centro com meus filhos, daquela esquina da Salgado Filho até a Borges era um pavor, de noite tu não te atreves ali, a entrar, não dá pra caminhar. E era só aqueles sabões saindo por debaixo das portas e os camelôs, tudo escuro e troço tudo no escuro, eu tenho medo e acho bom que passe lotação porque viviam assaltando, aquela esquina ali da Dr. Flores com a Rua da Praia podiam botar um guarda ali porque sempre tão assaltando.

A transformação da zona central de Porto Alegre traz para estas entrevistadas a imagem do perigo, da depredação, do abandono. Rosa, por mais que ainda adore as idas ao centro, confessa não se encorajar a um passeio noturno na Rua da Praia.

Ah, mudou, mudou. Já digo porque... Antes você podia caminhar bem descansada, a rua toda livre, não tinha tomada a calçada, não tinham aquelas pessoas que ficam pedindo esmola ou ficam pela rua. Não digo tanto dos vendedores né, porque tá, cada um trabalha como pode, mas mesmo assim é uma coisa que já ficou muito feia, inclusive a Praça é quase toda tomada né, pelos vendedores de artesanato. Mudou bastante... Além dizem, eu nunca vi, que há muitos anos que tem drogas, tem prostituição, essas coisas. Então deve ser horrível de noite isso aí né. Daí já não dá pra passear, a gente.

Essas imagens do medo, do perigo, do feio, atribuídas à Rua da Praia são vinculadas por Tânia com as imagens do abandono e do descaso por parte do poder público.

Então tu vê né, ela se modificou, se modificou a Rua da Praia porque quando começou...tinha uma época que a gente não podia ir né, ela ficou perigosa, ficou perigosa, ficou muito feia, ficou muito suja, ela ficou literalmente abandonada.

Esta cidade perigosa, amedrontadora e que estipula horários para os caminhantes, trazida nas narrativas, é uma outra cidade vista as olhos dessas habitantes. Uma Porto Alegre na qual estas senhoras reinterpretem o viver, alterando assim suas práticas cotidianas e repudiando por vezes fatores que, acreditam elas, levaram-nas a abandonar um espaço querido.

### **7.3. Como interpretar as mudanças**

Alfred Schutz (1979) revela, que a importância do significado é dada pela experiência passada que a pessoa possui sobre um fato. Isso faz com que o significado das ações seja dado em consonância com as suas experiências anteriores, sendo a experiência passada significativa na compreensão da ação presente e do projeto futuro. Isso significa dizer que a experiência de um fenômeno como o comportamento sempre é analisável depois do ocorrido e não no interior do momento em que ele ocorre. A compreensão, desta forma, parte sempre do passado, e é sempre reflexiva.

O “significado” das experiências, então, não é mais do que o código de interpretação que as vê como comportamento. Assim, também no caso do comportamento, somente o que já está feito, terminado, tem significado. A experiência pré-fenomenal da atividade, portanto, não tem significado. “Só a experiência percebida reflexivamente na forma de atividade espontânea tem significado. (...) é no tempo interior, ou na *durée*, que nossas experiências atuais são ligadas ao passado por meio de lembranças e retenções e ao futuro por meio de pretensões e antecipações.” (Schutz, 1979: 69).

As ações humanas só são compreensíveis se encontrarmos nelas motivações, e, dessa forma, a pesquisa buscou investigar quais os “motivos” que levaram os sujeitos entrevistados a fazerem, permanecerem ou abandonarem tal espaço, como também buscou compreender as motivações subjetivas por meio do processo reflexivo do ato de narrar suas experiências vividas.

Hiliana nostalgicamente relembra seus quinze anos, quando morava na Rua General Câmara, conhecida também como Rua da Ladeira, e passava de duas a três horas se arrumando em casa para praticar o *footing*, ou seja, para caminhar por três ou quatro quadras da Rua da Praia para olhar vitrines, encontrar amigos, flertar com os moços da sociedade, desfilar sob a passarela encantada da mais famosa rua da cidade de Porto Alegre.

Na narrativa de Hiliana, percebe-se que no momento em que ela narra a Rua da Praia da década de 60 como a *Belle Époque*, narra também o seu repúdio à forma atual de apropriação deste espaço urbano e às formas de sociabilidade que figuram nos dias de hoje nesta rua:

Mas que era *belle époque* era, eu só não entendo onde estavam estes bolsões de miséria. Eu não sei, eu não entendo nada disso, não adianta buscar o que era, porque é claro que não vai vir nunca mais né, mas eu acho que dava pra... se tirar aquele calçadão já ganhou o prêmio, eu acho que descaracteriza muito. Aqueles camelôs aqueles que estão na Praça da Alfândega, se eles são camelôs eles não podem ir pro camelódromo? Porque daí trazem o filho, daí trazem a cozinha, daí botam a lona, daí botam não sei o que ...puxa nós temos umas praças tão bonitas, tipo a Praça Garibaldi.

Décia, mesmo sem conhecer Hiliana, comunga com seu ponto de vista apontando para a não existência das pessoas de baixo poder aquisitivo circulando na Rua da Praia no período em que ela a frequentava assiduamente esta rua, ou seja, nas décadas de 40 e 50.

É difícil, naquela época a periferia não vinha pro centro. É, e hoje não saem do centro. Então o povo outro se retirou né, porque se ainda fosse pessoas instruídas, comportadas, educadas não teria problemas, o problema é que tu está perigando de ser assaltada, de ser machucada, porque tu não consegue distinguir o bom do mal, tu não consegue distinguir, tu tá sempre suspeita de todo mundo né .

A narrativa que segue não difere das anteriormente colocadas. Tânia, assim como Décia e Hiliana, reflete sobre o não-lugar da pobreza na Rua da Praia, em seus tempos de juventude, na década de 60.

São as fronteiras invisíveis. E facilidade das coisas né, realmente é um espaço que oportuniza. Não é outra coisa né. É um espaço que mudou completamente com o tempo. Eu nasci em Porto Alegre, eu tenho 63 anos, eu me lembro que no domingo meu pai dizia “Vamos passear na Rua da Praia” e a gente se arrumava: o melhor vestido, a gente ia passear para ver a vitrines, para ver as vitrines, era um local assim...socialmente muito bom né. Quem morava no centro antigamente era os ricos, era rico era classe AA pra morar no centro que é um espaço nobre né. Então quer dizer o povo, o povão nem ia a Rua da Praia.

A apropriação do centro urbano porto-alegrense pelas classes populares sem dúvida foi uma das motivações que levaram essas senhoras a não mais frequentarem a Rua da Praia, já que seus estilos de vida não condizem mais com a nova apropriação do espaço e com a paisagem que se modificou drasticamente.

Tânia faz questão de ressaltar que não é apenas a pobreza o fator que leva à degradação do espaço público, mas que o comportamento e as condições dos pobres também alteraram conjuntamente o espaço. Refletindo sobre o lugar da pobreza na sua antiga Rua da Praia, ela

encontra os comerciantes, os engraxates, o entregador de coisas, o pipoqueiro, as atendentes das confeitarias, enfim, todas as pessoas que trabalhavam na Rua da Praia oriundas de camadas populares, porém pessoas “muito educadas”. Segundo ela, existia uma “aura” nos pobres de antigamente: ser educado e ser prestativo eram qualidades da sociedade e isso independentemente de ser rico ou de ser pobre. Para Tânia, existia uma sociedade muito mais justa, sem a exploração que existe hoje. A ganância não fazia parte do cotidiano, e o filho de um homem de posses não era criado para ser um “boyzinho”.

Estudava, tinha que estudar, tinha que trabalhar, quanto mais cedo começasse a trabalhar no local da família era importante. As mulheres se preparando para casar, então era uma mulher que era muito recatada, muito vigiada, tudo era muito proibido pra mulher porque a mulher não podia andar sozinha, tinha uma série de coisas, mas era uma pessoa que não era, por exemplo, eu tinha, por exemplo, colegas no Glória gurias de famílias muito ricas e que a gente convivia e tal, pessoas assim que tinham mordomo na casa, elas eram exatamente igual à gente, não era como hoje em dia essas gurias patricinhas. Não! Elas tinham que estudar, elas tinham horários, elas não saiam de casa, era uma outra estrutura familiar, era um outro conceito familiar e era um outro conjunto de normas que a sociedade fazia que não era tão diferenciado por categorias sociais. A categoria social mais se via na posse da família, mas não com relação aos filhos, os filhos não tinham esta história de hoje em dia que pra ser riquinho não pode fazer isso, não pode fazer aquilo, mas que tudo pode. Então a sociedade...era uma coisa melhor, era uma coisa muito melhor e outra coisa né, junto com tudo isso existia segurança (...) Não era essa injustiça, tinha empregos, eles (os pobres) trabalhavam, eles comiam, e as próprias vilas não eram vilas, eram casinhas de madeira direitinha, era uma outra dinâmica de vida, eu sempre dizia pros meus alunos: vocês não sabem como era bom, como era justa a sociedade, e outra coisa não tinha esta disparidade que tem hoje, do não ter nada e do ter muito.

Na visão de Tânia, a cidade transformou-se, bem como a sociedade que nela habita. A desigualdade social e econômica evidencia-se de forma gritante nos dias de hoje. Isso toma força na narrativa desta interlocutora à medida que se torna mais um novo elemento do urbano a ser assimilado. A questão da injustiça social é por ela enfatizada como um fator que leva “os pobres” de hoje a praticarem esta “marginalidade” que causa medo e temor para essas *habitúes* de outrora.



#### 7.4. No meu tempo...

Relato não muito diferente desse é desenvolvido por Dante Camaratta, meu avô. Em sua voz ele traz uma Rua da Praia marcada pela efervescência política, como palco de descoberta do que acontecia dentro da cidade, do país e no mundo. As informações políticas nacionais e mundiais, segundo ele, eram recebidas e distribuídas no espaço da Rua da Praia e sociabilizadas por estudantes de classe média intelectualizados, que aguardavam notícias da segunda Guerra Mundial enquanto engraxavam seus sapatos elegantes e flertavam com as belas meninas que praticavam o *footing*. Em seu relato, os cafés da Rua da Praia também ganham espaço bem como os do Mercado Público.

Tanto as sociabilidades quanto a paisagem se transformaram, se metamorfosearam em sociabilidades e paisagens conflitivas. Conforme Simmel, não é apenas a um olhar ingênuo sobre coisas sobrepostas que conforma a paisagem, antes pelo contrário, é a delimitação e a conceituação deste olhar que retira da natureza um recorte, transformando uma forma em paisagem. Pelo termo natureza, o autor entende “a cadeia sem fim das coisas, o nascimento e o aniquilamento ininterruptos das formas, a unidade fluida do vir-a-ser, exprimindo-se através da continuidade da existência espacial e temporal” (Simmel, 1996:16).

Assim, o autor auxilia-me a pensar esse jogo entre formas de narrativas e configuração de paisagem, a problematização entre o tempo vivido e o narrado, como diria Paul Ricoeur (1994). Este autor, ao colocar que o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado em um modo narrativo, levanta a questão relacionada ao exercício da narração como uma luta de permanência.

Encontramos na fala de uma moradora do Bairro Menino Deus esta dimensão conflitual e ambígua do vivenciar o espaço central da cidade de Porto Alegre, espaço este que se metamorfoseou na passagem do tempo. Vera narra em uma caminhada histórica e cultural promovida pelo “Programa Viva o Centro a Pé” seu ponto de vista acerca do centro. Suas impressões se dão em dois sentidos: em um, destaca a beleza patrimonial do centro da cidade, com uma interjeição:

Nossa, como é bom ser turista da própria cidade!!! Não conhecia esta beleza, vivo em casa durmo até meio dia, nunca saio.

outro sentido, antagônico ao primeiro, ela narra seu desprezo a respeito deste espaço, quando uma senhora começa a conversar conosco e se apresenta como moradora do centro. A reação da moradora do Menino Deus é de repulsa: “Nossa, mas não é horrível morar aqui?! O Centro é a escória, nele estão os camelôs que são ex-presidiários, eles sugam as nossas energias. Se tu deixares, eles te passam a perna”, afirma ela. Quando pergunto o porquê de seu passeio no tão desprezado centro de Porto Alegre, ela reafirma: “Para passeio, como turista, oras...”.

Esta ambiguidade entre a beleza do centro histórico e a sujeira do centro é trazida por Michele, quando relembra a imensidade de ratos, baratas e morcegos que fazem do centro um espaço “sujo”. Ela reflete que embora a estética do antigo traga para a zona central certo glamour (por revelar as histórias vividas na cidade por meio das marcas arquitetônicas), é a própria “velhice” do centro agregada ao descuido, como a existência de antigos encanamentos, misturada a fato da grande produção de lixo orgânico, que gera a presença desses “inquilinos” tão desagradáveis, corroborando o discurso de que o centro é sujo e impuro.

Maria Cláudia, que diz adorar o centro e não abdicar de forma alguma de ser uma moradora do bairro centro, confessa que mesmo que saia da casa dos pais continuará a morar nesta zona. Buscando compreender o motivo que leva as pessoas de classe média a repudiar este espaço que para ela é um lugar de afeição, uma de suas constatações de Michele, vai neste sentido:

Acho que a questão da revitalização ela vai... Porque querendo ou não, bom... Tem gente que não gosta de prédio velho mesmo e o centro é sujo, tem isso o centro é antigo, é sujo, acho que tem esse lado, mas eu acho que o público que está no centro influência muito também, né, acho que é os dois, os dois fazem com que as pessoas não gostem.

O espaço urbano permanece e se “trans-forma”, dando lugar a outras sociabilidades. Não há mais a estética dos sapatos de couro e das discussões político-intelectuais das camadas médias e altas da cidade de Porto Alegre. Nos bancos da praça, a política permanece sob nova forma. A discussão é de uma classe popular que clama por seus direitos. É o grupo da Praça da Alfândega que reclama da falta de remédios no Posto de Saúde Santa Marta, o vendedor de cafezinhos que briga com a Smic para que possa vender durante a Feira do Livro e a luta das prostitutas pela permanência neste espaço cotidianamente, até mesmo em eventos como a Feira do Livro.

### 7.5. Do *footing* ao *shopping*

O que se percebe não apenas nos relatos das entrevistadas que denominei *habitués* de outrora, mas também nas caminhadas que realizei pela Rua da Praia, é o esvaziamento do centro enquanto um espaço que representa o bom comércio, e consultórios de bons médicos.

As lojas renomadas deslocaram-se da zona central para bairros que hoje são classificados como bairros de “elite”, como os bairros Moinhos de Vento e Bela Vista, ou mesmo para os shoppings. O que antes se encontrava em apenas uma rua se expande para centros especializados de compra. O Centro da cidade deixa em algum sentido de ser central, pois desloca alguns de seus atributos para zonas cujos segmentos médios se identificam atualmente.

Isso aconteceu em Curitiba, em São Paulo, os centros vão se deslocando, fica só o Centro Comercial. Mas eu imagino a Rua da Praia com mesinha na calçada, pelo menos numa quadra, ali da Ladeira até a Marechal, já tem a Galeria Chaves que é uma bela âncora, pra ter um barzinho lá no fundo, adoro calçada. Que gozado as poucas vezes que eu fui no Mario Quintana também ali eu achei interessante, entre a Mario Quintana e a Caldas Junior tem um barzinhos que tem mesinha na calçada e tu vê velhos conversando, tomando cerveja, ou pessoas da minha idade também, claro que de tarde, a gurizada tá trabalhando, mas mais de tardezinha, aquilo ali eu acho muito bacana. Eu vou lá compra entrada, daí eu vou esperar, vou lá tomo um cafezinho, fumo um cigarro na calçada. É isso ali que se espera né. Que aconteça em pelo menos uma quadra da Rua da Praia, se pegar aquele trechinho ali, por exemplo, já tem a Galeria. Porque o que ela se tornou foi realmente um antro né, nunca vi tanto mendigo, pelo amor de Deus!

Décia concorda com a opinião de Hílana. Ambas refletem o deslocamento dos médicos e das “boas lojas”. Segundo Décia, atualmente se encontra no centro outros produtos, mercadorias que não atraem as pessoas que buscam comprar bons produtos, pois a mercadoria vendida na zona central é a mercadoria das “casas populares”, como ela se refere, de preços baixos e qualidade duvidosa. Isso não significa dizer que não existe a necessidade de comércio no centro, pois esta zona é marcada pela diversidade e simplicidade.

Se tu quiseres um artigo um pouco melhor pra se vestir, um pouco melhor tu já não encontra mais ali, tem que procurar nos novos centros, que são... Nos shoppings onde tem as casas melhores que não é das melhores também, mas é bem melhor. A vida é essa, mudanças, mudanças.

O deslocamento da zona central para os bairros de classe média, que as entrevistadas apontam, está intimamente relacionado à apropriação da zona central por parte das camadas populares, visto que estas permanecem atualmente neste espaço e que o estilo de vida destes novos *habitués* constrange a ida dos de outrora. Cabe aos afamados médicos, advogados e lojas finas também se deslocarem para acompanhar o fluxo do estilo de vida que exige estes serviços.

Décia traz o caso de um conhecido, dono de uma loja da qual ela era freguesa, que mudara da Rua da Praia para o Shopping Iguatemi devido à mudança de paisagem que a zona central sofrera, bem como a alternância da classe econômica das pessoas que circulam nesta rua em detrimento das que circularam há pelo menos quatro décadas.

É, é como me disse numa ocasião a não muito tempo atrás, ali na Rua da Ladeira com a Rua da Praia ali tinha uma casa de burman, de conjuntos de isso aqui. Vendiam ali e eu era freguesa, comprava ali. Daí um dia ele botou um rincão lá no Iguatemi e daí ele disse que ele teve que sair porque não dava mais pra continuar por causa dos elementos, que os bancos tinham saído, as famílias tinham saído e como havia mudança de elemento e de povo. Um novo comércio que tava no chão, ele teve que fechar ali e passar pra lá. Ele foi obrigado a fechar. Tiveram que sair dali, foi o que ele me disse lá no Iguatemi, perguntei o senhor não tinha uma casa? Tinha, fechei por que... Mudanças... Tem que acompanhar as mudanças. E ele tem razão.

Ana Maria também se refere à migração dos médicos e clínicas para os bairros de classe média da cidade de Porto Alegre com pesar:

Não, não me lembro, sempre teve esmoleiro e coisa, mas eu não via. Era o pessoal mais, tu te arrumava pra ir pra Rua da Praia. Hoje tu anda a vontade e coisa, mas não tu te arrumava. Era bem diferente. Sábado de manhã, por exemplo, a gente saía do colégio e ia pra Rua da Praia. Eu me lembro que a gente ia de uniforme e tinha uma colega minha que trazia roupa e trocava de roupa pra não ir de uniforme pra Rua da Praia, mas daí era só passear. Depois quando eu já trabalhava e tudo, sábado de manhã ia pra Rua da Praia pra ir pra fazer compras porque não tinha shopping né, as melhores casas eram todas aí. Médicos, dentista, tudo e agora já estão saindo né pra bairros. Muitos edifícios de médicos, muitas clínicas né.

Outro ponto importante para esta discussão é a dificuldade de acesso à zona central, um dos motivos apontados pelas minhas interlocutoras como fator agravante de seus “abandonos” ao centro de Porto Alegre. Cabe aqui refletir a questão do envelhecimento, tanto nos deslocamentos quanto nas narrativas acerca do medo.

Décia conta que vai ao centro da cidade somente em suas idas ao oftalmologista que permanece com seu consultório na Rua da Praia, mas que o acesso a zona central é difícil, pois além de não possuir garagens para os carros, os ônibus-lotação deixam os passageiros em lugares onde ainda se tem que caminhar em meio à multidão.

Sim pra chegar né, porque é difícil chegar e outra coisa hoje em dia tu pega lotação em qualquer lugar te deixa no centro, porque pra carro não tem garagem, porque normalmente as garagens são longe de onde tu vai.

Tânia concorda em sua narrativa com dois fatores aqui discutidos. De um lado, o abandono do centro por profissionais qualificados, do outro, a dificuldade de acesso à Rua da Praia por pessoas de mais idade, um dos motivos que levaram estes bons profissionais à migração para os bairros elitizados.

Eu tenho um amigo meu que é dentista que se mudou faz três anos pra aquele Centro profissional da Lima e Silva ali e ele disse que ele teve que sair do centro porque realmente o público foi ficando mais velho e aí a dificuldade ficou muito grande porque o Edifício dele é aquele edifício onde é o, ah pois é não consigo me lembrar como é aquela grande magazine e é naquele edifício e ele disse: Olha fui obrigado, porque me diziam “como é que eu venho?, tá difícil pra eu vir aqui. Daí ele disse que começou a se dar conta que realmente tá muito difícil porque carro não chegava, táxi não podia pegar, tinha que parar numa esquina caminhar duas ou três quadras e aí ele me disse “Sou obrigado”, aí ele me falou que tudo que é ...quando ele se formou o sonho assim de conseguir juntar dinheiro e coisa e tal era conseguir juntar dinheiro e comprar um consultório na Rua da Praia porque era o local né e aí ele disse que exatamente hoje em dia ficou completamente desvalorizados os prédios né, porque realmente né, e tu sabe que aqueles prédios ali, os apartamentos são maravilhosos, são enormes, uma construção muito boa, de muito boa qualidade. Então, agora começam a surgir edifícios novos e os edifícios antigos começam a fazer reestruturação nele né, porque começam a se renovar.

Se retomarmos à narrativa de Ursel, que desabafa não mais ir ao centro da cidade pelo medo de ser empurrada em meio a multidão o que se agrava com o fato de ela usar bengalas, podemos refletir em comunhão com as narrativas anteriores que o envelhecimento também é um fator que constrange a idas a este espaço altamente movimentado, fazendo com que ele seja compreendido como um espaço perigoso, gerador de medo e angústia as pessoas que não se encontram em pleno vigor físico devido ao próprio envelhecimento.

Nesse sentido, Cornelia Eckert (2002), em seu artigo “A cultura do medo e as tensões do viver a cidade: narrativa e trajetória de velhos moradores de Porto Alegre” enfatiza que estes velhos moradores refletem sobre a crise e a violência que assolam as grandes cidades ressitando “sua própria identidade de ser cidadão nesse contexto, configurando a construção de sua identidade cidadina como um processo de identidade” que perpassa o processo de envelhecer nesta cidade, aprendendo a ser “idoso” ao mesmo em que se aprende a conviver com a violência (Eckert, 2002:74), ou seja, ambas aprendizagens deslocam este sujeito de suas vivências anteriores fazendo com que estes ressituem sua identidade e remodelem suas ações cotidianas.

Como a autora aponta, estes velhos moradores oriundos de camadas médias narram suas vulnerabilidades neste contexto urbano de violência mostrando como estão mais suscetíveis a pequenos furtos e agressões, o que os faz tornarem-se “uma população bastante propensa a

desenvolverem um sentimento de receio e ressentimento face ao desamparo e a impotência de ação” (Eckert, 2002:98). Isso acaba por transformar não apenas suas atitudes frente aos espaços públicos, como alterar seus espaços de lazer, como é o caso dessas *habitués* de outrora, mas também altera a forma com que estes cidadãos “atribuem sentido a vida e representam seu entendimento do mundo” (Eckert, 2002:100).

Trago esta reflexão com o intuito de compreender que não apenas os espaços se transformaram, nem somente os estilos de vida se alteraram, mas que também estes sujeitos se modificaram concomitantemente com estes espaços. O envelhecer frente a uma cidade violenta altera a percepção desta, ou seja, na medida em que “as intimações objetivas que emanam do mundo cósmico e social” se modifica as “pulsações subjetivas e assimiladoras também se transforma” (Durand, 2002:41). Eis aqui novamente o conceito de trajeto antropológico (Durand, 2002) orientando as transformações e o sentido da vida humana.

Assim, para Paul Ricoeur (1994) a composição poética da narrativa é concebida no campo de nossa experiência temporal com base em uma pré-compreensão do mundo e da ação: “das estruturas inteligíveis (explicitadas por uma semântica da ação), das fontes simbólicas (mediações simbólicas da ação) e do caráter temporal (capacidade da ação a ser narrada)” (Ricoeur, 1994:88).

Dessa forma, as histórias narradas por estas interlocutoras emergem de um “pano de fundo”, ou seja, elas são narradas na consonância de todas as histórias da Rua da Praia por elas ouvidas e vivenciadas, sejam atuais ou de outrora. É nesse sentido que a narrativa é um ato da imaginação produtora e criadora, um ato que acompanha o “jogo entre a inovação e a sedimentação dos paradigmas que esquematizam a tessitura da intriga” (Ricoeur, 1994:118) também na Rua da Praia, em Porto Alegre.

## 8. Considerais Finais

Nesta dissertação, busquei problematizar o impacto das transformações urbanas na vida cotidiana dos sujeitos da pesquisa e os mecanismos de “reinvenção do cotidiano”, para parafrasear Michel de Certeau (2008), que são agenciados por estes no viver a cidade, ou seja, o mundo urbano moderno-contemporâneo. Orientada pela “etnografia da duração” de Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert busquei compreender como esses sujeitos da pesquisa elaboram em suas narrativas, a suas vivências em uma cidade frente à inúmeras transformações urbanas, reconstituindo em suas lembranças espaços que estão vivos na memória, mas já com suas matérias físicas dilaceradas.

Um de meus grandes desafios nesta pesquisa foi trazer à luz dos conceitos de Georg Simmel (apud Moraes Filho, 1983), mais especificamente, a dimensão conflitual das relações sociais sem desmerecer qualquer opinião acerca desta trama urbana, trazendo os diversos e distintos discursos acionados em meio a processos de transformações urbanas, que alteram significativamente o viver cotidiano dos habitantes da cidade de Porto Alegre.

Criar um universo polifônico não é tarefa fácil. Aquilo que se entende por neutralidade do pesquisador tensiona-se com os posicionamentos políticos do etnógrafo que vivencia os dilemas do campo junto às pessoas que praticam os lugares. Pensar a questão patrimonial e as ações governamentais em torno deste eixo exigiu de minha parte um exercício constante de relativismo na busca de não essencializar as ações do Estado. Mesmo que Herzfeld (1997) tenha nos mostrado que este seja o intuito deste, ou seja, que os essencialismos são o próprio produto das generalizações e da “despoetização da vida social”, funções genuinamente estatais. Os conceitos de Michel de Certeau (2008) e Michael Herzfeld (1997) são cruciais na medida em que desvelam o caráter dinâmico das apropriações (por parte dos sujeitos de pesquisa) e mesmo das formulações das ações estatais.

Uma de minhas tentativas nesta dissertação foi a de problematizar as ações de políticas patrimoniais à luz dos estudos de memória, trazendo uma reflexão que aponta para o fato de que a finitude das coisas não reside apenas na matéria. Isso não significa dizer que não exista a necessidade de políticas de conservação das “matérias históricas”, muito menos que se deva colapsar a perspectiva patrimonialista em detrimento da memória coletiva e do cotidiano, mas

que do diálogo entre concepções distintas possam emergir mecanismos de preservação histórica que levem em conta os sujeitos posicionados à margem da história nos dias atuais.

Trazer à tona a rítmica desta rua e a profusão de imagens que ela evoca, foram metas que busquei alcançar no desenrolar da construção desta intriga narrativa. Percorrer a rua na simplicidade de seu cotidiano demonstrando a complexidade das relações que dali emergem, foi um dos objetivos que percorri na composição desta dissertação. Reconstituir via imagem textual e fotográfica este jogo de narrativas e imagens sobrepostas que “borbulham” sobre esse espaço urbano, foi um desafio da pesquisa.

Minha intenção terá sido alcançada se os leitores tiverem compreendido que a Rua da Praia é um espaço multifacetado, do qual emergem múltiplos discursos e no qual convivem variados estilos de vida. O fato da rua em questão possuir importância histórica significativa para a cidade de Porto Alegre aumenta ainda mais a complexidade do cenário, pois os olhos do poder público se voltam ainda mais para este espaço, a fim de moldá-lo a uma dinâmica universalista, que prevê uma determinada estética compartilhada com estilos de vida específicos.

Discussões patrimoniais e acerca da segurança pública enfatizam o zelo estatal para com este espaço urbano, de forma a constituí-lo como “centro histórico” da cidade de Porto Alegre.

Embora esta pesquisa tenha sido desenvolvida no momento anterior à finalização dessas ações governamentais, já se pode perceber a transformação da paisagem urbana. Após ter dado por encerrada a pesquisa de campo, pude perceber inúmeras transformações na Rua da Praia: restaurantes elegantes começaram a ser abertos; o espaço da Galeria Chaves passa atualmente pela implantação de um projeto de reforma arquitetônica e a partir de então, a mídia vem constantemente divulgando tais melhorias no lugar de memória (Halbwachs, 2006), a fim de atrair o público que antes o repudiava.

Enquanto isso, os *habitués* atuais resistem às mudanças e permanecem neste espaço, reinventando o seu cotidiano e ressignificando as alterações da paisagem.

Sendo assim, aprendi com meus interlocutores que este espaço não é apenas um “lugar de passagem”; pelo contrário, é nele que se constituíram e se reafirmaram identidades sociais. Seja com os *habitués* de outrora que mostram como seus *foontings* eram importantes na conformação de suas redes sociais, nas sociabilidades lúdicas, possibilitando até o início de um matrimônio que começara em um flerte na Rua da Praia. Seja com os *habitués* atuais, que mostram resistência



às ações governamentais que visam à higienização do centro de Porto Alegre e a consequente “retirada” dessas camadas populares.

## 9. Referências

- ACHUTTI, Luiz Eduardo Robison. **Fotoetnografia da Biblioteca Jardim**. Porto Alegre. Editora UFRGS, 2004.
- ARANTES, Antonio Augusto Neto. **Paisagens Paulistanas: transformações do espaço público**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2000.
- BACHELARD, Gaston. **A dialética da duração**. SP, Ática, 1988.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BELLAVANCE, Guy. Mentalidade Urbana, mentalidade fotográfica. In: **Cadernos de Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Núcleo de Antropologia e Imagem, nº 4, p. 17-29, 1997
- BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. Trad. de E. A. Cabral e J. B. de Oliveira Damiano. In: **BENJAMIN, W.; HORKHEIMER, W.; ADORNO, T. W.; HABERMAS, Textos escolhidos**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas vol. 1. Magia e técnica, arte e política**, São Paulo, Brasiliense, 1993.
- BENJAMIN, Walter. **Walter Benjamin: sociologia**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade - lembranças de velhos**. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**. Sobre a teoria da Ação. Campinas-SP: Papyrus, 2007.
- CALABRESE, Osmar. **A idade Neobarroca**. Lisboa: Edições70, 1987.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo, UNESP, 2000.

CUTY, Jeniffer A. **Porto Alegre e seus patrimônios no século XX: evolução de conceitos, valores e feições na materialidade urbana**. Em *Questão* (UFRGS), v. 13, p. 243-257, 2007. Texto consultado através do site: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/2983/2035>.

DE CERTEAU, Michel. “A linguagem alterada, a palavra possuída”. In: **A Escrita da História**. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2002.

DE CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

DOUCLAS, Mary. **Pureza e perigo**. Lisboa: Edições 70, 1991.

DURAND, Gilbert. **A fé do sapateiro**. Brasília: Editora da UNB, 1995.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Lisboa: Edições 70, 1993.

DURAND, Gilbert. **As estruturas Antropológicas do Imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “A cidade sede de sentidos”. In: Manuel Ferreira Lima Filho, Jane Beltrão, Cornelia Eckert. (Org.). **Antropologia e Patrimônio Cultural Diálogos e Desafios Contemporâneos**. 1 ed. Blumenau: Nova Letra, 2007, v. 1, p. 343-361.

ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “Etnografia de Rua: Estudo de Antropologia Urbana”. In: **RUA, Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da Unicamp – NUDECRI – Campinas**, março 2003, número 9. p. 101 a 127.

ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “Imagens do tempo nos meandros da memória: por uma etnografia da duração”. In: **Imagem e Memória: Ensaios de Antropologia Visual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

ECKERT, Cornelia, ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “A memória como espaço fantástico”. In: **Revista Iluminuras. Série de publicações eletrônicas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, LAS, PPGAS, IFCH e ILEA FRGS. Número 01**, Porto Alegre, 2000.

ECKERT, Cornelia, ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “O Infra-Ordinário na Paisagem Urbana como Condição da Produção de Etnografias Sonoras e Visuais”. In: **Revista Iluminuras. Série de**

**publicações eletrônicas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, LAS, PPGAS, IFCH e ILEA FRGS. Número 10**, Porto Alegre, 2004.

ECKERT, Cornelia, ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2005.

ECKERT, Cornelia, ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “Os jogos da memória”. In: **Revista Iuminuras. Série de publicações eletrônicas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, LAS, PPGAS, IFCH e ILEA FRGS. Número 02**, Porto Alegre, 2000.

ECKERT, Cornelia. “A cultura do medo e as tensões do viver a cidade: narrativa e trajetória de velhos moradores de Porto Alegre” In: MINAYO, Maria Cecília de Souza e COIMBRA JR. Carlos E. A. (organizadores). **Antropologia, Saúde e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002. p. 73 a 102.

FONSECA, Cláudia. “Antropologia, Educação e Cidadania”. In: **Revista do GEMPA – Grupo de Estudos em Educação, Metodologia de Pesquisa e Ação, nº 3**, Porto Alegre, março de 1994. Texto consultado através do site: <http://www.smec.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-escola/professor/artigos/antropologia....pdf>.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: Guia histórico**. Porto Alegre: Ed. Da universidade/UFRGS, 1992.

GEERTZ, Clifford. “Estar lá, escrever aqui”. In: **Revista Diálogo, nº 3, v.22**, São Paulo, 1989. p. 58-63.

GOLDMAN, Marcio. **Resenha do livro Cultural intimacy: social poetics in the nation-state de Michael Herzfeld**. In: Revista Mana (online). 1998, v. 4, n. 2, pp. 150-153. Texto consultado através do site: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v4n2/2418.pdf>

GRAVINA, Heloísa Corrêa. **Ser da Praça: Performance- Etnografia na Praça da Alfândega**. Porto Alegre: Dissertação defendida no Programa de Pós Graduação em Antropologia Social: UFRGS, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HERZFELD, Michael. **Cultural Intimacy: Social Poetics in the Nation- State**. New York/ London: Routledge, 1997.

JEUDY, Henry Pierre. **Memórias do Social**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

LANE, Jill. **Reverend Billy: Preaching, protest and postindustrial flânerir.**: TDR / The Drama Review, 1 March 2002.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LEWGOY, Bernardo. **A invenção de um patrimônio. Um estudo sobre as repercussões sociais do processo de tombamento e preservação de 48 casas em Antônio Prado/RS**. Porto Alegre: Dissertação defendida no Programa de Pós Graduação em Antropologia Social: UFRGS, 1992.

LIMA, Roberto Kant de. “Administração de conflitos, espaço público e cidadania: uma perspectiva comparada”. In: **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, Vol. 1, Número 2, 2001. Texto consultado através do site: <http://revistaseletronicas.pucrio.br/ojs/index.php/civitas/article/view/73>

LINS DE BARROS, Myrian. “Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice”. In: **Velhice ou Terceira Idade?** Rio de Janeiro: Ed Fundação Getulio Vargas, 1998.

MAFFESOLI, Michael. “O poder dos espaços de celebração”. In: **Revista Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, número 116, 1994.

MAGNANI, J. Guilherme. “O pedaço das crianças”. In: **Revista SESC**. São Paulo, 2007. Extraído do site: <http://www.n-a-u.org/magnaniopedacodascrianças.html>

MAGNANI, J. Guilherme. “Quando o campo é a cidade: Fazendo antropologia na metrópole”. In: MAGNANI, J. G. e Lilian L. TORRES (orgs.). **Na Metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: Edusp – Fapesp, 1996.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MARTINI, Maria Luiza. **Assim nasceu a Rua da Praia**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001.

MARTINI, Maria Luiza. **Corredor Cultural – Rua da Praia**. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura, 1997.

MATTA, Roberto da. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1985.

MATTA, Roberto da. **Carnavais, Malandros e Heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MATTA, Roberto da. **O ofício de Etnólogo, ou como ter Anthropological Blues**. Boletim do Museu Nacional, Rio de Janeiro, n.27, 1978.

MONTEIRO, Charles. **Memória e esquecimento nas artes de lembrar a cidade de Porto Alegre nas crônicas de Nilo Ruschel**. Texto consultado através do site: <http://nuevomundo.revues.org/index1534.html>, 2006.

MORAES FILHO, E. (Org.). **Simmel**. São Paulo, Editora Ática, 1983.

OLIVEN, Ruben George. “O nacional e o estrangeiro na construção da identidade brasileira”. In: Bernd, Zilá (org.). **Olhares Cruzados**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2000.

OLIVEN, Ruben George. “Por uma Antropologia em cidades brasileiras”. In: Velho, Gilberto. **O Desafio da Cidade**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980.

PEIRANO, Mariza. “A análise antropológica de rituais”. In: **Série Antropologia, n. 270**. Brasília: Editora da UNB, 2000. p. 01-35.

PEIRANO, Mariza. “Temas ou Teorias? O estatuto das noções de ritual e de performance, Resumo”. In: **Campos – Revista de Antropologia Social**. Paraná : UFPR, v. 7, n. 2, 2006.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. **Envelhecimento e Imagem. As fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro**. São Paulo: Annablume, 2000.

PEREC, Georges. **Espèces d’espaces**. Paris: Éditions Galilée, 1974/2000.

PESAVENTO, Sandra. **O espetáculo da rua**. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do Sensível: estética e política**. São Paulo: EXO experimental org., Ed 34, 2005.

RICOEUR, Paul. “Tempo e Narrativa: a tríplice mimese”. In: **Tempo e narrativa. Tomo I**. Campinas: Papirus, 1994.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “As Figurações de Lendas e Mitos Históricos na Construção da Cidade Tropical”. In: **Revista Iluminuras. Série de publicações eletrônicas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, LAS, PPGAS, IFCH e ILEA FRGS. Número 08**, Porto Alegre, 2001.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **Le sanctuaire du désordre, ou l'art de savoir-vivre des tendres barbares sous les Tristes Tropiques - l'esthétique urbaine e la m'moire collective au sud du Brésil**, Tese de doutorado defendida na Universite de Paris V. Ano de Obtenção: 1994.

RODOLPHO, Patrícia. "Encontrando imagens na e da Rua da Praia: problemas e descobertas de uma etnografia urbana". In: **Revista Iuminuras. Série de publicações eletrônicas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, LAS, PPGAS, IFCH e ILEA, UFRGS, Número 07**, Porto Alegre, 2001.

SÁ JUNIOR, Renato Maciel de. **Anedotário da Rua da Praia**. Porto Alegre: Editora Globo, 1981.

SAHLINS, Marshal. **Cultura e Razão Prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003<sup>a</sup>, 1976 (Coleção Antropologia Social).

SANHUDO, Ary Veiga. **Porto Alegre: Crônicas de minha cidade**. 2º edição. Porto Alegre: Universidade de Caxias do Sul, 1979.

SANHUDO, Ary Veiga. **Porto Alegre: Crônicas de minha cidade. V.2**. Porto Alegre: Editora Movimento, 1975.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade**. Tradução: Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SIMMEL, Georg. "A Filosofia da paisagem". Tradução de Simone Carneiro Maldonado. In: **Revista e Política e trabalho**, número 12, 1996.

SIMMEL, Georg. **Filosofia do amor**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SIMMEL, Georg. "A metrópole e a vida mental". In: **O Fenômeno Urbano**. Otávio Guilherme Velho (org.). Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1985.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**. . RJ, Jorge Zahar, 2006.

TAMBIAH, Stanley Jeyaraja. **Culture, Thought, and Social Action**. Cambridge, Mass.: Harvard University, 1985.

TRAVASSOS, Sonia Duarte. "Fotografia e construção etnográfica". In: **Cadernos de Antropologia e Imagem n. 3**, Construção e análise de imagens. Rio de Janeiro :UERJ, 1996.

TURNER, Victor. **O Processo Ritual. Estrutura e Antiestrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974.

TURNER, Victor. "The Anthropology of performance". In: TURNER, Victor. **The Anthropology of performance**. New York: PAJ Publications, 1992.

VELHO, Gilberto e KUSHNIR, Karina. (1996) "Mediação e metamorfose". In: **Revista Mana: estudos de antropologia social**, vol. 2, nº 1, abril de 1996, p. 97-107.

VELHO, Gilberto. "O antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia". In: Velho, Gilberto. **O Desafio da Cidade**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1979.

VELHO, Gilberto. "Observando o Familiar". In: NUNES, Edson de Oliveira (organizador). **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **A mal entendida**. In: A cidade de perfil - Organização de Sérgio Faraco. Centro Cultural Porto Alegre, 1994.

WAGNER, Helmut R. (Org. e Introdução). **Fenomenologia e relações sociais. Textos (escolhidos de Alfred Schutz**. RJ, Zahar, 1979.

## 9.1. Filmografia

### **Documentário Etnográfico "Em Cantos da Praça"**

**(Porto Alegre, 2004, 25 min / MiniDV)**

Direção: Ana Luiza Carvalho da Rocha

Equipe de Produção: Rafael Devos, Luciana Mello, Olavo Marques, Ana Luiza Carvalho da Rocha, Paula Biazus, Viviane Vedana

Edição: Rafael Devos, Olavo Marques, Luciano Spinelli, Viviane Vedana, Fernanda Rechenberg, Tháís Vieira

Produção Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

### **En remontant la Rue Villin ( França, 1992,49 min)**

Direção: Georges Perec & Robert Bobern.



## 9.2. Fontes Jornalísticas

Autor desconhecido. “A decepção do artista”. *Zero Hora*, 18/10/2007, p.49.

Autor desconhecido. “Memórias da cidade que não existe mais”. *Zero Hora*, Segundo Caderno 18/10/2007, p.07.

Autor desconhecido. “O futuro do Centro em debate”. *ZH Centro*, 16/05/2008, p.3.

Autor desconhecido. “Um vândalo no meio do caminho”. *Zero Hora*, 18/10/2007, p.38.

Autor desconhecido. “Vandalismo noturno”. *Zero Hora*, 18/10/2007, p.62.

Autor desconhecido. “Vias da região serão abertas para carros”. *ZH Centro*, 16/05/2008, p.3.

Coelho, Fabiana Alves. “Vive-se bem no Centro”. *ZH Centro*, 16/05/2008, p.9.

Ludwing, Paulo. “Porta de prédio é levada da Rua da Praia”. *Zero Hora*, 13/01/2009, p.35.

Santana, Paulo. “O livro roubado”. *Zero Hora*, 18/10/2007, p.63.

Santos, Pedro Paulo José. ”Vandalismo”. *Zero Hora*, 18/10/2007, p.62.

Silva, Michele. “Uma nova cara para o largo.” *ZH Centro*, 16/05/2008, p.8.

Zaffari, Fernanda. “Por que é *cool* morar no Centro”. *Zero Hora*, Donna ZH, 13/04/2008, p.14-16.

## 9.3. Sites Consultados

<http://www.monumenta.gov.br/>

<http://www2.portoalegre.rs.gov.br/vivaocentro/>

<http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smic/>

[http://www.carris.com.br/default.php?p\\_secao=4](http://www.carris.com.br/default.php?p_secao=4)

<http://www.portoalegre.rs.gov.br/>

<http://www.rosanevolpatto.trd.br/lendaigrejadores.html>